



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Psicologia

Rodrigo de Vasconcellos Pieri

**Coesão no Esporte Infantil: Validação da Adaptação Transcultural do  
Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do  
Brasil**

Rio de Janeiro – RJ

2017

Rodrigo de Vasconcellos Pieri

**Coesão no Esporte Infantil: Validação da Adaptação Transcultural do  
Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil**



Dissertação apresentada, como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, ao Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia Social, da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Angela Donato Oliva

Rio de Janeiro – RJ

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/A

P615 Pieri, Rodrigo de Vasconcellos.  
Coesão no Esporte Infantil: Validação da Adaptação  
Transcultural do Questionário de Coesão do Esporte Infantil para o  
Português do Brasil/ Rodrigo de Vasconcellos Pieri. – 2017.  
112f.

Orientador: Angela Donato Oliva.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Faculdade de Psicologia.

1. Esporte – Aspectos Psicológicos - Teses. 2. Criança – Brasil  
– Teses. 3. Esporte – Brasil - Teses. I. Oliva, Angela Donato. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Psicologia.  
III. Título.

bs CDU 796:159.9

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
(Dissertação), desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Rodrigo de Vasconcellos Pieri

**Coesão no Esporte Infantil: Validação da Adaptação Transcultural do  
Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil**

Dissertação apresentada, como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, ao Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia Social, da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em 28 de Março de 2017.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Angela Donato Oliva (Orientadora)  
Instituto de Psicologia da UERJ

---

Prof. Dr. Alberto José Filgueiras Gonçalves  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Profa. Dra. Luciana Ferreira Angelo  
Instituto Sedes Sapientiae (SP, São Paulo)

Rio de Janeiro – RJ  
2017

## DEDICATÓRIA

Ao meu amado Nonno, aquele que me mostrou a beleza que há no esporte. Saudades!

## AGRADECIMENTO

A Bela, por apoiar e compartilhar cada segundo destes dois anos de produção.

A minha querida orientadora Angela Donato Oliva, sem dúvida foram dois anos de muita aprendizagem.

A minha amada mãe Verinha, por respeitar que eu trilhe meu próprio caminho, mesmo sendo tão próximo ao dela.

Ao meu pai Otávio, por ter influenciado a minha paixão por discos, livros e esporte.

Ao meu irmão-amigo e amigo-irmão Zedu, por me dar o prazer de desfrutar do verdadeiro amor fraterno.

Aos meus irmãos Joana, Pedro e Clara Pieri, por ajudarem a manter as três famílias sempre coesas.

Aos meus avôs Vera e José, por me ensinarem a importância da continuidade.

Aos queridíssimos Fernando e Tereza, por garantirem as vivências positivas nas minhas vivências familiares.

Ao meu afilhado Theo e meu sobrinho Emanuel, por nos lembrar do poder que há no sorriso de uma criança.

Aos eternos Omero, Zé Carlinhos, Bibi, Sabrina e Benedito, por tanto amor e proteção.

Aos familiares Favre e Izoton, por todo acolhimento afetivo.

Aos professores e amigos Alberto Filgueiras, Luciana Ângelo, Raphael Zaremba e Ana Carolina Fioravanti, fundamentais em meu processo de formação.

Aos bons amigos que fiz enquanto aluno do PPGPS, destaco Livia, Edilberto, Chris, Rossana, Pedro Pires, Erika, Jôse, Patrícia, Rafael e Natalia, para citar apenas alguns.

Ao professor Martin Luc, por autorizar e incentivar a adaptação transcultural apresentada nesta dissertação.

Aos psicólogos, treinadores, e instituições esportivas, atletas e seus responsáveis, por participarem e contribuírem voluntariamente da pesquisa.

O meu muito obrigado a todos os familiares, amigos e amantes da psicologia esportiva, sem vocês nada seria possível.

Todo trabalho é vazio, a não ser que haja amor.

*Kahlil Gibran*

## RESUMO

Pieri, R. V. *Coesão no Esporte Infantil: Validação da Adaptação Transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil*. 2017. 112f Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Na década de 1950, a coesão grupal foi definida como um campo de forças que mantem os indivíduos em seus grupos. Já na de 1980, coesão era apontada como o compromisso dos componentes de um grupo para com os objetivos deste. Atualmente, no contexto esportivo, a coesão é percebida como um processo dinâmico que reflete a tendência de um time em se unir e permanecer unido. A literatura é consistente em apontar uma relação de coesão grupal com a maior satisfação do atleta, interação saudável entre os companheiros de time e desejo de permanência na prática esportiva realizada por crianças. A partir do exposto e da falta de estudos que pesquisem a coesão no esporte infantil no Brasil, o presente trabalho teve como objetivo realizar um estudo de validação e adaptação transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para realidade brasileira. A amostra foi composta por 140 crianças de ambos os sexos, com idade média 10,59 anos (DP= 1,07), praticantes de esporte coletivo e pertencentes às suas equipes por, no mínimo, três meses. Os instrumentos utilizados foram Questionário Sócio Demográfico, Questionário de Coesão no Esporte Infantil e Questionário de Validação. Para análise dos dados foram utilizados Análise Descritiva, Validade Convergente, Indicador de Alpha de *Cronbach*, Análise Fatorial Exploratória e Análise Fatorial Confirmatória. Os resultados apontaram para validade da adaptação transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para a realidade brasileira, a partir de um modelo bifatorial onde há um fator geral – Coesão – e dois fatores subjacentes – Coesão de Tarefa e Coesão Social. Assim este instrumento pode contribuir com a área de avaliação psicológica de grupos esportivos de crianças brasileiras.

**Palavras-chaves:** Coesão. Grupo. Criança. Psicologia do Esporte. Esporte.

## ABSTRACT

Pieri, R. V. *Children's Sports Group Cohesion: The Validation process of the Cross-Cultural Adaptation of Child Sport Cohesion Questionnaire to Brazilian Portuguese*. 2017. 112f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

In the 1950s, group cohesion was defined as a force field that maintains individuals in their groups. In the 1980s, cohesion was identified as the components commitment of a group to its objectives. Currently, in the sports context, cohesion is perceived as a dynamic process that is reflected in the tendency for a group to stick together and remain united. The literature is consistent to appoint a correlation of athlete satisfaction, good interaction between teammates and continue participation desire in youngers athletes with cohesion. From the foregoing and the lack of studies supporting the importance of cohesion in youth sports practice in Brazil this study aimed to validated the Child Sport Cohesion Questionnaire cross-cultural adaptation to Brazilian Portuguese. The sample consisted of 140 both sexes children's with an average age of 10,59 years old (SD =1,07). All them collective sport practices and belong to their team for at least three months. The instruments used were: Sociodemographic Questionnaire, Child Sport Cohesion Questionnaire (Brazilian Portuguese version) and Validation Questionnaire. The analyses was made by Descriptive Analyses, Spearman Correlation, Cronbach's alpha, Exploratory Factor Analyses and Confirmatory Factor Analyses. Results shows that the cross-cultural adaptation of the Child Sport Cohesion Questionnaire to Brazilian Portuguese was successful achieved with a bifactor model where there is a general factor – Cohesion – and two underlying factors – Social and Task Cohesion. As it's so, this questionnaire can contribute to the promotion of more pleasant and healthy environments that focus on Brazilian's child development process through sports.

**Key-words:** Cohesion. Group. Children. Sport Psychology. Sport.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	<i>Child Sport Cohesion Questionnaire</i>	53
Tabela 2	Traduções do <i>Child Sport Cohesion Questionnaire</i>	54
Tabela 3	Traduções do <i>Child Sport Cohesion Questionnaire</i>	54
Tabela 4	Síntese das traduções do <i>Child Sport Cohesion Questionnaire</i>	55
Tabela 5	Tradução reversa da síntese das traduções do <i>Child Sport Cohesion Questionnaire</i>	56
Tabela 6	Adaptação transcultural do <i>Child Sport Cohesion Questionnaire</i>	57
Tabela 7	Dados da amostra	64
Tabela 8	Modelo original do <i>Child Sport Cohesion Questionnaire</i>	68
Tabela 9	Valores da AFE a partir do modelo original	70
Tabela 10	Valores da AFE a partir da nova organização dos itens	72
Tabela 11	Modelo do Questionário de Coesão no Esporte Infantil com dois fatores, a partir da nova organização de itens	72
Tabela 12	Modelo do Questionário de Coesão no Esporte Infantil com fator hierárquico, a partir da nova organização de itens	73
Tabela 13	Modelo final do Questionário de Coesão no Esporte Infantil (bifatorial)	74
Tabela 14	Dados da análise discursiva	75
Tabela 15	Estrutura final do Questionário de Coesão no Esporte Infantil	79

## LISTA DE ABREVIATURA

AAE	Ambiente de Adaptação Evolutiva
AFC	Análise Fatorial Confirmatória
AFE	Análise Fatorial Exploratória
AIG	Atração Individual para como o Grupo
AIG-S	Atração individual para o Grupo referente ao Social
AIG-T	Atração individual para o Grupo referente a Tarefa
CSCQ	<i>Child Sport Cohesion Questionnaire</i>
CVC	Coeficiente de Validade de Conteúdo
COI	Comitê Olímpico Internacional
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i>
GEQ	<i>Group Environment Questionnaire</i>
IFI	Incremental Fit Index
IG	Integração Grupal
IG-S	Integração do Grupo referente ao social
IG-T	Integração do Grupo referente a Tarefa
PAGEQ	<i>Physical Activity Group Environment Questionnaire</i>
QCEI	Questionário de Coesão no Esporte Infantil
QV	Questionário de Validação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TLI	Tucker-Lewis Index
YSEQ	<i>Youth Sport Environment Questionnaire</i>

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1</b>	<b>O CONSTRUCTO DE COESÃO NO ESPORTE INFANTIL.....</b>	<b>13</b>
1.1	Revisão de literatura .....	13
1.2	Coesão no contexto esportivo .....	18
1.3	Coesão no contexto do esporte infantil.....	25
<b>2</b>	<b><i>CHILD SPORTS COHESION QUESTIONNAIRE –</i></b> <b>APRESENTAÇÃO DO INSTRUMENTO ORIGINAL.....</b>	<b>34</b>
2.1	A origem do Questionário de Coesão no Esporte Infantil....	34
2.2	Apresentação do processo de desenvolvimento e validação do Questionário de Coesão no Esporte Infantil na versão original.....	41
2.3	Processo de adaptação transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para realidade brasileira.....	51
<b>3</b>	<b>ESTUDO - O PROCESSO DE VALIDAÇÃO DA ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DO QUESTIONÁRIO DE COESÃO NO ESPORTE INFANTIL.....</b>	<b>61</b>
3.1	<b>Objetivo.....</b>	<b>62</b>
3.2	<b>Método.....</b>	<b>62</b>
3.2.1	<u>Aspectos éticos.....</u>	62
3.2.2	<u>Participantes.....</u>	62
3.2.3	<u>Instrumentos.....</u>	65
3.2.4	<u>Procedimentos.....</u>	66
3.3	<b>Resultado.....</b>	<b>67</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>80</b>
	<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>83</b>

<b>ANEXO A</b> - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	91
<b>ANEXO B</b> - Questionário Sóciodemográfico	93
<b>ANEXO C</b> - Questionário de validação	94
<b>ANEXO D</b> - Child Sport Cohesion Questionnaire in Brazil	95
<b>ANEXO E</b> - Revista Brasileira de Psicologia do Esporte	100

## INTRODUÇÃO

Em minha dissertação de Mestrado procurei pesquisar um tema que me intrigava há sete anos, momento em que comecei a trabalhar com esporte coletivos, que era a importância das relações entre os membros de uma mesma equipe. De acordo com Weinberg e Gould (2011) estas relações, para serem positivas, dependem de como cada atleta as percebe em seu time. Para ser mais preciso, depende da coesão grupal do time. Coesão trata-se de um constructo teórico bastante pesquisado na literatura esportiva internacional (Carron, Widmeyer & Brawley, 1985; Filho, Dobersek, Gershgoren, Becker & Tenenbaum, 2014; Martin, Carron, Eys & Loughhead, 2013; Ohlert, Kleinknecht & Kleinert, 2015; Whitton & Fletcher, 2014) mas pouco estudado no Brasil (Nascimento Jr, Vieira, Rosado & Serpa, 2012).

O direcionamento para o esporte praticado por crianças se deu por entender que, se a falta de coesão em equipes esportivas adultas pode aumentar os casos de enfermidades e lesões (Booth et al., 2013; Côté & Fraser-Thomas, 2011), no esporte infantil pode facilitar a desestabilização emocional e, em alguns casos, prejudicar o desenvolvimento biopsicossocial do atletas mirim (Martin et al., 2013). Além disso, a partir das observações realizadas durante a minha prática nas diferentes instituições esportivas, que pude atuar, somado a literatura esportiva internacional, que tive acesso nestes últimos anos, pude perceber que a coesão grupal pode influenciar diretamente no desejo da criança em permanecer como membro de seu time (Pieri, Pires, Filgueiras & Oliva, 2016).

A opção por compor o grupo de pós-graduação da Profa. Dra. Angela Donato Oliva, entre outros, se deu principalmente por dois motivos. Sua abertura em analisar as diferentes relações presentes nos contextos esportivos, tendo inclusive orientado tese de Doutorado nesta área. Além de entender que a Psicologia Evolucionista, abordagem pesquisada pela mesma, seria a mais adequada visto que estuda justamente os mecanismos do funcionamento psicológico, inclusive nas relações grupais (Gonçalves, 2010; Yamamoto e Lopes, 2009).

Foi justamente a partir das orientações da Profa. Dra. Angela Donato Oliva que surgiu o interesse em realizar a adaptação transcultural do questionário de coesão no

esporte infantil para a realidade brasileira. Percebeu-se que esta poderia ser uma boa maneira de avaliar a eficácia dos ambientes esportivos oferecidos para as nossas crianças. Para isso seria importante ter o consentimento do Professor Dr. Luc Martin, da Queen's University de Ontario, Canada. Este, durante todo o processo, via correio eletrônico, não só se interessou pelo desafio como também se colocou a disposição para ajudar no que fosse necessário.

Em 2016, durante o período de Mestrado, foi publicada na Revista Brasileira de Psicologia Esportiva a adaptação transcultural do questionário original (Martin et al., 2013). Adaptação esta que só fui capaz de fazer graças as colaborações dos amigos Professores Drs. Pedro Pires e Alberto Filgueiras, além é claro da minha orientadora Profa. Dra. Angela Donato Oliva (Pieri et al., 2016). A partir deste momento um novo desafio foi lançado, validar a adaptação transcultural publicada, processo realizado com sucesso e apresentado na presente dissertação.

# 1 O CONSTRUCTO DE COESÃO NO ESPORTE INFANTIL

## 1.1 Revisão de literatura

Se atualmente entende-se por coesão um processo dinâmico que se reflete na tendência dos membros de um grupo, estar juntos e permanecerem unidos em busca de um objetivo comum ou pela satisfação afetiva, longo foi o caminho percorrido até que se chegasse a esta compreensão (Carron et al., 1985; Martin et al., 2013). A coesão é um constructo que já vem sendo pesquisado em grupos de diferentes contextos há algumas décadas (Drescher, Burlingame & Fuhriman, 1985; Carron & Hausenblas 1998; Heuza & Fontayne, 2002; Leo, Gonzalez-Ponce, Sanchez-Oliva, Pulido & Garcia-Calvo, 2015). O que se constatou nos últimos vinte anos foi que a maior parte dos estudos que se dedicam à coesão investigam-na em grupos esportivos (Donkers, Martin, Paradis & Anderson, 2015; Pescosolido & Saavedra, 2012).

O presente capítulo pretende, inicialmente, apresentar a história da definição e operacionalização do constructo, tendo como ponto de partida a metade do século passado. Em seguida será discutida a presença deste construto no cenário esportivo para, por fim, fazer a análise de sua importância na conjuntura atual da psicologia esportiva infantil. A Psicologia Evolucionista também será abordada, visto que ela investiga os efeitos do grupo social sobre o comportamento dos indivíduos (Yamamoto & Lopes, 2009). Além disso, a partir dos conhecimentos da biologia evolutiva, conjuntamente com as pesquisas da psicologia cognitiva, busca compreender os possíveis impactos ambientais que moldaram, de certa maneira, aspectos da mente humana, incluindo a sua forma de se relacionar com os grupos (Barkow, Cosmides, & Tooby, 1992; Gonçalves, 2010).

No ano de 2012 três estudos dedicaram-se a abordar e a operacionalizar a coesão a partir de uma revisão histórica do constructo. Drescher, Burlingame e Fuhriman (2012) realizaram uma revisão bibliográfica referente à definição do constructo, baseando-se exclusivamente na área clínica. Pescosolido e Saavedra (2012), publicaram um levantamento que buscava entender o que faz com que a

coesão exerça influência e opere de forma distinta em diferentes contextos. Greer (2012), buscou traçar o percurso evolutivo das pesquisas focadas em coesão grupal.

Drescher et al. (2012) concluíram que a coesão era uma das variáveis mais investigadas quando o assunto pesquisado era a dinâmica de pequenos grupos. No entanto, o estudo apontou que, até aquele momento, ainda não havia uma perspectiva clara e integrada quanto aos fatores que geram e que são gerados pela coesão grupal. Fato esse que, segundo os autores, apontava para a falta de um consenso quanto a sua definição conceitual.

Cohesion is one of the more frequently investigated variables in small group process. (...). The attention that it has received, however, has not created a clear or integrated picture of its determinants and effects. (...) We believe the problem resides in both: The concepts lack consensual definition and approaches to investigating them remain unsystematic (Drescher et al., 2012, pp.663).<sup>1</sup>

Um dos estudos revisitados por Drescher et al. (2012) foi o publicado por Yalom e Leszcz (2005), que apontavam para a falta de coesão nas pesquisas e nos diversos estudos que se dedicavam a definir o constructo. De todo modo, eles diziam que tais pesquisas concordavam entre si em pelo menos um ponto: o fato de que a percepção de pertencimento grupal difere de um grupo para outro. Ou seja, as possíveis relações entre membros de um grupo nunca são similares (Yalom & Leszcz, 2005). Os resultados encontrados por Pescosolido e Saavedra (2012) e Greer (2012), que investigaram artigos considerados determinantes para a compreensão do desenvolvimento teórico do constructo (Carron & Brawley, 2000; Drescher et al., 1985; Evans & Dion, 1991; Gully, Devine & Whitney, 1995), também apontavam para a complexidade do constructo e para o equívoco de se estabelecer uma perspectiva generalista.

A primeira definição de coesão globalmente aceita foi dada por Festinger em 1950 (Drescher et al., 2012). É uma definição funcional de coesão grupal como um

---

<sup>1</sup>A coesão é uma das variáveis mais frequentemente investigadas quando o assunto pesquisado é a dinâmica presente em pequenos grupos. No entanto, a atenção dedicada ainda não proporcionou uma perspectiva clara e integrada quanto aos fatores geradores e gerados pela coesão grupal. Acreditamos que essa lacuna se dê por dois motivos: A falta de um consenso quanto a sua definição conceitual e a característica assistemática na maneira de investiga-la. (Tradução própria)

campo de forças sociais que atua sobre cada membro e o faz permanecer no grupo. Esta visão predominou no campo acadêmico até a década de 1980, influenciando novas definições. Em 1975, de acordo com Pescosolido e Saavedra (2012), Staw definiu coesão como “espírito grupal” e, em 1985, Hogg e Turner disseram que coesão seria o “elo de atração interpessoal dentro do grupo”. A perspectiva teórica que defendia que a soma das atrações individuais gerava a coesão total do grupo, já vinha sendo questionada desde o início da década de 1980 (Drescher et al., 2012).

Evans e Jarvis (1980) argumentavam que o correto seria definir coesão de uma forma mais ampla, através do todo e não da atração individual. Em 1982, Fuhriman e Barlow concluíram que a coesão seria a composição dos relacionamentos presentes no grupo. Esta definição se aproximava das ideias de Evans e Jarvis, onde a coesão representa o grupo como um todo (Drescher et al., 2012). Foi a partir da publicação de outra obra do mesmo autor e colaboradores (1985) que foram apresentados os limites e os caminhos possíveis para futuras pesquisas (Greer, 2012).

A pesquisa de Drescher et al. (1985) estudou coesão em diferentes grupos e foi de suma importância, pois até aquele momento havia uma lacuna entre os estudos teóricos e empíricos referentes à coesão (Greer, 2012). Os autores apontaram que o principal motivo para isto era a inconsistência teórica e as dificuldades de medição da coesão (Drescher et al., 1985). O que se via até aquele momento era o foco predominante nas percepções individuais da coesão em diferentes grupos.

Essa visão mais amplificada, que levava em consideração o desenvolvimento dinâmico da coesão mudou a forma de pesquisar o constructo e influenciou a maioria das pesquisas posteriores (Greer, 2012). A partir de uma revisão meta-analítica na literatura, Evans e Dion (1991) entenderam que a coesão tinha impacto moderadamente positivo nos desempenhos em diferentes contextos grupais e documentaram as tendências presentes na, até então, nova forma de pesquisar coesão grupal, que buscava compreender os impactos desta sobre a *performance* de cada grupo (Donkers et al., 2015).

Após a revisão de Evans e Dion (1991), o que se viu foi uma avalanche de publicações que investigavam os efeitos positivos da coesão em diferentes grupos. Gully et al. (1995) realizaram uma nova revisão bibliográfica referente à coesão grupal e

perceberam que, mesmo havendo uma correlação positiva entre coesão e *performance* ela era mais complexa do que se costumava publicar.

Em sua revisão, Greer (2012) destacou que estes estudos de Gully et al. (1995) alertavam que os possíveis impactos que a coesão pode ter sobre o desempenho de um grupo dependem das tarefas desempenhadas por ele e que a coerência de resultados encontrados depende do tipo da análise utilizada para testar a coesão grupal. Além disso, Greer (2012) também faz referência às conclusões trazidas pelos pesquisadores que afirmavam que o paralelo entre coesão e *performance* era mais forte em grupos, cujas tarefas eram interdependentes; ou seja, um dependia do outro. A partir dos estudos de Gully et al. (1995), passou-se a dar maior importância aos tipos de tarefas desenvolvidas pelos grupos analisados e à maneira de analisar a coesão destes (Greer, 2012).

Um exemplo desta nova forma de pesquisar os impactos da coesão grupal foi a realizada por Langfred (1998). Sua pesquisa sugeria que a coesão seria como uma “faca de dois gumes”; isto é, dependendo do contexto e do desenvolvimento histórico do grupo, a coesão poderia exercer impactos positivos ou negativos na dinâmica grupal (Langfred, 1998). O autor apresentou o constructo como uma espécie de compromisso com as normas e valores mantidos pelo grupo o que foi, posteriormente, retomado por Pescosolido e Saavedra (2012).

Influenciados pela perspectiva trazida por Langfred (1998), Pescosolido e Saavedra (2012) publicaram que a coesão só é benéfica para os grupos quando os integrantes são capazes de tomar decisões durante a execução de uma tarefa e compartilham suas estratégias com as lideranças do grupo. Características muitas vezes encontradas no cenário esportivo, principalmente quando o grupo precisa sincronizar a responsabilidade de cada membro e ocorre um compartilhamento social onde o objetivo é que cada um conheça um pouco das características do outro no intuito de alcançar a melhor *performance* (Pescosolido & Saavedra, 2012).

Desde as primeiras pesquisas, estudiosos apontam para a importância de haver uma preocupação teórica e empírica no que se refere às dinâmicas que envolvem a coesão de um grupo e como ela se transforma ao longo do tempo (Greer, 2012). Após a publicação de Gully et al. (1995), as pesquisas referentes à coesão grupal foram cada

vez maiores em diferentes contextos. Em 2000, Carron e Brawley publicaram um artigo que apontava quais eram os cuidados que se deveriam tomar para medir coesão em diferentes grupos.

Carron e Brawley (2000) afirmavam que não havia uma única forma de definir e operacionalizar a coesão grupal e que tanto a definição quanto a forma de medir coesão deveriam ser adaptadas para cada situação. Eles ofereceram, assim, diretrizes importantes para as considerações e os cuidados que se deveria ter ao estudar teórica e empiricamente a coesão grupal em diferentes contextos e influenciaram o movimento que se seguiu (Greer, 2012).

Wolfe et al. (2005), estimulados pela publicação de Carron e Brawley (2000), apontaram que em comparação com a maioria das equipes empresariais, as esportivas costumam ter clareza e consistência quanto às habilidades, objetivos, definição de papéis, estrutura institucional, regras, procedimentos e outros aspectos contextuais, facilitadores do processo positivo da coesão grupal. Já Yalom e Leszcz (2005) mostraram que a coesão é essencial para que se obtenham resultados positivos em uma terapia de grupo, principalmente quando a coesão se estabelece a partir do desenvolvimento da confiança, compreensão empática e aceitação. Na mesma linha de raciocínio, pode-se dizer que a ausência de coesão positiva gera relações ineficazes e prejudiciais (Yalom & Leszcz, 2005).

Pescosolido e Saavedra (2012) concluíram que nem sempre a coesão é responsável pela mudança na forma de atuação de diferentes grupos. O que muda, muitas vezes, são os fatores contextuais em si e são justamente estas diferenças - tais como a relação de interdependência, a identidade grupal, o tipo de liderança e tantos outros aspectos - que devem ser analisadas. Segundo os autores, o papel que a coesão pode desempenhar em um grupo é a de uma combinação entre a tarefa que o grupo tem a exercer e o seu contexto de atuação.

Os autores não discordam que, no contexto esportivo, atletas de um mesmo time podem apresentar melhor compartilhamento de táticas e estratégias ao longo de uma temporada, ou até mesmo de uma partida. Da mesma forma, afirmam que membros de um grupo terapia podem desenvolver sentimentos de aceitação e pertencimento, assim como membros de uma empresa podem desenvolver um senso de responsabilidade e

sucesso compartilhado. Entretanto, concluem que, devido às diferentes formas que a coesão pode ser representada, é um erro acreditar que há uma definição padrão de coesão grupal (Pescosolido & Saavedra 2012).

As tentativas de compreender coesão a partir de uma ótica empírica têm sido tão elusivas quanto à tentativa de defini-la (Drescher et al., 1985). O que se viu ao longo das últimas três décadas foram estudos não integrados e a utilização de metodologias diferentes (Drescher et al., 2012; Pescosolido & Saavedra 2012; Yalom & Leszcz 2005). Esta variedade de medição metodológica tende a dificultar o trabalho dos pesquisadores que pretendem comparar e promover uma conclusão integrada da coesão e suas variabilidades.

Pescosolido e Saavedra (2012) afirmam que nas equipes esportivas, em comparação com outros grupos, a coesão costuma influenciá-las de forma mais nítida e, assim, concluem que, enquanto que a coesão é um constructo de grande valia no cenário esportivo, o mesmo não pode ser dito para outros tipos de grupos, visto que há ambivalências e falta de clareza. Talvez seja este o motivo de, no cenário esportivo, haver quatro instrumentos internacionalmente conhecidos que avaliam a coesão em atletas de diferentes idades: *Group Environment Questionnaire* (GEQ) (Carron, Brawley & Widmeyer, 1988); *Physical Activity Group Environment Questionnaire* (PAGEQ) (Estabrooks & Carron, 2000); *Youth Sport Environment Questionnaire* (YSEQ) (Eys, Loughead, Bray & Carron, 2009) *Child Sport Cohesion Questionnaire* (CSCQ) (Martin et al., 2013).

## 1.2 Coesão no contexto esportivo

Embora muitos autores tenham enfatizado que a formação de grupos e a necessidade de pertencimento são motivações fundamentalmente humanas (Baumeister & Leary, 1995), a Psicologia Evolucionista diz que outras espécies, que vivem em grupo, também apresentam estes traços. Entretanto, as ajudas mútuas e os favores recíprocos, assim como as alianças e as associações na história humana, permitiram, e permitem até hoje, que a nossa espécie realize tarefas em grupos que uma pessoa sozinha não seria capaz de fazê-lo (Ricard, 2015). A Psicologia

Evolucionista defende que essas e outras características foram, provavelmente, moldadas no nosso passado evolutivo como um conjunto de sistemas nêuro-cognitivos típicos da espécie que evoluiu para regular a cooperação dentro do grupo no ambiente de adaptação evolutiva (AAE) (Barkow, Cosmides & Tooby, 1992; Cosmides, Tooby & Kurzban, 2003; Tooby, Cosmides & Price, 2006).

De acordo com essa abordagem a seleção natural nos favoreceu com estratégias condicionais de desenvolvimento que refletem nos comportamentos adaptativos de acordo com o ambiente vivenciado (Yamamoto & Lopes, 2009). Assim, o movimento de buscar o pertencimento em grupos pode ter sido naturalmente selecionado no AAE por ter beneficiado aqueles que apresentavam esta característica (Gonçalves, 2010). De acordo com Tajfel (1982) é natural do ser humano cristalizar impressões dos indivíduos com quem se relaciona para formar uma percepção de grupo. Os comportamentos cooperativos, as escolhas de parceiros, e os processos de categorização de grupos são características que pertenciam aos nossos ancestrais e estão presentes no homem contemporâneo. Segundo a teoria da AAE, isto se deu pois os benefícios acarretados àqueles que apresentaram tais padrões possivelmente promoveram uma vantagem evolutiva da espécie.

Na psicologia esportiva, Carron e Hausenblas (1998) definem grupo como agregações sociais compostas por duas ou mais pessoas que possuem identidade, metas, objetivos e destino em comum, demonstrando padrões estruturados de interação e modelo de comunicação, além de possuir atração interpessoal recíproca e sensação de pertencimento ao grupo. Influenciado por esta proposta Martin, Bruner, Eys e Spink (2014) reconheceram cinco fatores cruciais que devem existir para que um conjunto de pessoas possa ser classificada como um grupo: (a) no mínimo um aspecto em comum que influencie todos os envolvidos; (b) recompensa mútua pela existência do grupo, ou seja algum tipo de benefício individual por participar do grupo; (c) estrutura social com papéis e funções demarcadas, além de normas de funcionamento conhecida por todos; (d) interação qualitativa, sendo que esta interação deve ser diretamente entre os membros do grupo, ter uma certa durabilidade e influenciar todas as pessoas envolvidas; (e) Por fim, percepção, de todos os envolvidos, de pertencimento ao grupo.

Os autores ainda defendem que a coesão é a principal responsável pela estabilidade das interações iniciais entre os membros de um grupo (Martin et al., 2014).

O cérebro humano tem a capacidade de interpretar quem são os cooperadores aliados e opositores e ao identificar aqueles que pertencem ao seu grupo tende a facilitar com que as relações sejam coesas e de confiança mútua (Gonçalves, 2010). Por ser formada a partir da combinação de cognições sociais, crenças e percepções do grupo, a coesão grupal pode ser compreendida como um reflexo da capacidade de cognição social dos integrantes do grupo. Isto é, os indivíduos desenvolvem as crenças que têm de seus grupos a partir das vivências estabelecidas e das interações com o próprio grupo (Ohlert et al., 2015). Desta forma, acredita-se que para compreender a natureza dos grupos é importante compreender a natureza da coesão grupal; isto é, se há grupo, ele é coeso em algum sentido e essa coesão reflete diretamente na estrutura e na história do próprio grupo (Carron & Brawley, 2012).

No que se refere aos estudos onde o objeto de investigação são grupos esportivos, a coesão tem ocupado papel central nas pesquisas que buscam compreender as dinâmicas existentes em diferentes equipes de variadas idades e modalidades (Filho et al., 2014; Leo et al., 2015; Ohlert et al., 2015; Whitton & Fletcher, 2014). Isto porque no esporte a percepção de pertencimento está relacionada à satisfação quanto às relações sociais presentes no grupo (Allen, 2006). Desta forma, a coesão pode contribuir para que haja um senso de confiança compartilhada dentro de uma equipe (Leo et al., 2015).

Neste cenário o modelo apresentado por Carron et al. (1998), é o mais utilizado, pois leva em consideração as perspectivas individuais (atrações individuais quanto aos objetivos e as relações afetivas do grupo) e a perspectiva quanto ao grupo (percepção dos integrantes quanto a integração grupal em prol dos objetivos coletivos e dos relacionamentos intersociais). Sugere-se, assim, que o que faz um grupo permanecer unido é a percepção, individual e coletiva do todo (Martin et al., 2013). Isto é, esta definição considera a atração tanto do grupo como de cada componente como essenciais (Eys et al., 2015).

Martin, Carron, Eys e Loughead (2012) entendem que a coesão é o constructo teórico mais propício para compreender a importância dos aspectos sociais presentes

nos relacionamentos interpessoais das equipes esportivas justamente por influenciar, negativa ou positivamente, nas ansiedades individuais e coletivas do time. Donkers et al. (2015) sustentam a proposta de que há duas perspectivas fundamentais que influenciam os atletas quanto às suas equipes: a orientação quanto a tarefa, que representa as motivações na busca dos objetivos concretos do grupo e a orientação social, que representa as motivações no desenvolvimento e estabelecimentos das relações sociais do grupo. Neste sentido, a coesão de tarefa reflete na capacidade do time em trabalhar coletivamente em busca de um objetivo em comum, já a coesão social espelha a capacidade empática do grupo e o prazer fraterno de pertencimento (Leo et al., 2015).

Diversas equipes esportivas fizeram história ilustrando o que ocorre quando há e quando não há coesão em um grupo. A seleção brasileira de futebol masculina, que representou o país na Copa do Mundo FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) em 2006, é um exemplo nítido do que acontece quando não há esse encontro. Eduardo Galeano (2013), poeta uruguaio, disse que aquela seleção “esteve na Copa de 2006, mas não foi vista” (p. 224). Mesmo com um jogador se tornando o maior goleador da história das Copas e outro alcançando o recorde de jogador com maior número de vitórias. O que se viu nesta seleção foi uma busca incessante por recordes pessoais, sem que houvesse o senso de identidade social (Galeano, 2013).

A identidade social costuma ser definida a partir de três dimensões específicas: (1) A importância de fazer parte de um grupo; (2) Sentimentos positivos associados aos companheiros de grupo e (3) percepção de semelhança, vínculo e pertencimento ao grupo (Bruner, Boardley & Côté, 2014). Weinberg e Gould (2011) dizem que há quatro elementos fundamentais para se construir um time coeso: (i) senso coletivo de identidade, quando há uma identidade comum a todos do grupo; (ii) definição de papéis, quando cada membro sabe a sua importância e a importância do outro dentro do time; (iii) modelos estruturados de comunicação, quando os componentes se compreendem verbal e não verbalmente; e (iv) normas sociais, regras construídas que buscam o melhor convívio entre as diferentes subjetividades.

A característica de ignorar o sentido de coletividade e enaltecer os objetivos individuais também pode ser vista em outras modalidades esportivas. Phil Jackson

(2004), técnico multi-campeão de basquete norte americano diz que se nas décadas de 1960 e 1970 os jogadores se questionavam sobre como eles poderiam ajudar a sua equipe, no período de mudança do século - XX-XXI - o que os atletas questionavam era como o time do qual faziam parte poderia ajudá-los. A literatura diz que essa mentalidade do esporte atual, onde o fator de motivação subjetiva privilegia principalmente o aprimoramento técnico e os resultados individuais, se faz presente desde a iniciação esportiva (Bernardes, Yamaji & Guedes, 2015), o que acaba prejudicando a construção e o estabelecimento de equipes coesas (Bergeron et al., 2015).

Ricard (2015) aponta estudos que comprovam que, independentemente das habilidades individuais, ao invés de atuar isoladamente, é mais vantajoso, tanto para o indivíduo, quanto para o seu coletivo, estabelecer a confiança mútua e o senso de cooperação. De acordo com Yamamoto (2008), de uma forma geral, a cooperação tende a aumentar a coesão do grupo, fortalecendo-o na competição contra outros grupos. Yallom e Leszcz (2005) defendem que indivíduos que compõem grupos coesos costumam sentirem-se confortáveis e pertencentes a eles, valorizando-os e se sentindo valorizados. Nas equipes esportivas, onde se faz necessário uma relação de interdependência para que se alcance os resultados propostos, a confiança que os atletas têm quanto a habilidade grupal de seu time chega a ser mais importante do que as potencialidades individuais (Leo et al., 2015).

Carron e Brawley (2012) apresentam quatro características centrais na coesão de uma equipe esportiva: (i) a multidimensionalidade: refere-se aos diversos fatores que podem motivar a união do time; (ii) o aspecto dinâmico: variação do tempo de duração da coesão; (iii) a necessidade de um propósito: motivo para se formar um time e para que este permaneça unido; e (iv) a afetividade: para se ter uma boa coesão é necessário haver uma relação afetiva positiva entre os participantes. Percebe-se assim que para muitos autores que pesquisam a ciência esportiva a coesão grupal é uma concepção expansiva que busca compreender o tipo de relacionamento estabelecido entre indivíduos e seus respectivos grupos (Pescosolido & Saavedra, 2012).

Com o objetivo de compreender a importância da coesão na perspectiva dos técnicos esportivos, ou seja, aqueles que, normalmente, constroem, desenvolvem e

lideram uma equipe, Eys et al. (2015) realizaram pesquisas com treinadores de diferentes países dos continentes europeus e americanos e concluíram que para o desenvolvimento e manutenção da coesão em uma equipe esportiva quatro fatores são fundamentais: A importância de se estabelecer uma coesão social entre os componentes, o trabalho realizado no período de pré-temporada, a estrutura funcional do grupo e a capacidade de todos em lidar com conflitos (internos e externos). Como contra argumentação, Leo et al. (2015) apontam que para se compreender o funcionamento, o desenvolvimento e a dinâmica de uma equipe não basta focar nos aspectos positivos, como por exemplo, a coesão grupal, é necessário examinar também os comportamentos indesejáveis como conflitos sociais e seus efeitos no desenvolvimento da confiança coletiva.

Importante lembrar que Langfred (1998) e Pescosolido e Saavedra (2012) já apontavam para a importância de perceber não só os aspectos positivos dentro de um grupo, mas também os prejudiciais. Segundo Gonçalves (2010) a psicologia evolucionista também aponta para os conflitos intergrupais como um fenômeno presente nas relações humanas e que acompanha o homem desde o surgimento da espécie, constituindo um elemento natural da vida. Yamamoto e Lopes (2009) utilizavam dos históricos conflitos de Kosovo, e até mesmo o próprio Holocausto, como exemplos destes terríveis conflitos grupais. No contexto esportivo não seria diferente e para isso os treinadores têm papéis cruciais. De acordo com Lorimer (2013), no contexto esportivo a importância do papel da liderança é fundamental para evitar conflitos e garantir a união da equipe.

A relação dos treinadores com seus atletas é uma relação de interdependência. Os comportamentos, pensamentos e sentimentos de cada um impactam mutuamente e podem causar tanto experiências positivas quanto negativas (Lorimer, 2013). Neste sentido, pode-se argumentar que a capacidade do treinador em compreender de forma acurada seus atletas é vital para se alcançar uma parceria funcional e assim fortalecer a coesão grupal. Um bom treinador costuma avaliar o contexto de cada situação sem se basear em preconceitos ou estereótipos, assim como não se permite se envolver ao ponto de ser impossível estabelecer um distanciamento profissional (Lorimer, 2013). A capacidade do treinador em se concentrar nos anseios de seus atletas, ou seja, suprir

suas próprias angústias pessoais pode elevar, inclusive, a acurácia empática (Mason, 2014).

O grau de acurácia dos treinadores em compreenderem seus comandados reflete suas habilidades empáticas, definidas como a capacidade de um indivíduo (observador – nesses casos, os treinadores) em conectar-se ao estado de outro indivíduo (alvo – nesses casos, os atletas) tanto nas dimensões afetivas, quanto nas cognitivas (Sevdalis & Raab, 2014). A conexão entre capacidade empática e ajudar o outro é eficaz, pois a empatia proporciona aos indivíduos uma participação emocional no bem-estar do outro.

Avaliar tendências empáticas em equipes esportivas também pode ser um caminho promissor na busca por desenvolver equipes coesas. Justamente por possibilitar a compreensão das ações e emoções do outro em uma situação de interação humana de cooperação e competição esportiva (Sevdalis & Raab, 2014). O tempo de experiência e o grau de conhecimento do treinador, além das rotinas de treinamentos ministrados, segundo os mesmos autores são aspectos presentes nos contextos de treinamento esportivo que podem influenciar a relação empática dos envolvidos.

O mesmo pode ser dito para o desenvolvimento da coesão grupal do time, isto porque, alguns processos grupais, como a habilidade de comunicação, principalmente dos treinadores, podem contribuir para que haja um maior senso de confiança compartilhada (Leo et al., 2015). Isto é, senso de segurança e de convívio em grupo mais efetivo a partir do encorajamento mútuo voltado ao aprimoramento de capacidades técnicas e na busca por fazer da atividade esportiva uma experiência agradável (Bernardes, et al., 2015).

Na literatura que pesquisa o esporte infantil, por exemplo, o tom da comunicação utilizado pelos treinadores é um dos aspectos que têm recebido maior atenção nos últimos anos (Bergeron et al., 2015). Erickson e Côté (2016) apresentam que o que importa não é simplesmente o fator funcional presente no que é dito, mas também os aspectos emocionais decorrentes da maneira pela qual se transmite a informação. Pode-se assim afirmar que a habilidade de comunicação do treinador possibilita

instruções mais adequadas, além de ajudar a criar ambiente onde o atleta encontra mais prazer para desenvolver suas habilidades (Lorimer, 2013).

Leo et al. (2015) defendem que tanto os conflitos de uma equipe, de interesse ou de relacionamento, quanto a coesão, seja por um mesmo objetivo ou pela relação intersocial, influenciam, significativamente, na confiança coletiva do time. Esta visão de que equipes esportivas que possuem um forte campo de coesão normalmente permanecem unidas por um longo tempo, enquanto que aqueles grupos que não possuem tal característica entre os seus membros costumam se desintegrar facilmente fora também defendida por Pescosolido e Saavedra (2012).

Outros autores, como Ohlert et al. (2015), vão ainda mais longe e dizem que a coesão pode influenciar não só na comunicação, na satisfação e nos casos de abandono do grupo, mas também no próprio desempenho esportivo. Como visto acima, Gully et al. (1995) e Greer (2012) já apontavam para possível correlação entre coesão e *performance*, sendo que estes autores afirmavam que o possível paralelo depende do tipo de grupo.

No esporte Eys et al. (2015) afirmam que há uma correlação bidirecional; ou seja, assim como uma equipe coesa costuma apresentar melhores desempenhos, a melhora de desempenho de uma equipe tende a aumentar a coesão da mesma. O alto grau de coesão tem sido estudado como um fator primordial para a permanência de um atleta no seu time, assim como para a redução de sintomas de ansiedade e aumento de senso de eficácia coletiva. (Eys et al., 2015).

### **1.3 Coesão no contexto do esporte infantil**

Em 2015 o Comitê Olímpico Internacional (COI) publicou um estudo que apresentava um guia de princípios básicos, para as diversas ciências do esporte, em prol de uma atuação crítica e unificada no contexto do esporte infantil, onde o principal foco era o desenvolvimento saudável dos possíveis futuros atletas. Para tal finalidade o COI reuniu um grupo de especialistas e propôs duas ações: (A) Destacar as principais considerações e desafios existentes no esporte infantil competitivo e (B) criar um modelo sustentável que sirva como guia para o desenvolvimento saudável do jovem

atleta (Bergeron et al., 2015). Por fim, percebeu-se que o mais importante era oportunizar a aprendizagem e o desenvolvimento da criança a partir da diversificação esportiva e que para isso a prática, nessa idade, deveria ser organizada a partir de dois pilares: a estrutura social do ambiente onde ocorre a atividade e os valores pessoais que cada modalidade tem para o praticante (Bergeron et al., 2015).

Côté e Vierimaa (2014) dizem que a diversificação na prática esportiva antes da criança/adolescente se especializar em uma única modalidade estimula, inclusive, as próprias habilidades desportivas. Os estudos de Jayanthi, Pinkham, Dugas, Patrickand e LaBella (2013) já defendiam a importância da diversidade esportiva comprovando que amplifica o desenvolvimento motor e a capacidade atlética destes, além de diminuir os riscos de lesão e aumentar as possibilidades da criança descobrir os prazeres esportivos e a sua modalidade predileta, fato que estimula positivamente na continuidade da prática na vida adulta. Os benefícios não cessam por aí. A diversificação esportiva na infância também tem impactos positivos nas habilidades psicossociais do sujeito visto que influencia positivamente, no mínimo, em quatro aspectos do desenvolvimento biopsicossocial da criança: habilidades interpessoais, comportamentos pró-sociais, autoestima e facilidade de se adaptar a diferentes grupos (Côté & Vierimaa, 2014).

A sua antítese, a especialização esportiva infantil, se dá quando são intensificados os treinos em apenas uma modalidade e são excluídas todas as outras. Em um passado não muito distante acreditava-se que para alcançar a elite esportiva se fazia necessário antecipar a especialização o máximo possível (Jayanthi et al., 2013). Até hoje há pais e treinadores que ainda acreditam nessa metodologia comprovadamente ineficaz (Bernardes et al., 2015; Côté & Vierimaa, 2014; Gulbin, Croser, Morley & Weissensteiner, 2013; Vierimaa, Erickson, Côté & Gilbert, 2012). A pesquisa publicada pelo COI também reforça que crianças que têm a possibilidade de experimentar uma maior variedade de modalidades esportivas antes de alcançar a puberdade tendem a apresentar maior habilidade atlética, menos casos de lesão e menos número de abandono, do que crianças que vivenciam a especialização precoce (Bergeron et al., 2015).

No mesmo ano da publicação do COI, Bernardes et al. (2015), após realizarem uma revisão bibliográfica com pesquisas que propunham identificar os motivos subjacentes à adesão e à desistência da prática desportiva na infância no Brasil, encontraram que para atletas com até quatorze anos a diversão, a afiliação e o reconhecimento social eram significativamente mais importantes do que os resultados em si. Em outras palavras, eles tendem a valorizar mais o fato de receber elogios do que receber medalhas e troféus, pois se sentem mais valorizados quando há o reconhecimento de seus pares e parentes. A revisão concluiu que os fatores que motivam a prática desportiva em jovens-atletas dependem, principalmente, de indicadores sociais e ambientais presentes na experiência (Bernardes et al., 2015).

Já no cenário internacional, estatísticas apontam que menos de 1% de atletas entre seis e dezessete anos alcançam a elite nos esportes mais populares e que a maioria dos atletas que alcançam costumam intensificar a especialização esportiva somente ao fim da adolescência (Jayanthi et al., 2013). Isto não significa que se o desejo for de fato alcançar a elite esportiva não se deve promover a especialização esportiva, mas esta especialização não deve ocorrer antes dos últimos anos da adolescência. Ainda que em alguns casos a especialização precoce no esporte possa estar associada à história de atletas que alcançaram a elite esportiva é importante levar em consideração os casos negativos, visto que, em comparação, o cultivo de talentos a partir da diversidade esportiva, sem com que se estabeleça um foco específico para a criança, costuma promover mais aspectos positivos do que negativos (Côté & Vierimaa, 2014).

Erickson e Côté (2016), também se dedicaram a estudar o esporte infantil e focaram seus esforços na compreensão da importância do ambiente de treinamento. Seus estudos demonstraram que quando os jovens atletas percebem suas equipes coesas costumam apresentar maior desejo de retornar na temporada seguinte. Entende-se que para haver uma equipe coesa é necessária a presença do prazer fraterno de pertencimento, além da capacidade de trabalhar coletivamente em busca de um objetivo em comum (Leo et al., 2015).

O COI parece já ter percebido tal fenômeno. A cartilha internacional publicada em 2015 direciona para as consequências de se buscar por novas potências olímpicas

na prática esportiva infantil. Esta conduta tem antecipado a competitividade e o profissionalismo e aumentado, conseqüentemente, os casos de abandonos esportivos ainda na infância (Bergeron et al., 2015). Neste sentido, Gulbin et al. (2013) apontam para a importância de se estabelecer um olhar diferenciado ao desenvolvimento esportivo da criança, respeitando todas as etapas do seu processo de desenvolvimento biopsicossocial e tornando, assim, a prática mais ampla e saudável. A partir de um ambiente mais prazeroso e de relacionamentos mais sólidos entre os envolvidos (Gulbin et al., 2013).

É da responsabilidade do treinador criar um ambiente que foque nas necessidades individuais de cada atleta e entender que assim se está investindo nos resultados de longo prazo e no desenvolvimento da equipe (Vierimaa et al., 2012). A busca por desenvolver times coesos tende a ser uma excelente tática. O alto grau de coesão positiva é considerado um fator primordial para a permanência de um atleta no seu time, assim como para a redução de sintomas de ansiedade e aumento de senso de eficácia coletiva (Eys et al., 2015).

A percepção de coesão varia com a idade (Bosselut, McLaren, Eys & Heuzé, 2012). No esporte adulto ela se divide em quatro dimensões: IG-T (Integração do Grupo referente a Tarefa), IG-S (Integração do Grupo referente ao social), AIG-T (Atração individual para o grupo referente a tarefa) e AIG-S (Atração individual para o grupo referente ao social) (Carron & Brawley, 2012; Nascimento Jr et al., 2012). Já no esporte infantil essas dimensões de coesão podem ser sintetizadas em duas: de tarefa e social (Martin, Carron, Eys & Loughhead, 2011). A coesão de tarefa refere-se à percepção de cada atleta quanto à relevância das ações necessárias para alcançar metas e objetivos daquele grupo (Bosselut et al., 2012). Por outro lado a coesão social refere-se à percepção de cada atleta quanto à relevância dos relacionamentos internos, por exemplo, se os companheiros do time são amigos e costumam se encontrar fora do ambiente esportivo (Bruner et al., 2014).

No caso das categorias de base, os treinadores possuem um papel fundamental na vivência que a criança terá em sua prática esportiva, impactando diretamente no desenvolvimento biopsicossocial das mesmas (Bergeron, et al., 2015; Vierimaa et al., 2012). Ao se levar em consideração a importância das experiências sociais para os

jovens atletas acredita-se que uma das tarefas dos psicólogos do esporte é encorajar os treinadores a se preocuparem em oportunizar relacionamentos prazerosos para seus atletas (Taylor & Bruner, 2012). Um instrumento que avalia a coesão pode ajudar na busca por ambientes coesos, tanto no aspecto social quanto no de tarefa.

Atletas que encontram equipes esportivas que investem nos relacionamentos sociais de seu time costumam se sentir menos excluídos e apresentar uma maior estabilidade emocional, capacidade de estabelecer metas e habilidade para liderar e lidar com lideranças (Taylor & Bruner, 2012). O psicólogo do esporte que compõe uma comissão técnica, entre outras coisas, colabora na escolha dos instrumentos avaliativos a serem aplicados, além de interpretar e informar os seus resultados para os envolvidos (Bergeron et al., 2015). O questionário de coesão no esporte infantil, por exemplo, pode ser uma excelente ferramenta utilizada pelo psicólogo da equipe para perceber os casos de insatisfação quanto aos relacionamentos interpessoal na equipe e com isso tentar diminuir os possíveis abandonos da prática esportiva (Martin et al., 2011, 2012, 2013).

Eys et al. (2009) sugerem que a percepção de coesão entre jovens atletas estaria diretamente correlacionado ao bom desempenho em equipe, comunicação mais eficaz, compreensão das habilidades dos demais companheiros do time e ao desenvolvimento de elos entre os atletas. A partir dos resultados obtidos na aplicação do questionário de coesão no esporte infantil aumentam as possibilidades para treinadores e psicólogos estabelecerem estratégias que busquem desenvolver o melhor ambiente de treino, respeitando cada individualidade e favorecendo o bom relacionamento interpessoal do time.

Mesmo que ainda de forma tímida a percepção de coesão por jovens atletas tem sido pesquisada e correlacionada com outros aspectos sociais importantes – definição de funções, relacionamento atleta-treinador, comportamentos pró e antissociais, conflito social e eficácia coletiva (Bosselut, et al., 2012; Bruner et al., 2014; Leo et al., 2015; Martin, et al., 2014; Taylor & Bruner, 2012). Em sua grande maioria, estas pesquisas seguiram as revisões da concepção de coesão propostas por Carron e Brawley (2000, 2012) e Dunlop, Falk e Beauchamp (2012). Estes autores apresentaram a coesão como um constructo dinâmico, multidimensional e que está sempre em desenvolvimento,

sendo que as duas dimensões, de tarefa e social, não necessariamente possuem uma correlação direta.

A coesão de um time muda de acordo com o processo em que a equipe está vivendo (Dunlop et al., 2012). O processo de formação da equipe, o desenvolvimento da mesma, sua estabilidade e seu desmanche são aspectos que podem influenciar as duas dimensões da coesão – social e de tarefa (Carron & Brawley 2012). O tempo de duração do grupo faz com que a percepção quanto à coesão social seja volátil, visto que ela muda à medida que os componentes de uma equipe passam a se conhecer melhor. Por outro lado, a percepção de coesão de tarefa se torna cada vez mais resistente e imutável com o tempo por apresentar maior estabilidade quando as atividades e as rotinas do time sofrem poucas alterações (Dunlop et al., 2012). Saber que, durante uma temporada, a coesão social tende a ser mais flutuante do que a coesão de tarefa é uma informação fundamental para aqueles que pretendem desenvolver e trabalhar com equipes coesas (Martin et al., 2014).

Compreender o ambiente social de um grupo indiscutivelmente tem sua importância. Quando um coletivo de indivíduos interage e se transforma em um grupo diferentes processos se desenvolvem e impactam no próprio grupo. No ambiente esportivo infantil não seria diferente. Neste contexto a percepção de pertencimento ao grupo e de boa coesão costumam estar significativamente correlacionados a satisfação do atleta (Martin et al., 2014).

Fazer parte de uma equipe esportiva de formação oferece a oportunidade de estabelecer laços com grupos de pessoas da mesma idade e assim estabelecer novas relações de amizade (Carron & Brawley, 2000; Bosselut et al., 2012). Os colegas de time costumam ser essenciais nas experiências vividas na prática esportiva de jovens atletas e tendem a, indiretamente, facilitar o desenvolvimento psicossocial do atleta, principalmente a autonomia, competências e habilidades sociais (Taylor & Bruner, 2012). Mesmo para aqueles atletas que não alcançarem o esporte profissional as habilidades psicossociais desenvolvidas nas vivências esportivas durante a infância facilitam o trânsito em outros contextos da vida como, por exemplo, nas escolas, nos futuros trabalhos e nos relacionamento interpessoais.

Tanto a conexão emocional, quanto a experiência no grupo dependem e influenciam a coesão grupal (Yalom & Leszcz, 2005). A partir da adaptação do questionário de coesão para o esporte infantil surge a possibilidade de desenvolver estratégias para ampliar a participação, a aderência e os aspectos positivos nas experiências esportivas nesta idade (Martin et al., 2014). Mesmo que a grande maioria das pesquisas avalie a coesão como algo normalmente positivo para um grupo, é importante destacar os possíveis aspectos negativos provenientes da coesão (Bruner et al., 2014). O alto grau de coesão em uma equipe, por exemplo, pode gerar subgrupos, isto é, “panelas” internas. Com objetivo de evitar esta armadilha a literatura sugere que sejam oferecidos espaços de discussão e que todos os jovens atletas do time estejam de algum modo, envolvidos no processo, além de incentivar e valorizar a fala de forma horizontal (Taylor & Bruner, 2012).

Essa percepção sustenta a tendência de que definir estratégias construtivas quando se percebe conflito em equipes pode aprimorar o grau de coesão social (Martin et al., 2014). Há outras estratégias pesquisadas para extrair a essência positiva da coesão grupal e trabalhar com os possíveis perigos desta. Bosselut et al. (2012) examinaram a importância de se definir papéis e evitar possíveis ambivalências quanto a função de cada integrante. A ambiguidade quanto aos papéis e à coesão grupal são percepções sociais que se desenvolvem a partir da socialização e interação dos membros de um grupo (Bosselut et al., 2012). Identificar a correlação entre ambiguidade de papel e coesão em equipes esportivas se faz importante do ponto de vista prático por facilitar tanto treinadores, quanto psicólogos a compreenderem se o foco da intervenção deve ser aumentar a coesão da equipe, ou simplesmente trabalhar a percepção e o conhecimento da importância de cada papel.

Define-se ambiguidade de papel quando não há clareza quanto à função esperada por um dos indivíduos do time. Principalmente no que se refere à responsabilidade, ao comportamento, ao desenvolvimento e às consequências de cada componente da equipe (Bosselut et al., 2012). Quando há clareza dos papéis tanto a coesão social quanto a coesão de tarefa podem servir como norteadores das funções que cada membro deve se responsabilizar por (Martin et al., 2014). Visto que quando

os atletas compreendem a importância dos papéis que cada um ocupa, o time tende a enfrentar as situações desfavoráveis com mais confiança (Leo et al., 2015).

Em seus estudos com equipes de base de futebol, basquete, vôlei e hóquei, Bosselut et al. (2012) destacaram que o estabelecimento de papéis no esporte coletivo infantil depende das relações sociais entre os companheiros de time. Sendo que a coesão social é fundamental para este propósito. Quanto maior esta, mais claras ficam as responsabilidades e os comportamentos esperados por cada membro do time. Isto por que, segundo os autores, a coesão social indica a percepção quanto as responsabilidades e o comportamento esperado por cada.

Há pesquisadores que, por sua vez, destacam o papel da coesão de tarefa em equipes de jovens atletas. Estes apresentaram que, no esporte infantil, quanto maior a percepção da coesão de tarefa maior a capacidade dos atletas em manter suas emoções estáveis e menor o sentimento de exclusão social no próprio grupo (Bruner et al., 2014; Eys et al., 2009; Taylor & Bruner, 2012). O fato de um atleta se identificar com seu time pode influenciar a percepção quanto à funcionalidade da equipe em relação às atribuições desta, o que seria relacionado à coesão de tarefa (Bruner et al., 2014). Como dito anteriormente, jovens atletas estão mais focados nas relações sociais do que nos resultados em si (Bosselut et al., 2012).

O efetivo processo de desenvolvimento de coesão de tarefa também pode motivar o desejo dos atletas em apresentarem comportamentos pró-sociais (Eys et al., 2009). Entende-se como comportamentos pró-sociais atos voluntários que tenham como objetivo ajudar ou beneficiar o outro (Bruner et al., 2014). No contexto esportivo temos como exemplo o movimento de ajudar um adversário lesionado.

Em equipes esportivas o sentimento de auto eficácia de cada atleta não costuma ser o suficiente caso não haja a confiança mútua e o desejo de realização conjunta – coesão de tarefa. Em alguns casos os relacionamentos de confiança do grupo chegam a ser mais importante do que as potencialidades individuais (Leo et al., 2015). Grupos coesos costumam ser comparados às famílias, devido o poder de lealdade e de identidade que costumam apresentar (Yalom & Leszcz, 2005). A identidade social costuma exercer um papel importante no que concerne os comportamentos pró e antissociais nos esportes praticados por atletas mais novos (Bruner et al., 2014). Como

visto na presente dissertação, o senso de identidade social é uma chave fundamental no processo de desenvolvimento de equipes coesas (Weinberg & Gould, 2011).

Nas últimas décadas percebeu-se um interesse cada vez maior em promover experiências preocupadas com o bom desenvolvimento biopsicossocial de crianças e adolescentes através das práticas esportivas (Taylor & Bruner, 2012). Entretanto, até o momento poucas pesquisas se dedicaram a compreender como que a identidade social que o jovem atleta desenvolve a partir da relação com seus colegas de time, isto é a identidade social do próprio time, pode impactar em seu desenvolvimento social (Bruner et al., 2014). Além disso, infelizmente, muitos treinadores, gestores de clubes, agremiações e escolas ainda objetivam seus esforços na busca de atletas capazes de alcançar, individualmente, resultados cada vez mais expressivos, gerando assim uma grande competição interna em seus times (Bernardes et al., 2015). Talvez este seja um dos motivos para o alerta apresentado por Bernardes et al. (2015) indicando a baixa parcela da população infantil brasileira praticante de esporte regular. Acredita-se que o questionário de coesão no esporte infantil possa ajudar a preencher esta e outras lacunas ainda existentes nesse contexto direcionado.

## 2 CHILD SPORTS COHESION QUESTIONNAIRE – APRESENTAÇÃO DO INSTRUMENTO ORIGINAL

### 2.1 A origem do Questionário de Coesão no Esporte Infantil

Este capítulo tem por objetivo apresentar, de forma detalhada, a história por trás do Questionário de Coesão no Esporte Infantil (QCEI). No capítulo anterior, realizou-se a revisão literária referente ao constructo de coesão para a psicologia, apresentou-se a sua importância no intuito de oferecer um ambiente saudável e propício no cenário esportivo e discutiu-se sua utilidade no labor do psicólogo do esporte, tendo em vista que ao ter em mãos um instrumento que avalie a percepção de coesão no esporte infantil este pode oferecer excelentes indicativos para os profissionais envolvidos com a equipe. A psicologia evolucionista novamente será revisitada com o objetivo de contribuir na fundamentação de todo processo de adaptação, visto que esta abordagem pode auxiliar na compreensão da condição existencial do ser humano e, assim, ser importante para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes na relação entre o homem e o seu ambiente (Gonçalves, 2010).

Para poder oferecer uma visão histórica de como se chegou ao QCEI, serão apresentados primeiro os questionários que serviram de base para o instrumento foco deste trabalho QCEI: GEQ (Carron et al., 1985) e CSCQ (Martin et al., 2012). Pretende-se, também, apresentar o processo de adaptação transcultural do CSCQ para a língua portuguesa do Brasil. O GEQ não foi o primeiro instrumento desenvolvido com o propósito de avaliar a coesão em diferentes equipes esportivas, porém é considerado, internacionalmente, como o mais eficaz (Iturbide, Elosua & Yanes, 2010). Composto por dezoito questões organizadas em quatro diferentes dimensões: (a) Atração individual para o grupo-social; (b) Atração individual para o grupo-tarefa; (c) Integração no grupo-social; e (d) Integração no grupo-tarefa. Esse instrumento tem sido privilegiado nas pesquisas interessadas em estudar coesão em diferentes contextos esportivos (Filho, Dobersek, Gershoren, Becker & Tenenbaum, 2014).

O GEQ foi originalmente desenvolvido com o objetivo de avaliar a percepção de coesão em atletas de idades entre 18 e 30 anos (Carron et al., 1985). A coesão

desempenha um papel importante na dinâmica de qualquer grupo e o elo entre percepção e comportamento é fundamental para a comunicação afetiva entre dois ou mais indivíduos, visto que este link resulta na possibilidade de uma pessoa sentir o humor da outra (Mason, 2014). Devido à importância da coesão no cenário esportivo e nas atividades de grupo de maneira geral, pesquisas desenvolveram medidas específicas para diferentes populações (Martin et al., 2013).

Em 2000, Estabrooks e Carron, publicaram o PAGEQ para ser utilizado com atletas mais velhos. Quase uma década depois, Eys et al. (2009) produziram o YSEQ para adolescentes entre 13 e 17 anos. Mais recentemente foi a vez de Martin et al. (2012) apresentarem o CSCQ - um inventário a ser utilizado para acessar o nível de coesão em equipes com atletas de idades entre 9 e 12 anos.

O CSCQ é um inventário que contém 16 itens e que mede a percepção de coesão, em uma escala Likert do tipo 5 pontos. Sete desses itens avaliam a coesão de tarefa, com intuito de medir a união de um time durante uma competição e o quanto os membros deste time trabalham coletivamente em prol de um objetivo comum (Martin et al., 2013). Os outros sete itens referem-se à coesão social. Ou seja, às relações sociais do time dentro e fora do contexto esportivo. Por fim, há dois itens estruturados com direcionamentos negativos, que têm o objetivo de avaliar a consistência das respostas do atleta. Este questionário demonstrou boas correlações intra-fatoriais, além de uma boa consistência interna (Martin et al., 2012). Seus dados serão apresentados mais à frente.

Ainda que os aspectos teóricos que estruturaram o desenvolvimento do GEQ e, posteriormente, do CSCQ – e sua adaptação transcultural para realidade brasileira – tenham sido apresentados no primeiro capítulo se faz aqui importante tecer breves comentários a respeito. A coesão é, por natureza, multidimensional, visto que consiste em orientações e percepções individuais do grupo para com o próprio grupo, quanto à integração e atração para as tarefas e os relacionamentos internos (Martin et al., 2014). Esta multidimensionalidade também é apontada por estudiosos da psicologia evolucionista, estes dizem que a cooperação e a coesão entre seres humanos dependem da associação percebida ao grupo pertencente (Gonçalves, 2010), pois seu comportamento tem característica plástica, visto que sofre influência do ambiente

inserido (Yamamoto e Lopes, 2009). Desta forma, compreender como a coesão entre jogadores de um time tende a mudar é de suma importância na tentativa de se alcançar e manter o grau mais elevado possível (Dunlop et al., 2012).

Há um aspecto referente à percepção social, desenvolvida por cada membro do grupo, que reflete no grupo e está relacionada à sua totalidade. Essa percepção social foi rotulada por Carron e Brawley (2012) como crenças referente à Integração Grupal (IG) e reflete a percepção do indivíduo no que se refere às crenças grupais quanto aproximação, equidade e unidade do grupo. O mesmo ocorre quanto à percepção individual referente à maneira que o grupo satisfaz os objetivos e as necessidades de cada membro. Estas percepções sociais que foram denominadas como Atração Individual para com o Grupo (AIG) (Carron & Brawley, 2012), refletem as motivações de cada indivíduo para permanecer no grupo, assim como seus sentimentos relativos ao grupo.

Como já discutido no primeiro capítulo, os dois enfoques fundamentais para as crenças IG e AIG são os interesses que cada atleta tem quanto à tarefa (T) (por exemplo, a *performance*, as metas e os objetivos coletivos) e quanto as relações sociais (S) (por exemplo, os relacionamentos internos do grupo). A hipótese de que os interesses individuais relacionados à tarefa do grupo e às relações sociais são fundamentais quanto às crenças de todo o grupo foi visitada no capítulo anterior. Em relação ao GEQ, foco principal deste subcapítulo, seus autores consideraram a coesão como um constructo multidimensional, onde as crenças centrais são representadas por IG-T, IG-S, AIG-T e AIG-S (Carron et al., 1985).

Ao afirmarem que a coesão de um grupo pode ser avaliada através das percepções individuais dos participantes do grupo Carron et al. (1985) defendem que: (i) em todo grupo há propriedades observáveis, (ii) o ser humano é um ser social e (iii) este, ao se integrar a um grupo, imediatamente tende desenvolver crenças sobre o mesmo. Nesta perspectiva as crenças individuais são baseadas nas percepções acumuladas sobre o grupo. Além disso, é possível afirmar que as percepções individuais são reflexos dos valores comuns do grupo e a percepção individual, referente à coesão grupal, pode ser acessada através de um questionário específico

(Martin, et al., 2012). O que acabou sendo referendado a partir do desenvolvimento e validação do GEQ (Carron et al., 1985).

O modelo conceitual de coesão desenvolvido por Carron et al. (1985) e aqui apresentado se sustenta, principalmente, em dois pontos: integração grupal – que reflete o quanto cada time funciona como um todo – e atração grupal – que reflete o quanto o grupo satisfaz os objetivos e as necessidades individuais de cada atleta. Desta forma, a coesão é compreendida como uma variável multidimensional, formada por aspectos diferenciados e que se relacionam com a atração individual do grupo e a integração de cada atleta nos aspectos referentes às tarefas e aos relacionamentos sociais da equipe (Iturbide et al., 2010).

Os esforços para estabelecer um quadro teórico consistente estão diretamente relacionados com a elaboração de diferentes instrumentos psicométricos validados (Leo et al., 2015). Justamente nesta ótica diferentes pesquisas (Dion, 2000; Donkers et al., 2015), já afirmavam que o GEQ é a ferramenta psicológica que apresenta maior relevância e solidez para aqueles que pretendem determinar o grau de coesão grupal em equipes esportivas, visto que é o que possui as bases teóricas e as propriedades psicométricas mais sólidas. Entretanto, no início do século XXI, algumas pesquisas questionavam a validade e os critérios utilizados no desenvolvimento do GEQ e diferentes tentativas de validação do instrumento não encontraram consistência no modelo originalmente proposto (Heuzé & Fontayne, 2002; Iturbide et al., 2010).

Sullivan, Short e Cramer (2002) afirmavam que o modelo multifatorial apresentado por Carron et al. (1985) aparentemente não poderia ser utilizado para todos os esportes coletivos, mas somente para aqueles que dependem da interação dos atletas durante a atividade - futebol, vôlei, basquete etc. Segundo os mesmos autores, as equipes de lutas e ginásticas não poderiam ser consideradas equivalentes a de futebol e de voleibol e o modelo proposto referia-se às práticas esportivas onde a interação dos membros produz um determinado resultado, o que não é o mesmo em modalidades onde os resultados são a soma dos desempenhos individuais (Sullivan et al., 2002).

Esta não foi a única crítica feita ao questionário e ao constructo teórico até aqui debatido. Ohlert et al (2015) realizaram uma revisão bibliográfica e destacaram as

principais críticas ao instrumento, mesmo concordando que algumas delas já haviam sido respondidas por Carron e Brawley (2012) e outras serviram como revisão para construção de atualizações da ferramenta que pretendiam avaliar a coesão no cenário esportivo (Eys, Carron, Bray & Brawley, 2007; Eys et al., 2009; Martin et al., 2012; Martin et al., 2013). Das críticas apontadas por Ohlert et al. (2015) algumas já haviam servido inclusive para o processo de desenvolvimento e validação do CSCQ (Martin et al., 2012; Martin et al., 2013), e conseqüentemente na sua adaptação transcultural para realidade brasileira (Pieri et al., 2016).

Ohlert et al. (2015) apontaram para a falta de clareza de alguns itens do questionário, dizendo inclusive que algumas perguntas não eram diretamente voltadas à coesão em si, mas sim às conseqüências da coesão grupal. Fato esse, que segundo os autores, poderia gerar uma possível confusão entre percepção de coesão grupal e conseqüências comportamentais dessa no grupo. De acordo com Sullivan et al. (2002) algumas investigações referentes aos fatores estruturais do GEQ produziram resultados equivocados no desenvolvimento do instrumento. Por fim, Drescher et al. (2012) foram ainda mais longe e disseram que as definições que costumam ser utilizadas para estudar coesão são consideradas vagas e difíceis para se produzir um instrumento sofisticado de medição. Pontos estes que dificultaram o desenvolvimento de instrumentos válidos em outros contextos, que não o esportivo, mas que segundo pesquisas (Pescosolido & Saavedra, 2012) não fazem mais sentido para as ciências desportivas.

Outra crítica que o instrumento original e o modelo teórico adotado receberam refere-se às questões que direcionam a percepção de coesão para os relacionamentos que vão além do espaço de treino ou competição esportiva (Ohlert et al., 2015). Algumas pesquisas não encontraram validade satisfatória ao tentar adaptar o GEQ em investigações com bandas musicas, empresas e atletas adolescentes (Heuza & Fontayne, 2002). Carron e Brawley (2012) rebateram severamente essa crítica, dizendo que as pesquisas que pretendessem utilizar o GEQ como instrumento de avaliação deveriam levar em consideração as recomendações feitas por Carron et al. (1998), de que o instrumento era restrito para o contexto esportivo praticado por adultos em

modalidades coletivas e, somente assim, deveriam publicar suas recomendações quanto à validade do instrumento.

As críticas não cessaram por aí e Ohlert et al. (2015) destacam uma terceira, a de o instrumento não distinguir os quatro tipos de prática esportiva – recreativa, rendimento, educacional e de reabilitação (Weinberg & Gould, 2011) – e dar a entender que a coesão funciona da mesma forma nas quatro. Segundo os autores, quando o esporte não é praticado em alto-rendimento, muitos atletas de um mesmo time têm outras obrigações como cuidar de sua formação escolar/profissional. Mesmo que esses não consigam tempo para manter uma relação social além das dimensões esportivas, isso não significa que eles não possuem uma alta coesão grupal (Ohlert et al., 2015). O mesmo pode ser dito sobre atletas que representam seleções nacionais e só se encontram em curto período do ano (Ohlert et al., 2015).

Como dito anteriormente, algumas das críticas levantadas na revisão bibliográfica feita por Ohlert et al. (2015) já haviam sido discutidas e respondidas desde o momento que foram publicadas pela primeira vez. Carron et al. (2002) diziam que de fato no esporte de alto rendimento os dias e horas de competição são menores do que o tempo e os momentos de interação dos atletas. Isto é, os atletas de uma equipe têm mais tempo para interagir entre si, por exemplos durante os treinos, do que durante as competições. Além disso, apontavam também para a importância de se levar em consideração que um time não necessariamente apresenta todos os aspectos da coesão ao mesmo tempo, visto que que o GEQ é uma ferramenta multidimensional (Carron & Brawley, 2012).

Com objetivo de evitar maiores confusões Carron e Brawley (2012) apresentaram duas premissas básicas para que o GEQ fosse adaptado e validado em outros contextos desportivos: (a) A coesão é um constructo teórico multidimensional e (b) cada contexto social, modalidade esportiva, processo de montagem e desenvolvimento do time pode demandar mais de uma dimensão do que da outra – em alguns casos uma das dimensões pode inclusive não estar presente. O que não significa que o time não é coeso.

Eys et al. (2007) também atentos as críticas que o instrumento havia recebido dedicaram-se a examinar e revisar item por item. Os autores defendiam que o

refinamento de uma ferramenta psicométrica é um processo que não tem fim e sua confiabilidade e validade deve ser sempre testada. Essa revisão foi motivada, principalmente, pela tentativa frustrada de Ntoumanis e Aggelonidis (2004) que se propuseram a realizar a adaptação transcultural do GEQ para o grego. Os resultados encontrados demonstraram coeficientes altos de confiabilidade interna .90, o que significa uma boa validade de convergência, porém a validade do instrumento não foi satisfatória.

Esse estudo encontrou resultados que apontavam melhoria na confiabilidade da análise *alpha de Cronbach* e uma consistência interna maior o que acabou por oferecer uma nova versão do GEQ (Whitton & Fletcher, 2014). Pode-se dizer que uma das principais mudanças foi a transformação de todos os itens que estavam com conotação negativa em positiva. Na busca de naturalizar as resposta em questionários psicométricos é comum encontrarmos ferramentas que oscilam entre perguntas com conotação positiva e negativa, porém estudos apontam que tal característica pode afetar a confiabilidade do instrumento (Eys et al., 2007). Desde sua nova configuração o instrumento não só foi adaptado e validado para outras culturas – espanhol (Iturbide et al., 2010; Leo et al., 2015) e português do Brasil (Nascimento Jr et al., 2012) - como também para outras idades – entre 12 e 18 anos (Eys et al., 2009) e entre 09 e 12 anos (Martin et al., 2013).

Segundo Filgueiras et al. (2015) é importante adaptar instrumentos para outros países pois assim é possível realizar estudos transculturais. Todavia, segue o mesmo autor, tal processo deve seguir critérios rigorosos. O processo de adaptação transcultural do GEQ para o espanhol contou, inicialmente, com um processo de dupla tradução dividida em três momentos distintos. No primeiro momento duas equipes de tradutores adaptaram os itens em espanhol de forma independente. Em seguida ambos os grupos de tradutores revisaram os materiais elaborados com o objetivo de chegarem a um acordo para cada item. Na terceira fase, compostas por um psicólogo esportivo e dois especialistas em ferramentas psicométricas, a versão final foi revisada com o objetivo de assegurar a sua adequação semântica e cultural (Iturbide et al., 2010).

A primeira versão do GEQ para a língua espanhola (Iturbide et al., 2010) apresenta limitações em sua validação, pois não levou em consideração as limitações e

os aprimoramentos propostos para o instrumentos por Eys et. al (2007). Já a segunda tentativa (Leo et al., 2015) obteve êxito em seus objetivos. Atualmente o GEQ é considerado um instrumento de avaliação de coesão grupal de confiabilidade e validade verificada, com uma longa história de utilização na psicologia esportiva e em pesquisas referentes a dinâmica de grupo (Whitton & Fletcher, 2014).

O fato do GEQ ter tido sua validade e confiabilidade confirmada em diferentes contextos fez com que o instrumento ganhasse mais força no cenário internacional (Leo et al., 2015). Além disso, o instrumento também se tornou referência na tentativa de correlacionar coesão com outras características presentes em equipes esportivas. Inclusive em diferentes idades, tamanho do grupo, nível competitivo, liderança, eficácia coletiva, comportamento de aderência ao grupo e predisposição de abandono foram algumas dessas características (Whitton & Fletcher, 2014).

Com a adaptação transcultural feita por Nascimento Jr et al. (2012) o mesmo pôde ser feito no esporte nacional praticado por adultos. O presente trabalho pretende que o mesmo ocorra com esporte infantil realizado no Brasil. A prática esportiva na infância pode trazer benefícios físicos e psicológicos e além de estimular a participação e a aderência, a coesão também transforma a experiência esportiva em uma vivência mais gratificante para criança (Martin et al., 2012). Atentos aos apontamentos que indicavam as possíveis falhas nos instrumentos que avaliam a coesão em esporte coletivo, Martin et al. (2012), no processo de desenvolvimento do CSCQ, buscaram estabelecer questões de fácil compreensão e que separassem a percepção individual de coesão e os comportamentos coesos da equipe.

## **2.2 Apresentação do processo de desenvolvimento e validação do Questionário de Coesão no Esporte Infantil na versão original**

O desenvolvimento atlético possui uma característica multidimensional e sua trajetória varia da vivência experimentada por cada atleta (Bergeron et al., 2015). Vierimaa et al. (2012) defendem que toda criança possui o potencial de se desenvolver de forma positiva e saudável através do esporte. Yamamoto e Lopes (2009) vão ainda mais longe e dizem que o comportamento humano, em geral, segue padrões universais

da espécie, sendo que estes padrões são modulados a partir das relações estabelecidas com o ambiente vivenciado. Desta forma, podemos afirmar que no contexto esportivo, o ambiente de treino e competições e os relacionamentos interpessoais presentes na equipe são fundamentais.

Identificar as variáveis do ambiente que podem influenciar a eficácia coletiva pode ser uma excelente forma para aprimorar a *performance* da equipe (Leo et al., 2015). A literatura, que estuda dinâmica de grupo em equipes esportivas, costuma destacar a importância do impacto da coesão grupal, principalmente em modalidades onde os resultados dependem da interação e da interdependência dos companheiros de equipe. Carron, Shapcott e Burke (2007) e Bosselut et al. (2012) defendem que a coesão pode influenciar não apenas na *performance* do grupo, mas também na satisfação individual do atleta, evitando assim os casos de abandono esportivo.

Como discutido no capítulo anterior, por definição, coesão está vinculado à atração e percepção que cada componente tem por seu grupo e por seus companheiros (Yalom & Leszcz, 2005). Na essência, essa definição considera a atração, tanto do grupo como um todo, assim como de cada componente. Nessa perspectiva Eys et al. (2015) defendem que há quatro fatores fundamentais para o desenvolvimento e manutenção da coesão em uma equipe esportiva: (i) A importância de se estabelecer uma coesão social entre os componentes, (ii) o trabalho realizado no período de pré-temporada, (iii) a estrutura funcional do grupo e (iv) a capacidade de todos em lidar com conflitos (internos e externos). No esporte infantil não seria diferente, visto que para a prática esportiva desta idade aspectos relacionados à interação e percepção do atleta com seu treinador, equipe e tipo de treino são fundamentais para que o jovem tenha uma vivência positiva gerando prazer de pertencer ao grupo e desejo de permanecer no mesmo (Bergeron et al., 2015).

Para Leary e Baumeister (2000), os relacionamentos sociais são uma necessidade biológica para a espécie humana em todas as idades. Já Yamamoto e Lopes (2009) dizem que é natural do ser humano apresentar alguma predisposição positivas ao se relacionar com outros indivíduos, preferencialmente quando essa relação tiver identidade de grupo, por exemplo: família, nacionalidade e times esportivos. Todavia é importante lembrar que não basta a predisposição pró-grupo, as

características apresentadas pelo ambiente são fundamentais neste processo (Gonçalves, 2010). Isto é, a associação a um grupo social traz benefícios proporcionais a capacidade do grupo para trabalhar em conjunto (Mason, 2014)

Martin et al. (2011) perceberam que a diversão e a percepção de pertencimento são dois dos quatro principais motivos que fazem com que uma criança canadense inicie sua prática em uma equipe esportiva. Os autores destacaram que no esporte praticado nesta cultura a percepção de pertencimento está vinculada a possibilidade de se sentirem entre amigos e de perceberem em seu time um senso de unidade e companheirismo. Foi a partir dessa pesquisa que os autores perceberam a importância de adaptar o questionário de coesão do esporte adulto para o infantil (Martin et al., 2012).

Se o GEQ, instrumento apresentado no sub capítulo anterior e que avalia a coesão em atletas entre 18 e 30 anos, influenciou para que em 2000 Estabrooks e Carron desenvolvessem o PAGEQ, voltado para atletas seniores e, em 2009, Eys et al. desenvolvessem o YSEQ, voltado para adolescentes entre 13 e 18 anos. Foi em 2012, que Martin e colaboradores desenvolveram o CSCQ - com objetivo de acessar o nível de coesão em equipes com atletas de idades entre nove e doze anos (Martin et al., 2012). O grau de coesão grupal foi compreendido por esses autores como um excelente indicativo quanto à percepção de pertencimento e afiliação.

Partindo do princípio que para se desenvolver um instrumento de utilidade e viabilidade de longo prazo se faz necessário que seja baseado em pressupostos psicométricos sólidos Martin et al. (2012) utilizaram metodologias quali e quantitativas em três etapas distintas. Na primeira fase examinou, a partir de um protocolo qualitativo, como que crianças entre 09 e 12 anos percebem a essência, os indicativos antecedentes e as possíveis consequências de um grupo coeso e um grupo não coeso. Já na segunda fase, os autores utilizaram as informações coletadas na etapa anterior para gerar os itens e avaliar a sua validade. Por fim, na terceira fase do processo uma amostra heterogênea de crianças, praticantes desportivos, completaram o questionário com objetivo de avaliar a sua validade fatorial (Martin et al., 2012).

Com objetivo final de construir um instrumento com itens claros para os participantes os autores buscaram, durante a primeira fase do projeto, verificar como

atletas dessa idade compreendem quais são as características fundamentais para o desenvolvimento de um grupo coeso e quais são as terminologias que se costuma utilizar para descrever a natureza da coesão. No primeiro momento foram formulados 64 possíveis itens, que foram somados aos dezoito presentes no YSEQ (Eys et al., 2009). Em seguida tiveram a sua legibilidade, compreensibilidade e relevância examinadas por crianças de idades compatíveis com o questionário em processo de desenvolvimento. Resultados demonstraram que a maioria dos 64 itens era similar e, por vezes até idênticos e por isso ocorreu mais um corte, chegando ao número final de 16 itens (Martin et al., 2012).

De acordo com os autores esse processo se deu em cinco passos:

- Quatorze itens (7 referentes a coesão social e 7 a coesão de tarefa) foram incluídos sem que houvesse distinção entre as dimensões “atração individual para o grupo” e “integração grupal”, diferentemente do modelo conceitual proposto por Carron et al. (1985).
- Cinco dos 14 itens foram utilizados de forma idêntica do YSEQ.
- Seis dos 14 itens foram influenciados pelo YSEQ, porém modificados devido ao grau de legibilidade e compreensão do público em questão.
- Três dos 14 itens foram obtidos a partir da pesquisa qualitativa apresentada a cima.
- Dois itens negativos foram adicionados aos 14 selecionados com o objetivo de identificar a aquiescência das respostas. O motivo da inclusão de dois itens negativos baseou-se nas sugestões de Eys et al. (2009). Estes autores afirmavam que ao adicioná-los poderia: (a) indicar a aquiescência nas respostas e (b) ajudar na análise quanto à legibilidade do questionário.

A escolha por uma escala do tipo Likert, com cinco categorias de endosso, se deu, principalmente, por compreender ser mais prática para crianças entre 09 e 12 anos (Martin et al., 2012). Três razões explicam a escolha por considerar a coesão como bifatorial (social e de tarefa) e não distinguir as dimensões “atração individual para o grupo” e “integração grupal” proposto por Carron et al. (1985). Além do fato de que esta mesma decisão foi tomada no desenvolvimento YSEQ (Eys et al., 2009).

O primeiro motivo se deu por terem percebido, através da pesquisa qualitativa realizada, que para crianças dessa idade não há distinção entre atração individual referente ao grupo e integração grupal (Martin et al., 2012). O Segundo motivo, pela similaridade dos resultados obtidos nessa etapa ao comparar com os resultados de Eys et al. (2009), quando pesquisaram a coesão em jovens atletas com idades entre 13 e 17 anos. Por fim, o terceiro motivo que levou a utilizar uma perspectiva bi fatorial e não o modelo com quatro fatores – onde além do social e de tarefa, leva-se em consideração a diferença entre percepção de atração individual para o grupo e integração grupal – também baseou-se nos estudos de Eys et al. (2009).

Estes autores (2009) testaram o modelo proposto por Carron et al. (1985) e perceberam que os resultados não foram satisfatórios pelo fato de os adolescentes não fazerem essa distinção. Desta forma, Martin et al. (2012), partindo do princípio de que o desenvolvimento sociocognitivo do sujeito não se dá de forma espiral. Isto é, consideraram muito pouco provável que a criança de 09 a 12 anos perceba o grupo que está inserido de uma forma, altere essa forma no período da adolescência e retorne ao funcionamento anterior na fase adulta.

O questionário desenvolvido, com 16 questões foi respondido por 298 crianças esportistas (174 meninos/ 124 meninas), com idades entre 9-12 anos ( $M=11.09 \pm 1.02$ ). Estes representaram 22 modalidades, entre elas hóquei, basquete, futebol, baseball, vôlei, nado sincronizado e ginástica. A duração das respostas levou, em média 10 a 15 minutos e os resultados confirmaram que o questionário de coesão para o público infantil estava desenvolvido (Martin et al., 2012).

Tanto a coesão de tarefa (.86), quanto a social (.90) demonstraram valores de consistência interna elevados, em comparação com a recomendada (.70). Resultados que evidenciam o CSCQ como um instrumento com boas propriedades psicométricas. Além disso, a correlação de mediação entre os dois fatores (.61) indica que crianças de 09 a 12 anos são capazes de discernir se o item refere-se ao fator coesão de tarefa ou coesão social (Martin et al., 2012). Dados similares foram encontrados no desenvolvimento do instrumento de coesão para atletas adolescentes – coesão de tarefa ( $=.89$ ) e coesão social ( $=.94$ ) (Eys et al., 2009).

Esses dados sugerem que crianças, a partir dos 09 anos, não só são capazes de perceber se há ou não coesão em suas equipes esportivas, como também possuem habilidades cognitivas para distinguir os aspectos sociais e de tarefa da coesão (Martin et al., 2012). Ao perceber a similaridade desses dados com os encontrados por Eys et al. (2009) o autor pressupõe que crianças e adolescentes, entre 09 e 18 anos, percebem a coesão em equipes esportivas, a partir das tarefas e das relações internas do time. O que confirma que nesse período o ambiente grupal também tem enorme importância na vivência, participação e aderência esportiva.

Com objetivo de verificar se havia diferença significativa quanto à percepção de coesão de tarefa e coesão social na relação de gênero uma análise MANOVA foi aplicada e chegaram à conclusão de que meninos e meninas não apresentam diferença significativa na percepção de coesão em suas equipes ( $p = .05$ ) (Martin et al., 2012). A não diferença de percepção de coesão em diferente gênero foi, posteriormente, confirmada inclusive por treinadores que trabalham com equipes tanto masculinas, quanto femininas. Em pesquisa realizada por Eys et al. (2015) os treinadores perceberam correlação entre coesão, independente do gênero do grupo. Concluíram, também, que os dados apontados por Martin et al. (2012) estavam corretos e que os próprios treinadores afirmavam que o gênero não era uma variável que alterasse a percepção de coesão entre os desportistas.

A mesma técnica de análise (MANOVA) foi feita para verificar a correlação entre outras duas variáveis independentes: esporte coletivo interativo (basquete, futebol e vôlei, por exemplo) e esporte coletivo independente (provas de revezamento em natação e atletismo, por exemplo) em relação às mesmas variáveis dependentes referentes à percepção de coesão da equipe (social/ de tarefa). Os resultados não demonstraram diferenças significativa ( $p = .05$ ) entre os dois tipos de esportes coletivos e a percepção de coesão de tarefa. Entretanto modalidades como futebol e basquete apresentaram diferença significativamente maior em relação à coesão social ( $M = 3.77 \pm .79$ ) em comparação com as modalidades independentes ( $M = 3.15 \pm .87$ ) (Martin et al., 2012).

Essa diferença entre a percepção de coesão em distintas modalidades esportivas já havia sido apontada por Sullivan et al. (2002). Os autores diziam que

equipes de modalidades como luta livre e ginástica não são equivalentes a equipes de futebol ou baseball, pois os resultados dos últimos dependia da interação dos atletas, enquanto que no primeiro exemplo de esporte não. Acredita-se que é justamente pelo fato do resultado depender dos relacionamentos interpessoais que se pode justificar os números encontrados por Martin et al. (2012).

Compreender que crianças de 09 a 12 são capazes de perceber a coesão grupal em suas equipes, pode oferecer implicações práticas. Do mesmo modo, perceber que cada modalidade tem sua peculiaridade e que a coesão atua nas equipes de forma diferente dependendo do esporte praticado, pode auxiliar na atuação dos psicólogos dessas equipes (Martin et al., 2012). Desta forma, psicólogos esportivos que investem na coesão social de sua equipe, podem, indiretamente, contribuir para satisfazer as necessidades de afiliação, pertencimento e aceitação social. No mesmo contexto, quando estes profissionais atuam com o objetivo de investir na coesão de tarefa da equipe, tendem a desenvolver nas crianças o desejo e a habilidade de trabalhar em equipe. Apenas um instrumento validado pode ajudar o profissional da psicologia a decidir qual coesão investir, visto que o CSCQ facilita na identificação da demanda a ser trabalhada.

Com o objetivo de validar o Questionário de Coesão no Esporte Infantil, Martin et al. (2013) aplicaram e analisaram de forma comparativa o CSCQ com instrumentos já validados e que avaliam a satisfação no esporte infantil (Duda & Nicholls, 1992), o estado de ansiedade competitivo (CSAI-2C; Stadulis, MacCracken, Eidson, & Severance, 2002) e sensação de auto eficácia (SEQ-S; Munroe-Chandler & Hall, 2004). Estas pesquisas de validação foram realizadas com um grupo heterogêneo de 290 crianças voluntárias ( $n = 131$  masculino,  $n = 159$  feminino) com idades entre 9 e 12 anos ( $Média = 10.73 \pm 1.13$ ). Alguns pertenciam às equipes de esportes coletivos interativos de suas escolas: futebol ( $n = 83$ ), hóquei ( $n = 74$ ), basquete ( $n = 27$ ), futebol americano ( $n = 16$ ), baseball ( $n = 16$ ), vôlei ( $n = 10$ ), rúgbi ( $n = 8$ ), ringette – esporte típico da cultura canadense ( $n = 5$ ) e animadoras de torcida ( $n = 4$ ). Outras pertenciam às equipes de esporte coletivos independente em suas escolas: atletismo ( $n = 11$ ), natação ( $n = 9$ ), ginástica ( $n = 7$ ), artes marciais ( $n = 5$ ), skate ( $n = 5$ ), boliche ( $n = 3$ ),

dança ( $n = 3$ ), tênis ( $n = 2$ ), mergulho ( $n = 1$ ), e montagem a cavalo ( $n = 1$ ) (Martin *et al.*, 2013).

Foi utilizado a validade discriminatória e de convergência de Pearson's para determinar a correlação entre coesão, satisfação, estado de ansiedade competitiva e auto eficácia (Martin *et al.*, 2013). Foi acessado, através de análises de funções discriminatória, aspectos pré-conhecidos sobre os grupos para garantir se o tipo de coesão percebida por cada atleta (coesão de tarefa e coesão de trabalho) sofre impacto do tipo de esporte (independente ou interativo) e do tempo de permanência no time. Para análise dos dados foi utilizada a Análise Confirmatória Fatorial (Martin *et al.*, 2013). Como resultado final os participantes apresentaram alto nível de coesão (de tarefa e social), de satisfação e de auto eficácia e baixo nível de estado de ansiedade competitiva (Martin *et al.*, 2013). O valor de consistência interna encontrado para todos os instrumentos utilizados pode ser considerado aceitável (i.e.,  $>.70$ ).

Para o primeiro teste de validade de convergência foi utilizada a coesão (de tarefa e social) e satisfação. Resultados apontaram que tanto a coesão de tarefa (.68) quanto a coesão social (.52), possuem correlação positiva ( $p <.001$ ) com satisfação. O que comprovou a hipótese de que quanto mais o atleta percebe coesão em sua equipe mais ele/a costuma apresentar satisfação na prática esportiva (Martin *et al.*, 2013).

O segundo teste de validade de convergência examinou a correlação entre coesão (de tarefa e social) e ansiedade, tanto somática quanto cognitiva. A hipótese nesse caso dizia que os dois tipos de coesão apresentam correlação negativa com os dois tipos de ansiedade (Martin *et al.*, 2013). Os resultados mostraram que a coesão de tarefa apresenta correlação negativa tanto com ansiedade cognitiva ( $r = -.49$ ), quanto com ansiedade somática ( $r = -.49$ ) (Martin *et al.*, 2013). O mesmo, porém de forma mais moderada, ocorreu com a coesão social, apresentando correlação de ( $r = -.36$ ) para ansiedade cognitiva e ( $r = -.32$ ) para ansiedade somática (Martin *et al.*, 2013). Dados que também confirmaram a hipótese inicial.

Há um número considerável de estudos que se dedicaram a pesquisar a coesão em diferentes áreas, entre elas: sociologia, psicologia social, economia, educação e psicologia do esporte e do exercício (Martin *et al.*, 2012). Com os estudos realizados por Martin e seus colaboradores nos anos de 2012 e 2013 se tornou possível avaliar o

grau de percepção de coesão no esporte coletivo praticado por crianças de 09 a 12. O que, por sua vez, possibilitou a eficácia de analisar e acompanhar a satisfação e o desejo de permanência na prática de cada desportista infantil.

Já foi sugerido que fosse verificada a validade dos instrumentos que avaliam coesão no esporte em outras culturas (Sullivan et al., 2002). A primeira versão que buscou essa validação transcultural do instrumento voltado para o esporte adulto foi endereçada à cultura francesa (Heuza & Fontayne, 2002). Posteriormente, essa mesma ferramenta foi adaptada para a realidade brasileira por Nascimento Jr et al. (2012). A validação da adaptação do CSCQ para a cultura brasileira pode ser útil para aqueles treinadores e psicólogos do esporte que desejam avaliar/analisar as dinâmicas das relações nas equipes em que trabalham.

É muito comum encontrar pesquisas que se preocupam em medir a *performance* e as competências no contexto esportivo, todavia é fundamental analisar as qualidades nos relacionamentos presentes e seus impactos psicossociais (Vierimaa et al., 2012). A importância de se estabelecer o senso de unidade no processo de desenvolvimento de um grupo também é defendida por Ricard (2015), principalmente quando o objetivo é promover a cooperação entre os seus componentes. Com o esporte infantil não seria diferente, Côté e Vierimaa (2014) recomendam que responsáveis por ambientes esportivos em programas com crianças devem sempre incentivar a relação coesa entre companheiros, treinadores e pais.

Ao adaptar um instrumento para diferentes culturas se faz possível comparar dados obtidos em contextos distintos, justamente por se tratar de uma mesma medida, avaliando um só construto a partir de uma mesma perspectiva teórica e metodológica (Borsa, Damásio & Bandeira, 2012). Acredita-se que a tradução, adaptação e validação do Questionário de Coesão no Esporte Infantil é de suma importância para o cenário do esporte infantil nacional, oferecendo inclusive a comparação com a prática realizada em outras culturas. Todavia, mesmo sabendo que há uma crescente na produção de testes psicológicos para o esporte infantil, se faz importante destacar que, para ser eficiente este deve ser o mais específico possível (Bergeron et al., 2015).

Ao escolher pela utilização do questionário em processo de validação de adaptação transcultural, não se deve atribuir os êxitos, ou os insucessos, de uma

equipe apenas ao grau de coesão da equipe. Há outros fatores que impactam no resultado, mas o presente instrumento poderá facilitar na avaliação de coesão apresentada e assim perceber possíveis aspectos a serem trabalhados naquele grupo. Isto por que o modelo de instrumento proposto é conhecido por diferenciar quatro fatores que influenciam diretamente a coesão em equipes esportivas: As individualidades de cada atleta – condições físicas, técnicas e psicológicas do desportista, além da experiência e histórico esportivo -; o ambiente – regulamentos contratuais e regras de convivência, isto é as normas que mantêm os membros da equipe unidos -; a liderança – a personalidade do treinador e a forma como ele se relaciona com o grupo -; por fim, a estrutura de funcionamento da equipe – as tarefas, os relacionamentos dentro do grupo, o desejo de vitória e a estabilidade coletiva (Iturbide et al., 2010).

Atualmente, no Brasil, uma das maiores dificuldades dos pesquisadores da área da psicologia do esporte refere-se à utilização de questionários, uma vez que o número de instrumentos validados para a língua portuguesa ainda é reduzido e, segundo Nascimento Jr et al. (2012), na maioria das vezes, esses instrumentos são utilizados sem que haja estudos prévios que tenham avaliado psicometricamente tais recursos. De acordo com a Comissão Internacional de Testes Psicométricos (2005), o processo de adaptar e validar um instrumento de uma cultura para outra exige cuidados, planejamento e rigorosidade.

O presente estudo pretende, a partir de tais orientações, validar a adaptação transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil (Pieri et al., 2016) para a língua portuguesa. Justifica-se esse objetivo por compreender que, ao serem valorizados os relacionamentos sociais desde o esporte infantil, aumentam-se as possibilidades de oferecer um desenvolvimento biopsicossocial positivo através de sua prática. Norteia o presente trabalho a ideia de que as atividades esportivas são uma maneira de a criança desenvolver habilidades interpessoais, comportamentos pró-sociais, autoestima e facilidade para se adaptar a diferentes grupos (Côté & Vierimaa, 2014).

### **2.3 Processo de adaptação transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para realidade brasileira**

A presente pesquisa de Mestrado pretende validar a adaptação transcultural, para a população brasileira, do instrumento voltado para o esporte praticado por crianças de 09 a 12 anos, e desenvolvido (2012) e validado (2013) por Martin e colaboradores, o CSCQ. O processo de adaptar instrumentos psicométricos em diferentes países ocorre desde o início do século passado, quando o Teste de Inteligência Stanford-Binet, originalmente francês, já havia sido traduzido por sete diferentes línguas até o ano de 1916 (Hambleton, Merenda & Spielberger, 2007). Este processo demanda uma atenção cuidadosa quanto aos diferentes aspectos que diferenciam uma cultura da outra. De acordo com Borsa et al. (2012) é necessário considerar as características linguísticas, culturais, contextuais e científicas sobre o constructo avaliado e a cultura a se favorecer com a tradução do instrumento.

Entende-se assim que o objetivo do processo de adaptação é encontrar palavras, frases e até mesmo conceitos gramaticais entre as duas línguas e culturas. Somente após esta etapa é que o instrumento traduzido passa por uma análise de validação para a nova cultura. São estas duas etapas que permitem a sua utilização no novo contexto (Caiuby, Lacerda, Quintana, Torii & Andreoli, 2012). Como dito anteriormente, segundo Nascimento Jr et al. (2012) o cenário da psicologia esportiva brasileira carece de instrumentos validados para a língua portuguesa, apesar de ter um número considerado de estudos que se esforçaram para a tradução de diferentes questionários psicométricos. A presente pesquisa também pretende contribuir com a área no processo de tradução e validação de um instrumento ou testes psicométricos. Para isso, deve-se preocupar que este esteja compatível com o original. Isto é verificar se os instrumentos e ferramentas elaboradas e produzidos para uma determinada cultura se fazem apropriada para outras culturas e países (Hambleton, Merenda & Spielberger, 2005).

Em 1992 o *International Test Commission* (ITC, 2005) iniciou um projeto para estabelecer um guia prático para os pesquisadores interessados em traduzir e adaptar testes e instrumentos psicológicos proveniente de outras culturas e países. Ele acabou

se tornando uma referência entre os psicólogos interessados no processo de tradução e adaptação (Hambleton et al., 2005). A partir de então ficou clara a diferença entre tradução e adaptação, sendo a primeira apenas uma etapa da segunda (Borsa et al., 2012).

O processo de adaptação transcultural tem como objetivo encontrar equivalência entre o instrumento original e a versão traduzida e isto se dá após a realização de um projeto piloto (Caiuby et al., 2012). Para os estudos das ciências psicológicas, Nascimento Jr et al. (2012) orientam que uma ferramenta só pode ser considerada válida se a etapa do projeto piloto for realizada com o público alvo. No QCEI os avaliadores foram atletas com idades entre 09 e 12 anos e que estivessem afiliados à uma equipe esportiva no mínimo há três meses, como recomendam os autores do instrumento original (Martin et al., 2012; Martin et al., 2013).

Em geral, a literatura aponta que entre o processo de tradução e validação há outras etapas fundamentais, que compõem o processo de adaptação, além do estudo realizado durante o projeto-piloto, sendo que cada etapa tem suas especificidades (Caiuby et al., 2012; Hambleton, 2005; Heuza & Fontayne, 2002; Iturbide et al., 2010; Leo et al., 2015; Nascimento Jr et al., 2012; Ntoumanis & Aggelonidis, 2004). Neste sentido, Borsa et al. (2012) distinguem os termos “adaptação” e “tradução”, destacando que o primeiro leva em consideração todos os processos concernentes à adequação cultural do instrumento, não se resumindo à mera tradução.

Para o processo de adaptação transcultural do QCEI (Pieri et al., 2016) optou-se por utilizar como modelo metodológico os passos propostos por Borsa et al. (2012): (1) tradução do instrumento do idioma de origem para o idioma-alvo, (2) síntese das versões traduzidas, (3) avaliação da síntese por juízes *experts*, (4) tradução reversa, além da discussão com o autor do instrumento original, quanto a ajustes e modificações propostas na nova versão do instrumento. Apenas uma modificação ocorreu do modelo sugerido, a tradução reversa ocorreu antes da avaliação da síntese (Pieri et al., 2016).

Serão apresentadas, a seguir as tabelas que fizeram parte do processo de construção. A primeira a ser apresentada é a versão original (Tabela 1) desenvolvida e validada por Martin et al. (2012; 2013).

Tabela 1 – *Child Sport Cohesion Questionnaire*

<b>Child Sport Cohesion Questionnaire (CSCQ)</b>					
The following questions ask about your feelings toward your team. Please CIRCLE a number from 1 to 5 to show how much you agree with each statement.					
	Strongly Disagree	Disagree	Sometimes Agree	Agree	Strongly Agree
1. Our team members all share the same goals	1	2	3	4	5
2. I invite my teammates to do things with me.	1	2	3	4	5
3. We all have the same beliefs.	1	2	3	4	5
4. Some of my best friends are on this team	1	2	3	4	5
5. I like the way we work together as a team.	1	2	3	4	5
6. Our team does not work well together.	1	2	3	4	5
7. We get together with each other a lot.	1	2	3	4	5
8. As a team, we are united.	1	2	3	4	5
9. I call or message my teammates a lot.	1	2	3	4	5
10. My team gives me the chance to improve my skills.	1	2	3	4	5
11. I like to spend time with my teammates	1	2	3	4	5
12. I do not get along with my teammates.	1	2	3	4	5
13. I will keep talking to my teammates when the season ends.	1	2	3	4	5
14. We stick together outside of our sport.	1	2	3	4	5
15. We like the way we work together as a team.	1	2	3	4	5
16. In games, we all get along well.	1	2	3	4	5

Esta foi traduzida por dois psicólogos com domínio da língua inglesa comprovada (Tabelas 2 e 3) (Pieri et al., 2016). O que ofereceu a possibilidade de minimizar os possíveis riscos de vieses linguísticos, psicológicos e culturais, além da preocupação com compreensão teórica e prática (Borsa et al., 2012).

Tabela 2 - Tradução do *Child Sport Cohesion Questionnaire*

<b>Questionário de Coesão no Esporte Infantil (QCEI)</b>					
As questões a seguir perguntam seus sentimentos em relação ao seu time. Por favor circule um número de 1 a 5, que represente o quanto você concorda com cada item.					
	Discordo Plenamente	Discordo	As vezes concordo	Concordo	Concordo Plenamente
1. No nosso time todos os integrantes compartilham os mesmos objetivos.	1	2	3	4	5
2. Eu convido meus colegas de time para fazer outras atividades comigo.	1	2	3	4	5
3. Todos nós acreditamos nas mesmas crenças.	1	2	3	4	5
4. Alguns dos meus melhores amigos estão neste time.	1	2	3	4	5
5. Eu gosto da forma como trabalhamos em equipe.	1	2	3	4	5
6. Nosso time não funciona bem como equipe.	1	2	3	4	5
7. Nós estamos sempre nos encontrando.	1	2	3	4	5
8. Como time, nós somos unidos.	1	2	3	4	5
9. Eu telefono ou mando muitas mensagens para os meus colegas de time.	1	2	3	4	5
10. Meu time me dá oportunidade de melhorar as minhas habilidades.	1	2	3	4	5
11. Eu gosto de passar tempo com meus companheiros de time.	1	2	3	4	5
12. Eu não me dou bem com meus companheiros de time.	1	2	3	4	5
13. Eu mantereí contato com meus companheiros de time depois que o campeonato acabar.	1	2	3	4	5
14. Nós permanecemos unidos mesmo quando não estamos jogando.	1	2	3	4	5
15. Nós gostamos da forma como trabalhamos em equipe.	1	2	3	4	5
16. Durante as partidas, nós todos nos entendemos bem.	1	2	3	4	5

Tabela 3 - Tradução do *Child Sport Cohesion Questionnaire*

<b>Questionário de coesão em esportes infantis (QCEI)</b>					
As questões a seguir perguntam como você se sente em relação ao seu time. Por favor circule um número de 1 a 5, que represente o quanto você concorda com cada afirmação.					
	Discordo Fortemente	Discordo	Concordo as vezes	Concordo	Concordo Fortemente
1. No nosso time compartilhamos os mesmos objetivos.	1	2	3	4	5
2. Eu convido meus colegas de equipe para fazer coisas comigo.	1	2	3	4	5
3. Nós todos temos as mesmas crenças.	1	2	3	4	5
4. Alguns dos meus melhores amigos estão neste time.	1	2	3	4	5
5. Eu gosto da forma como trabalhamos juntos como uma equipe.	1	2	3	4	5
6. Nosso time não trabalha bem junto.	1	2	3	4	5
7. Nos reunimos muito uns com os outros.	1	2	3	4	5
8. Somos unidos como uma equipe.	1	2	3	4	5
9. Eu ligo e mando mensagens para meus colegas de time frequentemente.	1	2	3	4	5
10. Meu time me oferece a oportunidade de aprimorar minhas habilidades.	1	2	3	4	5
11. Eu gosto de passar o tempo com meus colegas de equipe.	1	2	3	4	5
12. Eu não me dou bem com meus colegas de equipe.	1	2	3	4	5
13. Quando a temporada acabar, eu continuarei em contato com meus colegas de equipe.	1	2	3	4	5
14. Nós nos mantemos unidos mesmo fora do esporte.	1	2	3	4	5
15. Nós gostamos da forma como funcionamos juntos como equipe.	1	2	3	4	5
16. Durante os jogos, nós todos nos relacionamos bem.	1	2	3	4	5

Em reunião com demais pesquisadores (mestrandos e doutorandos) do grupo de pesquisa do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, todos com domínio da língua inglesa, procedeu-se a síntese destas traduções (Tabela 4) (Pieri et al., 2016).

Tabela 4 - Síntese das traduções do *Child Sport Cohesion Questionnaire*

Questionário de Coesão no Esporte Infantil (QCEI)					
As questões a seguir perguntam seus sentimentos em relação ao seu time. Por favor circule um número de 1 a 5, que represente o quanto você concorda com cada item.					
	Discordo Planamente	Discordo	As vezes concordo	Concordo	Concordo Plenamente
1. Todos os membros de nossa equipe compartilham dos mesmos objetivos.	1	2	3	4	5
2. Eu convido meus colegas de time para fazer coisas comigo.	1	2	3	4	5
3. Nós todos temos as mesmas crenças.	1	2	3	4	5
4. Alguns dos meus melhores amigos estão nesta equipe.	1	2	3	4	5
5. Eu gosto da maneira pela qual trabalhamos juntos como uma equipe.	1	2	3	4	5
6. Nossa equipe não funciona bem junto.	1	2	3	4	5
7. Nós nos reunimos bastante.	1	2	3	4	5
8. Como uma equipe, nós somos unidos.	1	2	3	4	5
9. Eu telefono ou mando mensagem muitas vezes para os meus colegas de equipe.	1	2	3	4	5
10. Minha equipe me dá a oportunidade de melhorar minhas habilidades.	1	2	3	4	5
11. Eu gosto de passar tempo com meus companheiros de equipe.	1	2	3	4	5
12. Eu não me dou bem com meus companheiros de equipe.	1	2	3	4	5
13. Quando o campeonato acabar, eu continuarei em contato com meus companheiros de equipe.	1	2	3	4	5
14. Nós permanecemos unidos mesmo quando não estamos jogando.	1	2	3	4	5
15. Nós gostamos do jeito que trabalhamos juntos como uma equipe.	1	2	3	4	5
16. Durante os jogos, todos nós nos entendemos bem.	1	2	3	4	5

Como dito a cima, de acordo com Borsa et al. (2102), o trabalho de buscar a síntese das versões refere-se a comparar as diferentes traduções e avaliar as diferenças semânticas, idiomáticas, conceituais, linguísticas e contextuais, objetivando assim estabelecer uma versão única da tradução. Realizou-se, então, um debate sobre a adequação da versão em português. Destaca-se que neste grupo que participou do processo de síntese dois componentes dedicavam suas pesquisas à psicologia esportiva, o que também segue as recomendações de Borsa et al. (2012).

Após vasta discussão e revisão da tradução de todos os itens, o instrumento foi enviado para a tradução reversa. Esta realizada (Tabela 5) por um nativo do Reino Unido, professor universitário da área de pedagogia no Estado do Rio de Janeiro, desde a década de 1980, e sem experiência profissional em ciências desportivas,

conhecimentos sobre os conceitos explorados pelo instrumento, tampouco da versão original (Pieri et al., 2016).

Tabela 5 - Tradução reversa da síntese das traduções do *Child Sport Cohesion Questionnaire*

<b>Cohesion Questionnaire in Child Sport (CSCQ)</b>					
The following questions ask you about your feelings in relation to your team. Please CIRCLE the number 1 to 5 that represents how much you agree with the statement.					
	Totally Disagree	Disagree	Sometimes Agree	Agree	Totally Agree
1. All members of our team share the same objectives.	1	2	3	4	5
2. I invite my teammates to do things with me.	1	2	3	4	5
3. We all have the same beliefs.	1	2	3	4	5
4. Some of my best friends are in this team	1	2	3	4	5
5. I like the way we work together as a team.	1	2	3	4	5
6. Our team does not work well together.	1	2	3	4	5
7. We get together a lot.	1	2	3	4	5
8. We are united as a team.	1	2	3	4	5
9. I often phone or send messages to my teammates.	1	2	3	4	5
10. My team gives me the opportunity to improve my abilities.	1	2	3	4	5
11. I like to spend time with my teammates	1	2	3	4	5
12. I don't get on with my teammates.	1	2	3	4	5
13. When the championship is finished, I stay in contact with my teammates.	1	2	3	4	5
14. We remain united even when we are not playing.	1	2	3	4	5
15. We like the way we work together as a team.	1	2	3	4	5
16. During the games, we all get along with each other well.	1	2	3	4	5

Antes de ser enviada para a análise do autor do instrumento original a equipe de pesquisa realizou uma nova avaliação, na ocasião as três versões foram comparadas (versão original, tradução e tradução reversa). Com o consenso sobre a equivalência das três versões a tradução reversa foi finalmente realizada e em seguida encaminhada para o autor original através de correio eletrônico. Este aprovou a versão recebida fazendo apenas uma ressalva quanto à tradução do item 13, destacando o termo “*season*” (Pieri et al., 2016).

Inicialmente o termo “*season*” foi traduzido como “campeonato”, pois até então entendia-se que esta seria a melhor adaptação cultural para prática esportiva brasileira. Como tal palavra, na versão da tradução reversa, foi traduzida como “*championship*” gerou questionamentos no autor original e por este motivo tal item foi posto em análise novamente. A gestão 2015-2017 da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), composta por especialistas, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores na área da ciência esportiva em diferentes estados do Brasil, aceitou o desafio

e após longo debate, via ferramenta de comunicação virtual, mesmo compreendendo a dúvida inicial quanto à adaptação cultural do termo, chegou à conclusão que de fato a melhor forma de adaptar “*season*” seria traduzindo ao pé da letra, sendo assim: “temporada” (Pieri et al., 2016).

Referente aos demais itens, não houve nenhuma observação, muito pelo contrário. Percebeu-se que de dezesseis, seis (itens: 2; 3; 5; 6; 11 e 15) ficaram absolutamente idênticos ao original (Tabelas 1 e 5). Além disso, quatro (4; 7; 8 e 16) sofreram alterações mínimas e as diferenças apresentadas nos outros cinco itens (1; 9; 10; 12 e 14) foram analisados como totalmente aceitáveis pelo autor original. Após a revisão do item 13 a nova versão foi enviada, via correio eletrônico, aos juízes, e os dados de avaliação foram coletados (Pieri et al., 2016).

Os escores dos juízes foram tabulados em planilha do *software* Microsoft Excel e o algoritmo do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) foi utilizado conforme descrito por Filgueiras et al. (2015). Trata-se de um índice estatístico utilizado quando o objetivo é quantificar e interpretar o julgamento dos juízes, especialistas, convocados para analisar o instrumento a ser adaptado (Filgueiras et al., 2015). Foram, então, avaliados dois aspectos da Validade de Conteúdo: Pertinência e Clareza, além do instrumento de forma global (Pieri et al., 2016).

Pertinência se refere à capacidade de um item avaliar o construto proposto na visão do juiz, portanto trata-se de saber se o item está adequado à valência psicológica mensurada. Clareza refere-se à facilidade com que o conteúdo semântico do item é transmitido para a população-alvo; no caso do QCEI crianças entre 09 e 12 anos de idade precisam compreendê-los e respondê-los de acordo com os construtos avaliados. O juiz precisava ter em mente a experiência com atletas dessa idade para responder acerca desse aspecto da validade (Pieri et al., 2016).

Como dito anteriormente, além do CVC para Pertinência e Clareza, a média do CVC dos juízes para todos os itens e o CVC global da escala como um conjunto uniforme também foram calculados, respeitando a polarização (tendência de resposta) dos avaliadores. A literatura sugere 0,80 como ponto de corte para o CVC (Filgueiras et al., 2015); logo, se o CVC global ficar acima de 0,80 a escala pode ser considerada válida do ponto de vista de seu conteúdo. Do mesmo modo, buscava-se CVC superior a

0,80 para Pertinência e Clareza como um todo e para cada item em separado. As análises foram conduzidas no Microsoft Excel (Pieri et al., 2016).

A versão final avaliada pelos juízes obteve um CVC global de 0,902. O CVC específico para pertinência do item em face do construto que pretende avaliar mostrou um valor de 0,902, mesmo resultado do CVC para a clareza do item. Isto é, ele foi considerado de fácil entendimento para a população que será avaliada pelo instrumento (Pieri et al., 2016). Apesar da média do CVC para os juízes ter sido de 0,903, a ponderação em função do número de juízes ( $n=5$ ) foi de 0,001, o que comprometeu muito pouco o resultado da escala (Pieri et al., 2016).

Os itens 3 - “Nós todos temos as mesmas crenças” – e 7 - “Nós nos reunimos bastante” - obtiveram os respectivos valores CVC Pertinência de 0,72 e CVC Clareza de 0,76 e CVC Pertinência 0,80 e CVC Clareza de 0,76. Isto é, com exceção do CVC Pertinência do item 7, todos ficaram abaixo do ponto de corte de 0,80 (Pieri et al., 2016). Os demais itens da escala permaneceram dentro do critério estabelecido pela literatura, mesmo que tenha sido sugerido a alteração do verbo “funcionar” para “trabalhar” nos itens 6 e 15, acreditando que assim estaria mais acessível ao público-alvo. Desta forma realizou-se uma revisão quanto a adaptação e/ou validade dos itens 3 e 7 e alterou-se o verbo nos itens 6 e 15.

Em relação ao item 3 “Nós todos temos as mesmas crenças”, o conceito de crença pareceu ser a questão central para os juízes. Um deles, em suas observações, sugeriu a utilização de uma expressão contendo o verbo “acreditar” por entender que crianças entre 09 e 12 anos teriam dificuldades em avaliar questões referentes a “crenças”. Outro se preocupou com a falta de familiaridade que as crianças poderiam ter com o termo. Mesmo que o item tenha apresentado valores abaixo do ponto de corte, esse fenômeno não comprometeu o valor do CVC global que se manteve dentro dos padrões. Nesse caso optou-se por retornar ao autor do instrumento original seguindo as orientações de Heuza e Fontayne (2002).

Via correio eletrônico foi apresentado o impasse e questionado o sentido do termo, que no original encontra-se como “*beliefs*”, e a possibilidade de incluir apenas uma breve explicação. Este respondeu que o objetivo essencial era verificar se possuem os/as mesmas/os “*values*”, “*opinions*” ou “*attitudes*”, isto é: valores, opiniões

ou atitudes. Caso isso ocorresse ele estaria de acordo com a estratégia tomada. Em um primeiro momento optou-se por “Nós todos temos as mesmas opiniões”. Entretanto, após nova revisão acreditou-se que seria mais correto manter-se fidedigno ao original e as duas traduções realizadas no início do processo, sem se despreocupar com a validade da adaptação transcultural. Desta forma o item ficou com a seguinte construção: “Nós todos temos as mesmas crenças (acreditamos nas mesmas coisas)”.

Em relação ao item 7 “Nós nos reunimos bastante”, o movimento inicial se repetiu e as avaliações dos juízes foram revisitadas (Pieri et al., 2016). Porém, desta vez, nenhuma observação foi encontrada e por esse motivo um novo contato via correio eletrônico foi realizado com os mesmos. Neste havia uma explicação quanto ao valor de CVC encontrado e uma solicitação quanto possíveis sugestões. A partir das respostas percebeu-se que mais uma vez o impasse se encontrava no uso cultural da linguagem (Pieri et al., 2016). Foi apontado que devido ao uso informal do termo “*get together*” na língua inglesa, a sugestão seria clarificar que neste caso o verbo “reunimos” tinha um sentido próximo a “encontramos”. Ao rever a análise dos próprios juízes e com o objetivo de se manter coerente com a decisão tomada quanto ao item 3, a construção final ficou “Nós nos reunimos bastante (estamos sempre nos encontrando, independente dos dias de treinos)”.

Como os resultados sugeriram que a adaptação transcultural havia sido adequada e a validade de conteúdo assegurada o instrumento (Tabela 6) estava pronto para a etapa seguinte.

Tabela 6 - Adaptação transcultural do *Child Sport Cohesion Questionnaire*

<b>Questionário de Coesão no Esporte Infantil (QCEI)</b>					
As questões a seguir perguntam seus sentimentos em relação ao seu time. Por favor circule um número de 1 a 5, que represente o quanto você concorda com cada item.					
	Discordo Planamente	Discordo	Às vezes concordo	Concordo	Concordo Plenamente
1. Todos os membros de nossa equipe compartilham dos mesmos objetivos.	1	2	3	4	5
2. Eu convido meus colegas de time para fazer coisas comigo.	1	2	3	4	5
3. Nós todos temos as mesmas crenças (acreditamos nas mesmas coisas).	1	2	3	4	5
4. Alguns dos meus melhores amigos estão nesta equipe.	1	2	3	4	5
5. Eu gosto da maneira pela qual trabalhamos juntos como uma equipe.	1	2	3	4	5
6. Nossa equipe não trabalha bem junto.	1	2	3	4	5
7. Nós nos reunimos bastante (estamos sempre nos encontrando, independente dos dias de treinos).	1	2	3	4	5
8. Como uma equipe, nós somos unidos.	1	2	3	4	5
9. Eu telefono ou mando mensagem muitas vezes para os meus companheiros de equipe.	1	2	3	4	5
10. Minha equipe me dá a oportunidade de melhorar minhas habilidades.	1	2	3	4	5
11. Eu gosto de passar tempo com meus companheiros de equipe.	1	2	3	4	5
12. Eu não me dou bem com meus companheiros de equipe.	1	2	3	4	5
13. Quando a temporada acabar, eu continuarei em contato com meus companheiros de equipe.	1	2	3	4	5
14. Nós permanecemos unidos mesmo quando não estamos jogando.	1	2	3	4	5
15. Nós gostamos da maneira pela qual trabalhamos juntos como uma equipe.	1	2	3	4	5
16. Durante os jogos, todos nós nos entendemos bem.	1	2	3	4	5

Os 14 itens, sete referente à coesão de tarefa (1; 3; 5; 8; 10; 15 e 16) e os outros sete à coesão social (2; 4; 7; 9; 11; 13 e 14) , mais os dois que não avaliam a coesão da equipe (6 e 12), mas sim a aquiescência das respostas, foram aplicados em 140 crianças, respeitando a proporção de 10 vezes o número de itens (válidos) recomendado pela literatura técnico-científica (Filgueiras et al., 2015). O próximo capítulo apresenta a discussão sobre os dados colhidos nesta etapa e o processo final da validação da adaptação transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil.

### 3 ESTUDO - O PROCESSO DE VALIDAÇÃO DA ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DO QUESTIONÁRIO DE COESÃO NO ESPORTE INFANTIL

Ao término do processo de tradução e adaptação do Questionário de Coesão no Esporte Infantil (QCEI), para a adequação semântica e cultural da prática esportiva brasileira, pretende-se, agora, realizar um estudo de validade do QCEI na cultura brasileira. A adaptação transcultural para a realidade brasileira, e a sua validação, pode ser útil para aqueles treinadores e psicólogos do esporte que desejam avaliar/analisar as dinâmicas das relações nas equipes em que trabalham. O instrumento que serviu de base para o presente estudo foi o *Child Sport Cohesion Questionnaire* (CSCQ) (Martin et al., 2013), que tem origem canadense e avalia a coesão em equipes de crianças entre 09 e 12 anos.

Por acreditar que tanto aspectos culturais quanto linguísticos, poderiam afetar a aplicabilidade ou a interpretação do questionário, se fez necessário analisar a validade do instrumento já traduzido e adaptado. Processo esse sugerido por Ntoumanis e Aggelonidis (2004), primeiros pesquisadores a buscar a adaptação transcultural do *Group Environment Questionnaire* (Carron et al., 1985). Instrumento que também avalia a coesão no ambiente esportivo, porém voltado ao público adulto. A intenção dos autores, na época, era verificar a tradução e adaptação na Grécia.

Ao validar a adaptação transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil (QCEI) pretende-se oferecer àqueles que trabalham com equipes nacionais desta idade uma ferramenta que busca evitar o abandono esportivo e promover experiência mais prazerosas, justamente por avaliar a coesão social e de tarefa nos diferentes grupos esportivos. Para a elaboração de base de dados, gerenciamento e análise estatística para este estudo o *software* escolhido foi o *Statistical Package for the Social Science* (SPSS) em sua versão 19.0 para Windows. Nele avaliou-se a Análise Fatorial Exploratória e a Análise Fatorial Confirmatória dos itens presentes na adaptação transcultural.

### 3.1 Objetivo

#### 3.1.1 Objetivo Geral

- Validar a versão brasileira do Questionário de Coesão no Esporte Infantil.

#### 3.1.2 Objetivos Específicos

- Disponibilizar um instrumento psicométrico que avalie a coesão nos ambientes esportivos oferecidos para equipes brasileiras compostas por crianças com idades entre 9 e 12 anos.
- Oferecer um instrumento psicométrico que ajude na promoção de ambientes esportivos infantis mais coesos e prazerosos, onde os laços sociais são considerados fundamentais.
- Facilitar a avaliação das relações sociais presentes nas equipes de esporte infantil brasileira.
- Contribuir, por intermédio de um instrumento psicométrico, para a ampliação da psicologia esportiva no Brasil.

### 3.2. Método

#### 3.2.1 Aspectos éticos

A pesquisa obedeceu a todos os aspectos éticos de acordo com a resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das diretrizes e normas de pesquisas envolvendo seres humanos, sendo aprovada pelo Conselho de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - **CAAE**: 55617616.4.0000.5282.

#### 3.2.2 Participantes

O tamanho da amostra foi determinada com base nas recomendações de Pasquali (1999), que propõe no mínimo 10 participantes por item do instrumento. Desta forma, como a ferramenta original possui 14 questões válidas – visto que as outras

duas são apenas para avaliar a aquiescência (Pieri et al., 2016), aplicou-se a versão final, traduzida e adaptada para a língua portuguesa brasileira, do QCEI em 140 participantes. Os critérios de inclusão utilizados foram três e seguiram as sugestões de Martin et al. (2013): (i) Crianças com idades entre 09 e 12 anos, (ii) Crianças praticantes de alguma modalidade esportiva coletiva e (iii) Criança pertencentes à mesma equipe há, pelo menos, três meses. Este é considerado o período mínimo para que o atleta consiga analisar a coesão de sua equipe (Nascimento Jr et al., 2012).

A amostragem final (140 crianças) contou com meninos (70%) e meninas (30%) (Tabela 7). Como apresentado no capítulo anterior, Martin et al. (2012) afirmam que, em equipes com atletas de nove a doze anos, o sexo não é um fator significativo quando o assunto é diferença de percepção quanto a coesão grupal. Nesse mesmo sentido, Eys et al. (2015) afirmam que independentemente do gênero do grupo a coesão tem grande influência no time. Desta forma, desde o princípio da pesquisa, a intenção foi realizar o procedimento de adaptação do QCEI em equipes masculinas e femininas.

Tabela 7 – Dados da amostra (n= 140)

<b>Variáveis</b>		<b>Frequência (%)</b>
Sexo	Masculino	70
	Feminino	30
Modalidade	Futebol	37,1
	Futsal	27,1
	Volei	11,4
	Basquete	6,4
	Ginástica Rítmica	6,4
	Rugbi	6,4
	Baseball	5
Estado Natal	Rio de Janeiro	52,9
	São Paulo	20,7
	Maranhão	15,7
	Amazonas	2,1
	Bahia	2,1
	Espírito Santos	1,4
	Paraná	1,4
	Piauí	0,7
	Mato Grosso	0,7
	Pernambuco	0,7
	Distrito Federal	0,7
Paraíba	0,7	

A idade média dos participantes foi de 10,59 anos com desvio padrão de 1,07. Todos os participantes, no momento da aplicação informaram estar devidamente matriculados e serem frequentadores das aulas do ensino fundamental em suas respectivas escolas. A escolha das modalidades seguiu dois critérios: esportes populares no Brasil (futebol, futsal, basquete e vôlei) e esportes comuns no Canadá, país onde o questionário foi desenvolvido originalmente e cada vez mais populares

entre as crianças brasileiras (beisebol, ginástica rítmica e rúgbi). Destes esportes a modalidade que mais emprestou participantes foi o futebol, com 37,1% do total. Já o esporte com menor número de praticantes foi o beisebol, com 5% (Tabela 7).

A presente pesquisa contou com a participação de crianças naturais das cinco regiões brasileiras. Onze diferentes estados (mais o Distrito Federal) foram contemplados, sendo que os que alcançaram o maior número de participantes foram: Rio de Janeiro, Maranhão e São Paulo (Tabela 7). Fato este que difere da estratégia utilizada na adaptação transcultural do questionário de coesão endereçada ao público adulto para a cultura brasileira que focou em um único estado nacional (Nascimento Jr et al., 2012).

### 3.2.3 Instrumentos

Foram utilizados nessa pesquisa os seguintes instrumentos:

A – *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) - é um instrumento usado para informar o participante sobre o objetivo da pesquisa e os direitos do respondente.

B - *Questionário SocioDemográfico* - utilizado para caracterizar os participantes quanto ao gênero, idade, escolaridade, Estado de moradia, motivação para adesão ao esporte, motivação para permanência no esporte, tempo como membro do time, tempo de prática esportiva, tempo na modalidade esportiva, quantidade de treinos semanais e carga horária de treino por dia.

C - *Questionário de Coesão no Esporte Infantil* (QCEI), instrumento que contém 16 itens e que mede a percepção de coesão em uma escala tipo Likert de 5 categorias de endosso, onde o 1 corresponde a “discordo completamente”, 2 a “discordo”, 3 a “às vezes concordo”, 4 “concordo” e o 5 a “concordo completamente”, sendo que quanto maior o escore do resultado, maior a percepção de coesão (Martin et al., 2012). Sete destes itens medem a coesão de tarefa com intuito de analisar a união de um time durante uma competição e o quanto os membros deste time trabalham coletivamente em prol de um objetivo comum. Os outros sete itens referem-se à coesão social, ou seja, às relações sociais do time dentro e fora do contexto esportivo. Por fim,

há dois itens de teor negativo que tem o objetivo de avaliar a consistência das respostas do atleta (Martin et al., 2013).

D – Questionário de Validação, instrumento, composto de 5 perguntas em uma escala tipo Likert de 10 categorias, onde o 1 corresponde a menor pontuação e o 10 a maior em relação a sua concordância com a afirmação presente em cada item. Dos quatro itens dois referem-se à aspectos correlacionados com coesão de tarefa e dois à coesão social. O quinto item auxilia na compreensão da aquiescência das respostas oferecidas.

### 3.2.4 Procedimentos

Por se tratar de uma amostra nacional e devido ao tamanho geográfico do país, os participantes foram convocados por psicólogos do esporte que atuam em diferentes estados. Estes participaram de um treino prévio que focava na apresentação de cada instrumento e de uma objetiva explicação referente à aplicação. Via correio eletrônico, os instrumentos (questionário sócio-demográfico, Questionário de Coesão no Esporte Infantil e o Questionário de Validação), junto com o TCLE foram enviados para grupos de psicólogos do esporte, que se prontificaram a colaborar voluntariamente. Após contato inicial com as instituições esportivas, também via correio eletrônico, onde o responsável legal desta pesquisa pode apresentar e explicar seus objetivos a partir de uma carta de apresentação, as instituições esportivas concederam autorização para aplicação em seus atletas e familiares.

O Treinamento prévio, realizado via veículo de comunicação a distância, foi dividido em três etapas: apresentação da fundamentação teórica, exposição dos objetivos e esclarecimento em relação à metodologia de aplicação. Por fim orientou-se para que a aplicação não prejudicasse o treinamento do dia. Cada instituição estabeleceu um critério, sendo estes aplicados antes ou após os treinos. As instituições concordaram que seus psicólogos colaboradores, ou o pesquisador responsável pelo presente estudo, aplicassem versões impressas em crianças com idades entre 09 e 12 anos que representassem suas respectivas agremiações.

No questionário impresso havia uma apresentação da pesquisa, o registro de autorização do Comitê de Ética em Ensino e Pesquisa e o TCLE. Só participaram da pesquisa jovens atletas que tiveram o TCLE lido e assinado por seu responsável. Após este primeiro momento cada criança respondeu o questionário sócio-demográfico, o QCEI e o QV – nesta ordem.

### 3.3 Resultado

Para a validação do questionário traduzido e adaptado foram empregadas algumas técnicas estatísticas. O coeficiente de Correlação de Validade Convergente (Spearman) foi utilizado para analisar a correlação entre o Questionário de Coesão do Esporte Infantil (QCEI) e o Questionário de Validação (QV). O resultado encontrado foi  $r = 0,93$ . O  $r$  de Spearman deve ser utilizado quando o objetivo é analisar o grau de relacionamento linear entre variáveis não paramétricas e buscam-se valores próximos aos extremos (-1 ou 1) (Dancey & Reidy, 2004).

Em seguida verificou-se a confiabilidade do QCEI para a devida amostra, a partir do coeficiente de Cronbach. Na presente pesquisa o *Alpha* de Cronbach foi de 0,78 o que sugere que a escala é devida para amostra participante, visto que, segundo Formiga, Duarte, Neves, Machado e Machado (2015) o ponto de corte é 0,7.

Com o objetivo de validar a adaptação transcultural do QCEI também foram realizadas Análise Fatorial Exploratória (AFE) e a Análise Fatorial Confirmatória (AFC). Ambas realizam o agrupamento das variáveis observadas e as reduzem o número de fatores (dimensões latentes) que explicam o conjunto de variáveis observadas (Borsa et al., 2012).

De acordo com Nascimento Jr et al. (2012) não há melhor maneira para avaliar a validade de um constructo em instrumento se não através da AFC, visto que ela testa a hipótese científica do modelo conceitual. No processo de desenvolvimento do *Child Sport Cohesion Questionnaire* (CSCQ) (Martin et al., 2012) o modelo conceitual utilizado, já apresentado nos capítulos anteriores da presente dissertação, seguiram as pesquisas de Carron et al. (1985) e Eys et al. (2009). Este autores, a partir da AFE constataram dois fatores que melhor explicavam a covariância entre os itens do CSCQ:

coesão de tarefa e coesão social (tabela 8), em seguida a AFC confirmou tal informações (Martin et al., 2013).

Tabela 8 - Modelo original do *Child Sport Cohesion Questionnaire*

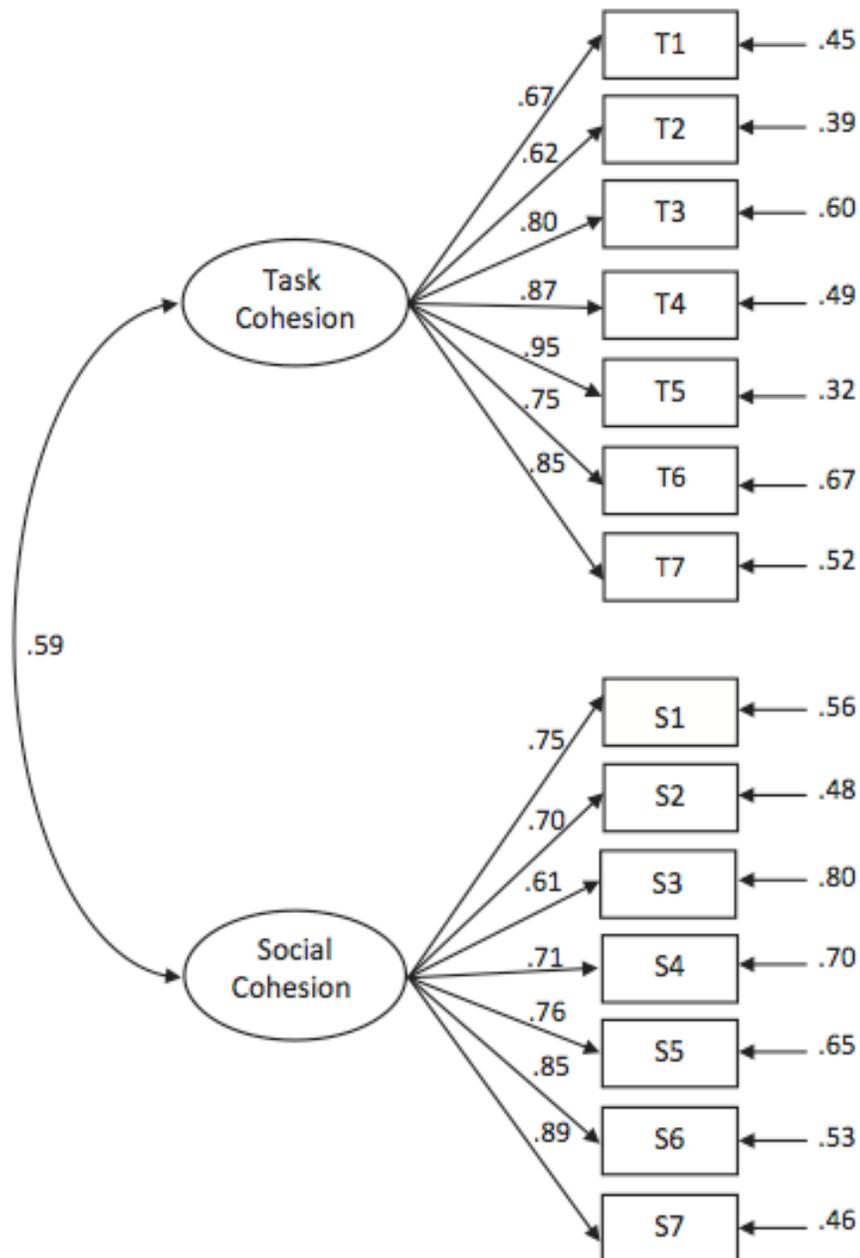


FIGURE 1 Inter-factor correlation, standardized parameter estimates, and errors of the Child Sport Cohesion Model.

De acordo com a tabela 8 os itens do CSCQ final (Martin et al., 2013) referente à coesão de tarefa são: 1, 3, 5, 8, 10, 15 e 16 e os que representam coesão social são: 2, 4, 7, 9, 11, 13 e 14. Sendo os itens 6 e 12 os que avaliam a aquiescência das respostas. O presente estudo partiu da hipótese que o mesmo ocorreria na adaptação cultural para língua portuguesa do Brasil. Todavia, os resultados da AFE sugeriam uma nova organização dos itens e os valores apresentados na AFC indicaram que a relação de parcimônia na estrutura dimensional proposta no estudo original não era satisfatório para a adaptação transcultural. A literatura sugere que o Tucker-Lewis Index (TLI) e o Incremental Fit Index (IFI) sejam os dois maiores que 0,9 (Formiga, Fleury e Souza, 2014; Leal e Albertin, 2015) e os resultados encontrados foram, respectivamente, 0,79 e 0,83. O que sugeriu que a versão brasileira do questionário não é estruturada em um modelo de dois fatores (social e tarefa).

Cogitou-se a hipótese de que a versão brasileira seria um modelo hierárquico, isto é, um modelo onde há um fator central e a partir dele há subfatores – no caso do QCEI o fator central seria coesão e os subfatores seriam dois: coesão de tarefa e coesão social. Todavia, os resultados referente à qualidade de ajustamento também foram insatisfatórios, TLI = 0,79 e IFI = 0,86. Como último recurso testou-se o modelo bifatorial.

Trata-se de um modelo com três fatores, sendo um geral, mais preponderante, e dois subjacentes – no caso do QCEI supõe-se que o fator geral seria coesão e os subjacentes seriam coesão de tarefa e coesão social. Neste caso haveria um fator mais amplo que representa o conceito de coesão e que orienta as respostas dos atletas. Todavia, a teoria indicada por Martin et al. (2012; 2013), que divide em coesão de tarefa e coesão social, ajudaria na melhor compreensão dos respondentes. O que não necessariamente significaria afirmar que coesão esteja de fato dividida entre coesão de tarefa e coesão social.

Desta vez os resultados apontaram uma adequação melhor, com TLI 0,86 e IFI 0,91. Mesmo sabendo que o TLI ainda não estava no padrão exigido pela literatura, optou-se por analisar a parcimônia a partir do PCFI, que corrige os índices relativos com um fator de penalização associado à complexidade do modelo (Santos & Paes, 2014). Segundo estes autores os valores aceitáveis para o PCFI deve ser  $> 0,6$  e  $< 0,8$ .

O valor encontrado no modelo bifatorial do QCEI foi 0,61. Para confirmar sua validação o RMSEA (0,55) o AIC (208,06) e o CMIN/DF e P (1,42 e 0,16) também apresentaram resultados considerados apropriado pela literatura (Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga & Menezes, 2011).

A tabela 9 abaixo apresenta os valores dos 6 índices, nos três modelos discutidos acima.

Tabela 9 – Valores da AFE a partir do modelo original proposto por Martin et al. (2013).

Modelos	TLI	IFI	PCFI	RMSEA	AIC	CMIN/DF e P
Dois Fatores	,792	,835	,690	,068	183,285	1,648 e 0,0
Hierárquico	,793	,886	,615	,063	233,800	1,813 e 0,0
Bifatorial	,865	,917	,619	,055	208,061	1,420 e 0,16

Mesmo que o modelo bifatorial, onde a hipótese inicial seria que haveria um fator central que representaria a coesão e dois fatores subjacentes, coesão de tarefa e coesão social, se apresentasse como o mais adequado, os valores apresentados pelos índices de ajustamentos e os resultados apresentados na Análise Fatorial Exploratória solicitavam uma nova tentativa de análise. Desta vez, ao invés de manter a proposta de Martin et al. (2012) com sete itens referentes à coesão de tarefa e sete à coesão social, com dois como avaliadores de aquiescência, seguiu-se a AFE e testaram-se os três modelos – hierárquico, bifatorial e de dois fatores – a partir de uma nova organização. Desta vez oito itens referiam-se à coesão de tarefa ( 1, 3, 5, 7, 10, 14, 15 e 16) e seis à coesão social (2, 4, 8, 9, 11 e 13).

Os itens que, segundo a AFE, deveriam ser analisados como coesão de tarefa e não como coesão social foram o 7 “Nós nos reunimos bastante (estamos sempre nos encontrando, independente dos dias de treinos)”, que também gerou dúvidas no

processo de adaptação cultural (Pieri et al., 2016), e o 14 “Nós permanecemos unidos mesmo quando não estamos jogando”. Ambos falam sobre aproximação dos companheiros de equipe para além do ambiente esportivo. Já o item que segundo Martin et al. (2012) corresponde à coesão de tarefa e foi sugerido como coesão social foi o 8 “Como uma equipe, nós somos unidos”. Que também refere-se sobre a aproximação entre os companheiros.

No capítulo dois da presente dissertação foi apresentada a pesquisa feita por Ohlert et al. (2015) que questiona as relações entre os companheiros de uma equipe quando não há o quesito esporte unindo os atletas. Talvez, o que AFE do QCEI esteja alertando é que as relações de jovens atletas brasileiros com os seus companheiros de time remetem sempre aos objetivos e tarefas da equipe e que a coesão social entre os atletas existe sim, mas quando vinculado à prática em conjunto do time.

Há outros possíveis motivos para esta reorganização dos dados. Como por exemplo a relação que os atletas atualmente têm e são encorajados a ter com suas equipes. Tema este apresentado no sub capítulo da presente dissertação intitulado como “Coesão no Contexto Esportivo” e levantado por Jackson (2004), Bernardes et al. (2015) e Bergeron et al. (2015)

Todavia, é importante destacar, como um forte indicador para a primeira hipótese, que o questionário de coesão para o esporte infantil original foi avaliado com equipes escolares (Martin et al., 2013). Isto se deu pois na cultura canadense, a maioria das equipes esportivas é relacionada a escola (Martin et al., 2012). Realidade diferente da cultura brasileira, nenhuma equipe que participou do presente estudo representavam uma agremiação escolar.

As tabelas abaixo apresentam as estruturas e os dados dos três tipos de modelos a partir da organização proposta pela AFE. Percebe-se que novamente o modelo bifatorial (tabela 13) parece ser o mais adequado e desta vez seus índices podem ser considerados de acordo com a referente literatura (Formiga et al., 2014; Leal e Albertin, 2015; Sampaio et al. 2011; Santos e Paes, 2014.)

Tabela 10 – Valores da AFE a partir da nova organização dos itens.

Modelos	TLI	IFI	PCFI	RMSEA	AIC	CMIN/DF e P
Dois Fatores	,587	,672	,547	,096	260,024	2,290 e 0,0
Hierárquico	,587	,672	,547	,096	270,024	2,290 e 0,0
Bifatorial	,963	,977	,664	,029	189,222	1,116 e 0,247

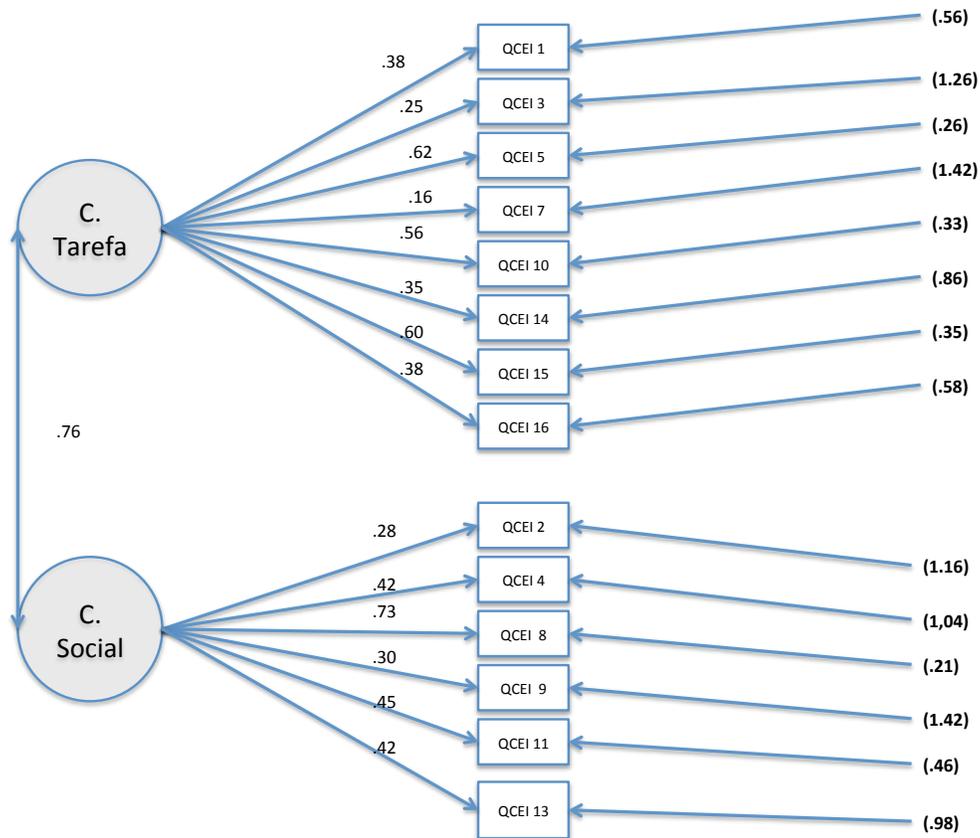


Tabela 11 – Modelo do QCEI com dois fatores, a partir da nova organização de itens.

Tabela 12 – Modelo do QCEI com fator hierárquico, a partir da nova organização de itens.

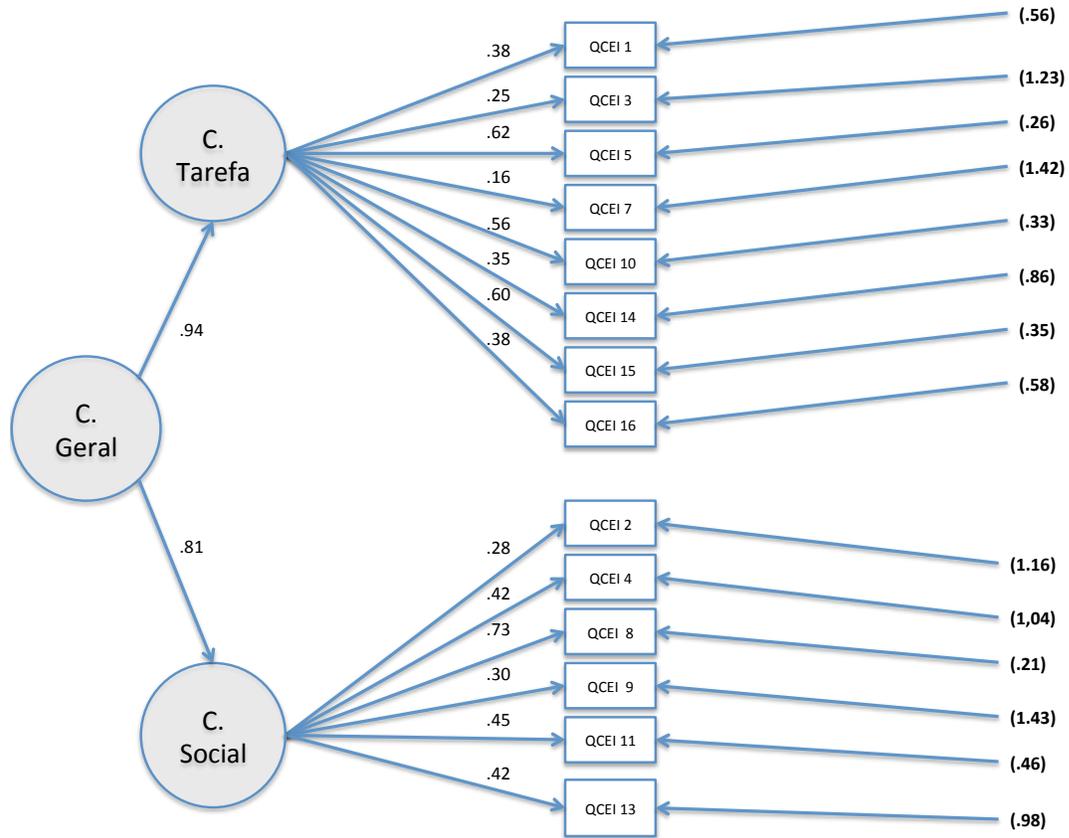
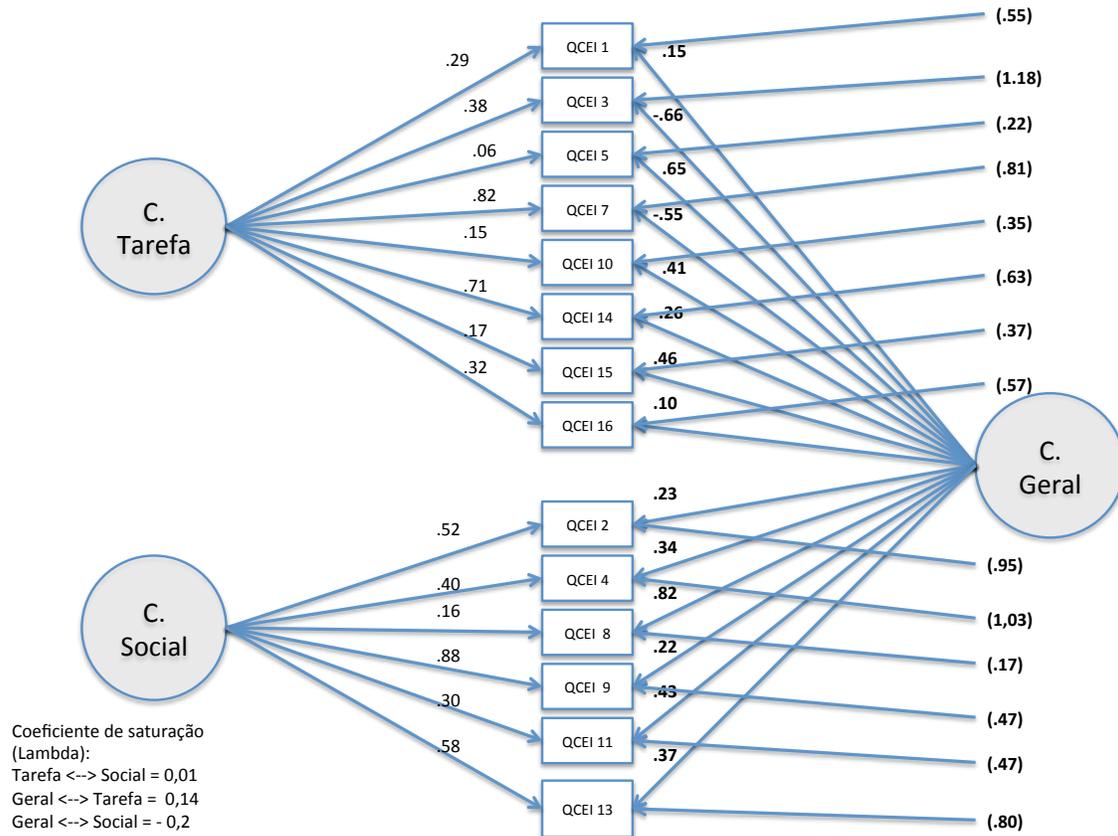


Tabela 13 – Modelo final do Questionário de Coesão no Esporte Infantil (bifatorial)



Além das análises psicométricas realizou-se também a análise das respostas dadas no Questionário sociodemográfico. Para tal, foram seguidas as propostas de Bardin (2006). Segundo este autor, é importante compreender criticamente as informações presente no discurso e a técnica da análise de conteúdo, onde objetiva-se a inferência de conteúdo referente à produção, e que neste estudo, mostra-se ser uma excelente ferramenta. Os dados verbais coletados nas perguntas do questionário podem ser objeto de análise de conteúdo e classificação dos relatos em categorias. Para posteriormente serem quantificadas em termos de frequência (Bardin, 2006).

De acordo com Chizzotti (2006) há diferentes formas de realizar a análise de conteúdo, análise de enunciação, análise léxica, análise de conotação e análise de categorias, sendo que todas elas buscam identificar o discurso dentro de um determinado tema. Para a presente pesquisa optou-se pela última citada, a análise de categorias. Três perguntas tiveram as suas respostas detalhadamente analisadas.

Estas referiam-se ao motivo inicial da prática esportiva, o motivo de permanência da prática esportiva e o que cada participantes mais gostavam durante a prática esportiva.

Bernardes et al. (2015) afirmam que os motivos mais comuns para o ingresso e a permanência de jovens-atletas brasileiros na pratica esportiva resultam da combinação de indicadores sociais, ambientais e individuais. Neste sentido as três perguntas do Questionário Sócio Demográfico foram divididas em categorias categoricamente analisadas por um grupo de juízes composto por doutores e doutorandos de Psicologia Social. As categorias de agrupamento foram:

- Motivo inicial - Satisfação Pessoal, Influência Externa, Saúde, Aspectos comportamentais, Condições Materiais, Aspectos Cognitivos, Interação Social, Aspectos Emocionais, Interação Social e outros.
- Motivo de Permanência - Satisfação Pessoal, Influência Externa, Saúde, Aspectos comportamentais, Condições Materiais, Aspectos Cognitivos, Interação Social, Aspectos Emocionais, Interação Social e outros.
- O que mais gosta durante a prática - Comportamentos Pró-Sociais para equipe, Perspectivas futuras, Desempenho (treino e competição), Bem-estar e Saúde, Interação Social (com ou sem aprendizagem), Atividades Inerentes à Modalidade e outros.

O motivo de analisar esmiuçadamente as respostas dadas nestes três itens se dá pelo embasamento teórico utilizado em toda pesquisa, que diz que identificar os motivos subjacentes das crianças à prática esportiva facilita a elaboração de possíveis ações mais estratégicas em prol de uma vivência mais favorável. Fato que tende a aumentar as chances de permanência no time e, conseqüentemente, na prática desportiva (Bergeron, et al., 2015; Bernardes, et al., 2015; Côté & Vierimaa, 2014; Eys et al., 2009; Martin et al., 2013; Taylor & Bruner, 2012).

De acordo com as análises dos juízes, das respostas dadas pelos jovens atletas, nas três perguntas, mais de 80% se adequam às categorias propostas (88%, 85% e 81%, respectivamente). A tabela abaixo (tabela 14) mostra que a satisfação pessoal exerce grande motivação tanto para o começar a prática, quanto para a sua continuidade. Entende-se como satisfação pessoal algo de natureza interna da pessoa, tal como gosto, desejo de conhecer, prazer, alegria e diversão.

Tabela 14 - Dados da análise discursiva

<b>Variáveis</b>		<b>Frequência (%)</b>
Motivo inicial	Influência externa	39
	Satisfação pessoal	38,2
	Aspectos cognitivos	8,1
	Saúde	7,3
	Aspectos comportamentais	2,4
	Condições materiais	1,6
	Interação social	1,6
	Aspectos emocionais	1,6
Motivação de permanência	Satisfação pessoal	61,3
	Condições materiais	10,1
	Aspectos cognitivos	8,4
	Interação social	7,6
	Influência externa	5,9
	Saúde	5
	Aspectos comportamentais	1,7
Mais gosta na prática	Atividades inerentes à modalidade	37,4
	Interação social (com ou sem aprendizagem)	21,7
	Bem-estar e saúde	16,5
	Desempenho (treino e competição)	13,9
	Comportamento pró-social para equipe	7,8
	Perspectivas futuras	2,6

Enquanto que a Satisfação pessoal aparece como o grande motivo de permanência na prática (61,3% dos casos), em relação ao ingresso a presente pesquisa encontrou que a influência externa também possui forte impacto. Sendo mais preciso, 48, das 140 crianças que responderam o questionário, disseram que o ingresso

se deu por incentivo externo. Destes, 60,4% localizaram esta influência externa em algum familiar, tais como: pai, mãe, irmão e primos.

Estes números acompanham a teoria de Jayanthi et al. (2013) e as pesquisas de Bernardes et al. (2015) e Bergeron et al. (2015). Os primeiros autores dizem que a principal influência para a inserção da criança no esporte são os familiares, principalmente os pais. Sendo que cabe aos responsáveis pelos ambientes oferecidos promover a satisfação e a motivação para que a criança decida permanecer na atividade. No Brasil, a pesquisa realizada por Bernardes et al. (2015) encontrou que motivados pelo prazer, os jovens também costumam ingressar na prática do desporto pela satisfação do processo de conhecê-lo, explorá-lo e aprofundá-lo. Já no cenário internacional Bergeron et al. (2015) afirmam que a família possui forte influência nesse processo.

Importante observar nas tabelas a discrepância entre o principal e o segundo motivo de ingresso e permanência na prática desportiva. Enquanto que a influência externa, principalmente os familiares, é um motivo presente na decisão das crianças brasileiras começarem a prática esportiva, esse elemento externo aparentemente não influencia tanto na decisão de seguir no esporte. Ao analisar mais de perto os motivos que indicavam como permanência aspectos voltados à satisfação pessoal percebeu-se que 68% utilizaram do verbo “gostar”, já os outros utilizaram expressões como “é divertido”, “é legal”, “é prazeroso” etc.

Percebe-se, no presente estudo, que os dados apontam para a satisfação pessoal como principal motivo de permanência no esporte infantil sugere que o modelo de iniciação esportiva, oferecido no Brasil, pode ser considerado o recomendado pela literatura internacional. Côté e Vierimaa (2014), por exemplo, apontam para a importância da proposta pedagógica, no esporte praticado por criança até treze anos, valorizar os aspectos lúdicos e não se esquecer que o principal foco destes programas deve ser proporcionar uma vivência prazerosa para os atletas mirins.

Utilizar do presente estudo, para afirmar que a iniciação esportiva no Brasil se dá de acordo com o que literatura internacional indica como a mais adequada, sem dúvida pode ser uma afirmação prematura. Todavia pode ser um indício importante, o ideal seria investigar tal hipótese em outros momentos. De acordo com Vierimaa et al.

(2012) para certificar que o programa esportivo proposto de fato consegue promover o desenvolvimento saudável, positivo e de sucesso para o bem estar da criança, faz-se necessário uma pesquisa longitudinal que acompanhe de perto o desenvolvimento biopsicossocial de atletas.

Ainda de acordo com a tabela 14, apenas 16,5% das crianças entrevistadas afirmam que o que mais gostam na prática esportiva refere-se a algo ligado à saúde física e psíquica, ou seja ao bem estar e à saúde. Enquanto que 37,4% apontaram para os aspectos inerentes à própria modalidade, como por exemplo fazer gol, correr e driblar, e 21,7% destacaram a interação social, ou seja aspectos voltados aos relacionamentos sociais internos no próprio grupo.

De acordo com a literatura, coesão de tarefa indica o quanto os componentes do time focam, de forma unida, na realização das atividades inerentes à modalidade e a coesão social reflete no quanto os mesmos componente focam nas relações afetivas entre os membros da equipe (Ntoumanis & Aggelonidis, 2004). Ao (re)analisarmos a tabela acima podemos supor que, segundo a análise dos juízes, para os participantes do presente estudo, a coesão de tarefa e a coesão social de seus respectivos times estão diretamente ligadas aos aspectos que mais geram prazer na prática esportiva. Além disso, podemos também supor o motivo pelo qual a Análise Fatorial Exploratória sugeriu que a adaptação transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil possui uma organização diferente do questionário original publicado por Martin et al. (2013).

Desse modo a presente pesquisa conclui que a versão final válida como adaptação transcultural do questionário de coesão no esporte infantil segue a seguinte estrutura (Tabela 15):

Tabela 15 – Estrutura final do Questionário de Coesão no Esporte Infantil

<b>Questionário de Coesão no Esporte Infantil (QCEI)</b>					
As questões a seguir perguntam seus sentimentos em relação a sua equipe. Por favor circule um número de 1 a 5, que represente o quanto você concorda com cada item.					
	Discordo Planamente	Discordo	Às vezes concordo	Concordo	Concordo Plenamente
1. (T) Todos os membros de nossa equipe compartilham dos mesmos objetivos.	1	2	3	4	5
2. (S) Eu convido meus colegas de equipe para fazer coisas comigo.	1	2	3	4	5
3. (T) Nós todos temos as mesmas crenças (acreditamos nas mesmas coisas).	1	2	3	4	5
4. (S) Alguns dos meus melhores amigos estão nesta equipe.	1	2	3	4	5
5. (T) Eu gosto da maneira pela qual trabalhamos juntos como uma equipe.	1	2	3	4	5
6. Nossa equipe não trabalha bem junto.	1	2	3	4	5
7. (T) Nós nos reunimos bastante (estamos sempre nos encontrando, independente dos dias de treinos).	1	2	3	4	5
8. (S) Como uma equipe, nós somos unidos.	1	2	3	4	5
9. (S) Eu telefono ou mando mensagem muitas vezes para os meus colegas de equipe.	1	2	3	4	5
10. (T) Minha equipe me dá a oportunidade de melhorar minhas habilidades.	1	2	3	4	5
11. (S) Eu gosto de passar tempo com meus colegas de equipe.	1	2	3	4	5
12. Eu não me dou bem com meus colegas de equipe.	1	2	3	4	5
13. (S) Quando a temporada acabar, eu continuarei em contato com meus colegas de equipe.	1	2	3	4	5
14. (T) Nós permanecemos unidos mesmo quando não estamos jogando.	1	2	3	4	5
15. (T) Nós gostamos da maneira pela qual trabalhamos juntos como uma equipe.	1	2	3	4	5
16. (T) Durante os jogos, todos nós nos entendemos bem.	1	2	3	4	5

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Côté e Vierimaa (2014) recomendam que responsáveis por ambiente esportivo em programas com crianças devem sempre incentivar a relação coesa entre os praticantes com seus companheiros, treinadores e pais. A Coesão tem sido reconhecida como o principal influenciador nas dinâmicas coletivas em uma equipe (Sullivan et al., 2002). O presente trabalho buscou realizar um estudo de validação sobre a adaptação transcultural do Questionário de Coesão Infantil. Esse inventário, originalmente canadense, mede a coesão em equipes esportivas com crianças de idades entre 09 e 12 anos (Martin, et al., 2012).

Esta não foi a primeira vez que se tentou validar a adaptação de um questionário de coesão esportiva para o esporte infantil em uma outra cultura, não canadense. De acordo com Leo et al. (2015), em 2006 Garcia-Calvo já havia se esforçado nesta direção e buscou adaptar para crianças espanholas, porém não tiveram êxito. Acredita-se que o principal motivo foi que eles utilizaram o questionário de coesão esportiva desenvolvido para o público adulto (Leo et al., 2015).

De acordo com Filgueiras et al. (2015) os processos de adaptação e tradução de um instrumento exigem cuidados que devem manter a correspondência com a escala original. A presente pesquisa estudou aspectos tanto referentes ao conceito teórico de coesão em diferentes abordagens científicas, quanto à prática esportiva infantil. Sem contar com a preocupação permanente de se manter mais fidedigno possível com o instrumento original. As constantes trocas de correspondência eletrônica com o autor principal do *Child Sport Cohesion Questionnaire* são indicativos de que se buscou ficar o mais próximo possível do instrumento original, solicitando *feedbacks* dos autores.

Borsa et al. (2012) afirmam que são diversos os passos exigidos quando se busca validar a adaptação transcultural de um instrumento psicométrico, entretanto estes autores orientam que o primeiro passo é avaliar a estrutura fatorial. No caso do QCEI a Análise Fatorial Exploratória já apresentou incompatibilidade desde o primeiro momento. Fato este que os próprios autores (Borsa et al., 2012) sugerem como possível e que neste momento o recomendado é analisar se não há incompatibilidades

culturais entre as duas culturas. Referente ao presente tema, para futuros estudos, sugere-se analisar as diferenças nas propostas pedagógicas no período de iniciação esportiva.

No caso da presente pesquisa notou-se que enquanto no Canadá os times compostos por crianças da idade em questão na maioria das vezes são representantes de times escolares (Martin et al., 2013), nas escolas brasileiras a realidade não é a mesma. Este detalhe faz com que a relação social entre os jovens atletas canadenses ultrapasse as fronteiras desportivas, visto que os mesmos jovens que compõem uma equipe trocam experiências em outros espaços oferecidos pela escola. No caso do esporte infantil brasileiro poucas são as crianças que defendem equipes esportivas escolares.

É verdade que tal discussão não se encerra aqui, mas esta diferença fica nítida quando se compara o processo de validação do CSCQ e do QCEI. Enquanto que naquele todas as equipes representavam agremiações escolares (Martin et al., 2013), neste nenhum time era escolar. Estas diferenças culturais não inviabilizam a validação da adaptação transcultural do questionário, mas exigiram uma nova organização de itens e um novo modelo de análise fatorial.

Enquanto que na versão original o modelo sugerido pelas AFE e AFC era de dois fatores, onde sete itens faziam referência à coesão social, outras sete à de tarefa e duas tinham função de analisar a aquiescência. A versão brasileira foi composta por nove questões referentes à coesão de tarefa e cinco à coesão social, além das duas que comprovam a aquiescência. No modelo sugerido como o mais adequado para versão brasileira, segundo as análises fatoriais, há um fator central que supõe-se ser o conceito de coesão, e que todos os itens seriam influenciados por ele. Tal informação merece uma revisão mais aprofundada em futuras pesquisas. É importante certificar-se se esta hipótese inicial referente ao fator central está correta.

Os índices psicométricos indicaram que a partir desta reorganização dos itens é possível afirmar que o Questionário de Coesão no Esporte Infantil é um instrumento psicométrico bifatorial válido para ser utilizado em território nacional. Ainda assim, sugere-se que novas pesquisas sejam feitas com outros públicos-alvo que tenham as mesmas características: ter idades entre 9 e 12 anos, ser praticante de esporte coletivo

e pertencer ao time por mais de três meses. Ressalta-se aqui que o processo de avaliação de um questionário psicométrico deve ser constante. Portanto, o estudo realizado na presente dissertação não esgota novas possibilidades de avaliação psicométrica.

Importa destacar que ao final deste trabalho, tem-se um instrumento psicométrico capaz de ajudar a avaliar a coesão de um grupo de crianças que dedicam parte de seu tempo em modalidades esportivas coletivas. A relevância reside no fato de que é importante ter uma medida objetiva de coesão grupal, pois esse conhecimento ajudará no trabalho que deve ser empreendido pelo psicólogo do esporte.

Futuras pesquisas talvez possam avaliar o QCEI em modalidades esportivas que não estiveram presentes na atual pesquisa. Assim como dedicar-se a realizar estudos de validação em outros estados não contemplados, visto que se trata de um questionário de relevância nacional e nem todos os estados brasileiros estiveram presentes. Ainda que as cinco regiões do mapa territorial brasileiro tenham sido contempladas.

## REFERÊNCIAS

- Allen, J. B. (2006). The perceived belonging in sport scale: Examining validity. *Psychology of Sport and Exercise*, 7, 387-405.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)
- Barkow, J. H., Cosmides, L., & Tooby, J. (1992). *The adapted mind: Evolutionary Psychology and the generation of culture*. New York: Oxford University Press.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 495-529.
- Bergeron M, F., Mountjoy, M., Armstrong, N., Chia, M., Côté, J., Carolyn, E. A., (...) Engebretsen, L. (2015). International Olympic Committee consensus statement on youth athletic development. *British Journal of Sports Medicine*.49, 843–851. doi: 10.1136/bjsports-2015-094962
- Bernardes, A. G., Yamaji, B. H. S., e Guedes, D. P. (2015). Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. *Motricidade*. 11 (2), 163-173.
- Booth, J. N., Leary, S. D., Joinson, C., Ness, A. R., Tomporowski, P. D., Boyle, J. M., & Reilly, J. J. (2013). Associations between objectively measured physical activity and academic attainment in adolescents from a UK cohort. *British Journal of Sports Medicine*, 48, 265- 270.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., e Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos entre Culturas: Algumas Considerações. *Paidéia*, 22: 53, 423-432
- Bosselut, G. McLaren, C. D. Eys, M. A. & Heuzé, J-P. (2012). Reciprocity of the relationship between role ambiguity and group cohesion in youth interdependent sport *Psychology of Sport and Exercise*.13, 341 – 348. doi:10.1016/j.psychsport.2011.09.002
- Bruner, M. W., Boardley, I. D. & Côté, J. (2014). Social identity and prosocial and antisocial behavior in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*. 15, 56 – 64. doi:0.1016/j.psychsport.2013.09.003
- Carron, A, V.; Shapcott, K, M. & Burke, S, M (2007) Group cohesion in sport and exercise: past, present and future In: Beauchamp, M, R. & Mark A. Eys, M, A. *Group*

*Dynamics in Exercise and Sport Psychology*. Contemporary themes. USA & Canada  
Routledge

Carron, A. V., Widmeyer, W. N., & Brawley, L. R. (1985). The development of an instrument to assess cohesion in sport teams: The Group Environment Questionnaire. *Journal of Sport Psychology*, 7, 244-266.

Carron, A. V., & Brawley, L. R. (2000). Cohesion: Conceptual and measurement issues. *Small Group Research*, 31, 89-106.

Carron A. V., & Brawley L. R. (2012). Cohesion Conceptual and Measurement Issues. *Small Group Research*, 43: 6 726–743

Carron, A. V., Brawley, L. R., & Widmeyer, W. N. (1998). The measurement of cohesiveness in sport groups. In J. L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 213-226). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

Carron, A. V., & Hausenblas, H. A. (1998). *Group dynamics in sport*. (2nd ed.). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

Caiuby, A. V. S., Lacerda, S. S., Quintana, M. I., Torii, T. S e Andreoli, S. B. (2012). Adaptação transcultural da versão brasileira da Escala do Impacto do Evento – Revisada (IES-R). *Caderno de Saúde Pública do Rio de Janeiro*, 28: 3, 597-603

Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (8a ed.). São Paulo: Cortez.

Cosmides, L., Tooby, J., & Kurzban, R. (2003). Perceptions of race. *TRENDS in Cognitive Sciences*, 7, 173-179.

Côté, J., & Fraser-Thomas, J. (2011). Youth involvement and positive development in sport. In P. R. E. Crocker (2nd Ed.), *Sport and Exercise Psychology: A Canadian Perspective* (pp. 226-255). Toronto, ON: Pearson Education Canada.

Côté, J., & Vierimaa, M. (2014). The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. *Science & Sports*, 29, 63—69. doi: 10.1016/j.scispo.2014.08.133

Dancey, C. P., & Reidy, J (2004). *Estatística sem matemática para psicologia usando SPSS para Windows*. Porto Alegre, RS: ARTMED.

- Dion, K. L. (2000). Group cohesion: From “field of forces” to multidimensional construct. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 4, 7-20.
- Donkers, A. L., Martin, L. J., Paradis, K. F., & Anderson, S. (2015). The social environment in children’s sport Cohesion, social acceptance, commitment, and enjoyment. *International Journal of Sport Psychology*, 45, 1-18.
- Drescher, S., Burlingame, G., & Fuhriman, A. (1985). Cohesion: An odyssey in empirical understanding. *Small Group Research*, 16, 3-30.
- Drescher, S., Burlingame, G., & Fuhriman, A. (2012). Cohesion an odyssey in empirical understanding. *Small Group Research* 43 (6) 662–689
- Duda, J. L., & Nicholls, J. G. (1992). Dimensions of achievement motivation in schoolwork and sport. *Journal of Educational Psychology*, 84, 290–299.
- Dunlop, W. L., Falk, C. F., & Beauchamp, M. R. (2012). How Dynamic Are Exercise Group Dynamics? Examining Changes in Cohesion Within Class-Based Exercise Programs. *Health Psychology*. 32, 1240-1243doi: 10.1037/a0030412
- Erickson, K., & Côté, J. (2016). A season-long examination of the intervention tone of coache-athlete interactions and athlete development in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 22, 264 – 272.
- Estabrooks, P. A. & Carron, A. V. (2000). The Physical Activity Group Environment Questionnaire: An instrument for the assessment of cohesion in exercise classes. *Group Dynamics: Theory, Research and Practice*, 4, 230–243.
- Evans, C. R., & Dion, K. L. (1991). Group cohesion and performance: A meta-analysis. *Small Group Research*, 22, 175-186.
- Evans, N. J. & Jarvis, P. A. (1980). Group cohesion: A review and reevaluation. *Small Group Behavior*. 11, 4 359-370.
- Eys, M. A., Carron, A. V., Bray, S. R., & Brawley, L. R. (2007). Item wording and internal consistency of a measure of cohesion: The Group Environment Questionnaire. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29, 395–402.

Eys, M. A., Loughead, T. M., Bray, S. R., & Carron, A. (2009). Development of cohesion questionnaire for youth: The Youth Sport Environment Questionnaire. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 31, 390-408.

Eys, M. A., Martin, L. J., Ohlert, J., Wolf, S. A., Van Bussel, M., & Steins, C. (2015). Cohesion and Performance for Female and Male Sport Teams *The Sport Psychologist*, 29: 97-109

Filgueiras, A., Galvão, B. de O., Pires, P., Fioravanti-Bastos, A. C. M., Hora, G. P. R., Santana, C. M. T., & Landeira-Fernandez, J. (2015). Tradução e adaptação semântica do Questionário de Controle Atencional para o Contexto Brasileiro. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32 (2), 173–185. doi: <http://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200003>.

Filho, E., Dobersek, U., Gershgoren, L., Becker, B. & Tenenbaum, G. (2014) The cohesion–performance relationship in sport: a 10-year retrospective meta-analysis. *Sport Science Health* 10, 165–177.

Formiga, N., Fleury, L. F de O. & Souza, M. A. (2014). Evidências de validade da escala de percepção de suporte organizacional em funcionários de empresa pública e privada. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina*, 5: 2, 60-76. doi: 10.5433/2236-6407.2014v5n2p60

Formiga, N., Duarte, V., Neves, S., Machado, M. & Machado, F. (2015). Escala de Condutas Antissociais e Delitivas: Estrutura Fatorial da Versão Portuguesa. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(4), 718-727. doi: 10.1590/1678-7153.201528409

Fuhriman, A. & Barlow, S. H. (1982) Cohesion: Relationship in group therapy, in M. J. Lambert (ed.) *Psychotherapy and Patient Relationships*. Homewood, IL: Dow-Jones-Irwin.

Galeano, E. (2002). *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM Pocket  
 Gonçalves, D. M. (2010). Violência e identificação de raça como consequência da categorização de grupo. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 97-102. ISSN (versão eletrônica): 1678-4669

Greer, L. L.(2012). Group Cohesion: Then and Now. *Small Group Research* 43 (6) 655–661

Gulbin, J. P., Croser, M. J., Morley, E. J. & Weissensteiner, J. R. (2013). An integrated framework for the optimization of sport and athlete development: A practitioner

approach. *Journal of Sports Sciences*, 31 (12), 1319–1331,  
<http://dx.doi.org/10.1080/02640414.2013.781661>

Gully, S. M., Devine, D. J., & Whitney, D. J. (1995). A meta-analysis of cohesion and performance: Effects of level of analysis and task interdependence. *Small Group Research*, 26, 497-521.

Hambleton, R. K., Merenda, P., & Spielberger, C. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. Hillsdale, NJ: Lawrence S. Erlbaum Publishers.

Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D. (2007). Adapting Educational and Psychological Tests for Cross-Cultural Assessment. *Psychological Measurement*, 31, 74–78

Heuze, J. P. & Fontayne, P. (2002). Questionnaire sur l'Ambiance du Groupe: A French-Language Instrument for Measuring Group Cohesion. *Journal of sport & exercise psychology*, 24, 42-67.

International Test Commission (2005). International Guidelines on Test Adaptation. [www.intestcom.org]

Iturbide, L. M., Elosua, P. & Yanes, F. (2010) Medida de la cohesion en equipos deportivos. Adaptación al español del Group Environment Questionnaire (GEQ). *Psicothema*. 22: 3, 482-488.

Jackson, P. (2004). *The last season: A team in search of its soul*. New York: Hyperion.  
 Jayanthi, N., Pinkham, C., Dugas, L., Patrickand, B. & LaBella, C. (2013). Sports Specialization in Young Athletes: Evidence-Based Recommendations. *Sports health*, 5: 3 doi: 10.1177/1941738112464626

Langfred, C. W. (1998). Is cohesiveness a double-edged sword? An investigation of the effects of group cohesiveness on performance. *Small Group Research*, 29, 124-143.

Leal, E. A. & Albertin, A. L. (2015). Construindo uma escala multiitens para avaliar os fatores determinantes do uso de inovação tecnológica na educação a distância. *Revista de Administração e Inovação*. 12: 2, 315-341.

Leary, M. R. & Baumeister, R. F. (2000). The nature and function of self-esteem: Sociometer theory. *Advances in Experimental Social Psychology*, 32, 1-62.

- Leo, F. M., Gonzalez-Ponce, I., Sanchez-Oliva, D., Pulido, J. J., & Garcia-Calvo, T. (2015). Adaptation and validation in Spanish of the Group Environment Questionnaire (GEQ) with professional football players. *Psicothema*, 27, 3, 261-268
- Lorimer, R. (2013). The Development of Empathic Accuracy in Sports Coaches. *Journal of Sport Psychology in Action*, 4, 26–33. doi: 10.1080/21520704.2012.706696
- Martin, L. J., Carron, A. V., Eys, M. A., & Loughead, T. M. (2011). Children's perceptions of cohesion. *Sport & Exercise Psychology Review*, 7, 11-25.
- Martin, L. J., Carron, A. V., Eys, M. A., & Loughead, T. M. (2012). Development of a cohesion inventory for children's sport teams. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 16, 68-79.
- Martin, L. J., Carron, A. V., Eys, M. A., & Loughead, T., M. (2013). Validation of the Child Sport Cohesion Questionnaire. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 17, 105-119.
- Martin, L., Bruner, M., Eys, M. & Spink, K. (2014). The social environment in sport: selected topics. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 7, 87–105. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/1750984X.2014.885553>
- Mason, P. (2014). With A Little Help from Our Friends: How the Brain Processes Empathy. *Cerebrum*. 14
- Munroe-Chandler, K. J., & Hall, C. R. (2004). Enhancing the collective efficacy of a soccer team through motivational general-mastery imagery. *Imagination, Cognition and Personality*, 24, 51–67.
- Nascimento Jr, J. R. A., Vieira, L. F., Rosado, A. F. B., & Serpa, S. (2012). Validação do questionário de ambiente de grupo (GEQ) para a língua portuguesa. *Motriz*. 18, 770-782.
- Ntoumanis, N. & Aggelonidis, Y. (2004). A psychometric evaluation of the Group Environment Questionnaire in a sample of elite and regional level Greek volleyball players. *European Physical Education Review*, 10: 3, 261–278.
- Ohlert, J. Kleinknecht, C. & Kleinert, J (2015). Group cohesion reworded: measuring group cohesion perceptions in sport. *Sportwiss*. 45, 116–126.

Pasquali, L. (1999). Histórico dos Instrumentos Psicológicos. In L. Pasquali. (Org.). *Instrumentos Psicológicos: manual prático de avaliação*. Brasília: LabPam/IBAP.

Pescosolido, A. T. & Saavedra, R. (2012). Cohesion and Sports Teams: A Review. *Small Group Research*, 43(6) 744–758.

Pieri, R. P., Pires, P., Filgueiras, A. & Oliva, A. D. (2016). Adaptação Transcultural e Validação de Conteúdo do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 6, 2, 14-25.

Quested, E., Ntoumanis, N., Viladrich, C., Haug, E., Ommundsen, Y., Van Hoya, A., (...) & Duda, J. L. (2013). Intentions to dropout of youth soccer: A test of the basic needs theory among European youth from five countries. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11, 395-407.

Ricard, M. (2015). *A revolução do altruísmo*. São Paulo, SP: Palas Atenha.

Santos, J. P. & Paes, N. A. (2014). Associação entre condições de vida e vulnerabilidade com a mortalidade por doenças cardiovasculares de homens idosos do nordeste. *Revista Brasileira de Epidemiologia* 407-420.

Sampaio, L. R., Guimarães, P. R. B., Camino, C. P. S., Formiga, N. S. & Menezes, I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do *Interpersonal Reactivity Index* (IRI). *PSIco*, 42, 67-76

Sevdalis, V & Raab, M. (2014). Empathy in sports, exercise, and the performing arts. *Psychology of Sport and Exercise*, 15, 173 – 179.  
<http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2013.10.013>.

Stadulis, R. E., MacCracken, M. J., Eidson, T. A., & Severance, C. (2002). A children's form of the competitive state anxiety inventory: The CSAI-2C. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 6, 147–165.

Sullivan, P.J., Short, S.E., & Cramer, K.M. (2002). Confirmatory factor analysis of the group environment questionnaire with coaching sports. *Perceptual and Motor Skills*, 94, 341–347.

Taylor, I. M. & Bruner, M.W. (2012). The social environment and developmental experiences in elite youth soccer. *Psychology of Sport and Exercise*, 13 (4) 390 – 396.  
doi: 10.1016/j.psychsport.2012.01.008.

Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Reviews Psychology*, 33, 1-39.

Tooby, J.; Cosmides, L. & Price, M. E. (2006). Cognitive adaptations for n-person exchange: the evolutionary roots of organizational behavior. *Managerial and Decision Economics*, 27, 01–27.

Vierimaa, M. Erickson, K. Côté, J & Gilbert, W. (2012). Positive Youth Development: A Measurement Framework for Sport. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 7, 3, 601-614

Weinberg, R. S & Gould, D. (2011). *Foundations of sport and exercise psychology*. (5th ed). Estados Unidos: Human Kinetics.

Whitton, S. M & Fletcher, R. B. (2014). The Group Environment Questionnaire: A Multilevel Confirmatory Factor Analysis. *Small Group Research*, 45 68–88.

Wolfe, R. A., Weick, K. E., Usher, J. M., Terborg, J. R., Poppo, L., Murrell, A. J., & Jourdan, J. S. (2005). Sport and organizational studies: Exploring synergy. *Journal of Management Inquiry*, 14, 182-210.

Yamamoto, M. E. (2008). Porque somos como somos? A psicologia evolucionista e a natureza humana. *Ciência Sempre*, 4, 12-17.

Yamamoto, M. E. e Lopes, F. A. (2009). Coalizões e etnocentrismo: o ponto de vista da psicologia evolucionista. *Oecologia. Brasiliensis*. 13, 201-208.

Yalom, I. D., & Leszcz, W. M. (2005). *The theory and practice of group psychotherapy*. 5th ed. New York: Basic Books.

## ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

I.P. – Instituto de Psicologia.

PPGPS: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Coordenador:** Mestrando Rodrigo de Vasconcellos Pieri (Matrícula: ME 1510296)

#### **1. Natureza da pesquisa – Objetivos:**

Vimos através deste convidá-la a participar de uma pesquisa que tem como título “Coesão no Esporte Infantil: Validação da Adaptação Transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil”. Essa pesquisa tem como objetivo traduzir, adaptar e validar o Questionário de Coesão no Esporte Infantil para a língua portuguesa.

A participação é voluntária e seu/sua filho/a poderá desistir da participação na pesquisa, recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

#### **2. Procedimentos**

A pesquisa consistirá em duas etapas. A primeira etapa é o processo de tradução e adaptação do questionário para a cultura e língua portuguesa. A segunda etapa é o processo de validação da tradução e da adaptação do instrumento.

#### **3. Riscos e desconforto**

Estes procedimentos a princípio, não trazem riscos ou desconfortos, uma vez que pretende apenas traduzir, adaptar e validar o uso do Questionário de Coesão no Esporte Infantil

#### **4. Confidencialidade**

Caso você aceite que seu/sua filho/a participe, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os questionários que por você serão respondidos. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas.

As informações obtidas nesta pesquisa são confidenciais e para uso exclusivamente acadêmico. Apenas dados gerais, sem conter informações específicas sobre você e/ou seu/sua filho/a poderão ser apresentados e discutidos em ambiente acadêmico ou eventos científicos. Os questionários devidamente identificados não serão sob hipótese alguma divulgados.

#### **5. Benefícios**

Você não terá nenhum benefício direto ou imediato, porém, esta pesquisa pretende colaborar com a prática de esporte infantil no Brasil, buscando facilitar com a promoção de ambientes esportivos cada vez mais saudáveis.

#### **6. Pagamento**

Você não terá despesas nem receberá pagamento por participar desta pesquisa

Sempre que você quiser, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Você pode entrar em contato com a coordenadora da pesquisa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, através dos telefones: (21) 2587 7202 e (21) 2587 7302 (Instituto de Psicologia) e (21) 99864 6620 (Rodrigo de Vasconcellos Pieri).

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, e-mail: [etica@uerj.br](mailto:etica@uerj.br) - Telefone: (021) 2569-3490”.

Tendo em vista as informações acima, manifeste, de forma livre e esclarecida, seu interesse em participar desta pesquisa, fornecendo os dados abaixo.

Eu, Sr(a): \_\_\_\_\_ Considero-me informado/a sobre a pesquisa “Coesão no Esporte Infantil: Validação da Adaptação Transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil” e autorizo a participação do meu/minha filho/a, consentindo que os questionários sejam aplicados e utilizados para a coleta de dados.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016/2017.

\_\_\_\_\_  
Nome Completo

\_\_\_\_\_  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Nome Completo (Criança)

\_\_\_\_\_  
Assinatura(Criança)

Rodrigo de Vasconcellos Pieri – Coordenadora do Projeto



**ANEXO C – Questionário de validação****ANEXO C****UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL****Questionário de Validação**

Em uma escala de 1 a 10, onde 1 corresponde a menor pontuação e 10 a pontuação máxima, por favor responda as perguntas abaixo:

- O quanto você gosta dos seus companheiros de time?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

- O quanto você torce pelo sucesso dos seus companheiros de time?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

- O quanto você considera seus companheiros de time seus amigos de verdade?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

- O quanto você se sente excluído no seu time?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

- O quanto você sente prazer em treinar com este time?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

## ANEXO D – Child Sport Cohesion Questionnaire in Brazil

Child Sport Cohesion Questionnaire in Brazil  Trabalho/BACK UP MESTRADO x   

---

**Rodrigo Pieri** <rodrigo.pieri@gmail.com> 05/11/2015 ☆    
para luc.martin ▾

Dear Professor **Luc Martin** ,  
My name is Rodrigo Pieri and I am a Master Degree Student in Social Psychology at State University of Rio de Janeiro (UERJ), where we are studying cohesion in the context of sports. During our research we realized that we don't have the Child Sport Cohesion Questionnaire translated and validated in Brazil. We would like to ask your permission to translate and validate in our country during the first semester of 2016. My Professor, Angela Donato Oliva, and I believe that is an important instrument and it would be very useful in our country.  
Sincerely yours,  


---

**Luc Martin** <luc.martin@queensu.ca> 05/11/2015 ☆    
para mim ▾

 inglês ▾ > português ▾ [Traduzir mensagem](#) [Desativar para: inglês](#)

Hi Rodrigo,

You certainly have my permission to proceed with this. Please let me know if I can help out in any way.

Kind regards,  
**Luc**

---

**Rodrigo Pieri** <rodrigo.pieri@gmail.com> 05/11/2015 ☆    
para Luc ▾

Dear Professor  
I can't find a way to express how thankful I am with your answer and if you agree I would like to maintain contact. Mainly during the translation, if I have any doubt I would like to be able to discuss the meaning with you.  
Please let me know if, anytime, you have plans to come to Brasil, it would be a pleasure to show mine wonderful city.  
Sincerely your  


---

**Luc Martin** <luc.martin@queensu.ca> 05/11/2015 ☆    
para mim ▾

 inglês ▾ > português ▾ [Traduzir mensagem](#) [Desativar para: inglês](#)

Hi Rodrigo,

That sounds great to me. Please keep me up to date on the process. I also have several graduate students that would be willing to help.

Have a wonderful day,  
**Luc**

**Luc J. Martin, Ph.D.**  
Assistant Professor  
School of Kinesiology and Health Studies  
Queen's University

Dear Professor **Luc Martin**,  
How are you, how was New Years Holiday?

I'm writing because we are getting back to work and we will start the translation process. So I would like to be sure if the last version is the one that is appendix in your article from 2012 (**Development of a Cohesion Inventory for Children's Sport Teams**)?

I hope you have a nice 2016

Sincerely yours

...

**Luc Martin** < luc.martin@queensu.ca >

14/01/2016 ☆



para mim ▾

inglês ▾ > português ▾ [Traduzir mensagem](#)

[Desativar para: inglês](#)

Hi Rodrigo,

Nice to hear from you, and I hope you also enjoyed the holidays. That is the most recent version. Best of luck!

**Luc**

**Luc J. Martin**, Ph.D.

Assistant Professor

School of Kinesiology and Health Studies

**Rodrigo Pieri** < rodrigo.pieri@gmail.com >

📧 04/02/2016 ☆



para Luc ▾

Dear Professor **Luc Martin**,

How are you? A friend of mine told me that these year Canada Winter wasn't so bad. She lives in Toronto, I hope that you have had the same luck in Kingston.

The reason that I'm writing is to show the back translation version of the CSCQ. We did the fallow schedule: First we have two groups translating to portuguese, than we made a synthesis of both document and ask to a english native language, that works and live in Brasil for more than two decades, to translate back to english. All of those that help us in these processes have, at least, the master degree (Psychology, education and social medicine).

It would be very important to us if you could read the back translation and see if there any problem or give us your aval to continue with the it.

Sincerely Yours

**Luc Martin** < luc.martin@queensu.ca >

05/02/2016 ☆



para mim ▾

inglês ▾ > português ▾ [Traduzir mensagem](#)

[Desativar para: inglês](#)

Hi Rodrigo,

I hope you are doing well. Everything looks good, however I have the following comments.

Question 4 – should be “some of my best friends are ON this team” - not ‘in this team’

Question 6 and 12 – please remember that these are not to be analyzed and are only there to determine response acquiescence.

Also, question 12 should be “I don't get ALONG with...” not ‘get on with’

Question 13 – should be “season” not “championship” however this is likely fine.

Hope that helps!

**Luc**

**Luc J. Martin**, Ph.D.

Assistant Professor

School of Kinesiology and Health Studies

Queen's University

**Rodrigo Pieri** <rodrigo.pieri@gmail.com> 09/02/2016 ☆  

para Luc ▾

Hi Professor **Luc Martin**  
For sure your answer help us a lot.

I'm sorry I took so long to email you back, but there was a reason. Here in Brasil our season is kind different from the season that you have up there, that was why I translated to Portuguese with a word that when translated back to English was translated as championship.

After I received your email we decide to enter in contact with a new group of specialist in Sport Psychology in Brasil to check which world would be better to translate and adapted to our culture. As answer we got a word that when translated to English we have "season". So we are going to change and use these one.

We changed question 4 and we are aware about questions 6 and 12  
Once again, thanks for your email and it would be important to us if you have any more comments.

Sincerely

**Luc Martin** <luc.martin@queensu.ca> 09/02/2016 ☆  

para mim ▾

 inglês ▾ > português ▾ Traduzir mensagem Desativar para: inglês

Hi Rodrigo,

No problem at all and than you for getting back to me. Best of luck and let me know if you have any other questions.

Regards,  
Luc

**Luc J. Martin, Ph.D.**  
Assistant Professor  
School of Kinesiology and Health Studies  
Queen's University  
28 Division Street, Kingston, ON, K7L 3N6  
Office: KHS 301T  
Phone: (613) 533-6000 x79140  
Email: [luc.martin@queensu.ca](mailto:luc.martin@queensu.ca)

**Rodrigo** <rodrigo.pieri@gmail.com> 17/03/2016 ☆  

para Luc ▾

Dear Professor **Luc Martin**,

How are you? I'm writing to give you great news. We finish the translate and adaptation process and we find a Content validity coefficient (CVC) 0.9. Next Tuesday is mine qualification defense and I will show everything that we have done so far. Now I have one more year to validated the CSCQ in Brazil.

Things aren't so easy hear in Brazil, but the work must go on.

Sincerely yours  
Enviado do meu iPad

...

**Luc Martin** luc.martin@queensu.ca [por\\_queensuca.onmicrosoft.com](mailto:por_queensuca.onmicrosoft.com) 17/03/2016 ☆  

para mim ▾

inglês ▾ > português ▾ Traduzir mensagem Desativar para: inglês

Hi Rodrigo,

I'm very happy to hear that, great job.

Best of luck with the next steps!  
LM

**Rodrigo Pieri** <rodrigo.pieri@gmail.com>

03/04/2016 ☆

para Luc ▾

Dear Professor **Luc**,

How are you? How was Easter?

I am writing to tell you that my qualification was successful and I will start the application process. But for it I have a question about question 3. What did you mean with "beliefs"? Translating to the Portuguese and back translating to English we have a religion interpretation. I'm not sure if it is correct, can you give me a synonym? I believe it would be easier to understand.

All my best

Enviada do meu iPhone

...

**Luc Martin** luc.martin@queensu.ca por queensuca.onmicrosoft.com

04/04/2016 ☆

para mim ▾

inglês ▾ > português ▾ Traduzir mensagem

[Desativar para: inglês](#)

Hi Rodrigo,

What we're essentially trying to get at with that is 'values' or 'opinions' or 'attitudes.'

Hope that helps!

**Luc**

**Luc J. Martin, Ph.D.**

**Rodrigo Pieri** <rodrigo.pieri@gmail.com>

14 de jan ☆

para Luc ▾

Dear Professor **Luc Martin**,

How are you? I hope you had had a great Hollydays during Christmas and New Years day. I'm writing to inform you that the paper about the translation processes of the CSCQ was published in Brazilian Sport Psychology Journal (*Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*) - <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/issue/view/446> - <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBPE/article/view/7088>

(I know that it is in portuguese, but I'm sanding you attached.)

We thought it would be better to publish the translation processes in Brazil, and the validation of the CSCQ (that we named as *Questionário de Coesão no Esporte Infantil QCEI*) in an international journal. Do you have any journal that you recommend? It would be a pleasure to us if you could be one of the authors. Do you Accept?

All my best and have a great 2017

**Luc Martin** luc.martin@queensu.ca por queensuca.onmicrosoft.com

15 de jan ☆

para mim ▾

inglês ▾ > português ▾ Traduzir mensagem

[Desativar para: inglês](#)

Hi Rodrigo,

It's very nice to hear from you and congratulations on the publication. I would be interested in assisting as an author, but we would certainly need to discuss the extent of my involvement. I am really trying not to take on too much at the moment. In terms of a potential journal, an international journal would be best, so perhaps the International Journal of Sport and Exercise Psychology?

Happy new year to you as well and good luck as you prepare for your Masters defence!

LM

**Luc J. Martin, Ph.D.**

Assistant Professor

School of Kinesiology and Health Studies

Queen's University

**Rodrigo Pieri** <rodrigo.pieri@gmail.com>

20 de jan ☆

para Luc ▾

Professor **Luc**, is good to hear from you too. Thank you for the wishes and it will be a pleasure having you as one of the authors. I think we can do this way, what do you think? I can write, as soon as I finish my Master degree. Then I send to you so you can review the english and the theory part. As soon as you give us your OK we can submit to International Journal of Sport and Exercise Psychology. Do you agree?

All my best

...

---

**Luc Martin** luc.martin@queensu.ca por queensu.ca.onmicrosoft.com

20 de jan ☆

para mim ▾

inglês ▾ > português ▾ [Traduzir mensagem](#)

[Desativar para: inglês](#)

Hi Rodrigo,

Once you have a version of the manuscript to read, I would be happy to do so.

Best of luck with your Masters defence,  
LM

**Luc J. Martin**, Ph.D.  
Assistant Professor  
School of Kinesiology and Health Studies  
Queen's University

## ANEXO E – Revista Brasileira de Psicologia do Esporte



### REVISTA BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ESPORTE BRAZILIAN JOURNAL OF SPORT PSYCHOLOGY

Brasília, 24 de abril de 2017.

Prezado Prof. Rodrigo de Vasconcellos Pieri.

A Revista Brasileira de Psicologia do Esporte autoriza que seu artigo **Adaptação Transcultural e Validação de Conteúdo do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil**, seja colocado na íntegra em sua dissertação final.

Desde já agradecemos e parabenizamos pela defesa de seu mestrado e esperamos que outros artigos de seu grupo de trabalho sejam enviados a RBPE. Atenciosamente.

**Profa. Dra. Gislane Melo**  
Editora-Chefe

---

# Adaptação Transcultural e Validação de Conteúdo do Questionário de Coesão no Esporte Infantil para o Português do Brasil

*Rodrigo de Vasconcellos Pieri,  
Pedro Pires, Alberto Filgueiras,  
Ângela Donato Oliva*

## Resumo

No contexto esportivo a coesão pode influenciar na performance, comunicação e nos casos de abandono. No esporte infantil relacionamentos coesos são fundamentais para promover prazer e satisfação. O presente estudo pretende apresentar o processo de adaptação transcultural e avaliação da validade de conteúdo do *Child Sport Cohesion Questionnaire* para a cultura brasileira. A versão final, denominada em português brasileiro de Questionário de Coesão no Esporte Infantil foi produzida a partir da seguinte estrutura metodológica: tradução, síntese, retro-tradução e avaliação do conteúdo a partir de dois critérios: pertinência e clareza semântica. Utilizou-se da análise de Coeficiente de Validade de Conteúdo para mensurar a avaliação dos dois critérios. A dificuldade na adaptação do instrumento foi discutida à luz das teorias da coesão e dinâmica de grupos. Concluiu-se que a versão brasileira do questionário foi adequada para utilização na população-alvo, mas estudos psicométricos devem ser conduzidos no futuro para assegurar outros critérios de validade e fidedignidade dessa medida no Brasil.

**PALAVRAS CHAVE:** Coesão, Adaptação, Validade de Conteúdo, Esporte, Psicologia, Criança.

## Cross-Cultural Adaptation and Content Validity of the Child Sport Cohesion Questionnaire to Brazilian Portuguese

*Rodrigo de Vasconcellos Pieri,  
 Pedro Pires, Alberto Filgueiras,  
 Ângela Donato Oliva*

### Abstract

Inside sports, cohesion can influence performance, communication and cases of drop-out. In children's sports group cohesion is pivotal to promote pleasure and well-being. The present study aims to present the cross-cultural adaptation process and content validity assessment of the Child Sport Cohesion Questionnaire to Brazil. The final version, named in Brazilian Portuguese Questionário de Coesão no Esporte Infantil, was produced by the following methodology: translation, synthesis, back-translation and content validity in two criteria: pertinence and semantic understanding. The Content Validity Coefficient was used to measure both criteria. The difficult in the instrument's adaptation was discussed in the lights of cohesion and group dynamics theories. It was concluded that the Brazilian version of the questionnaire was adequate to be used in the target population, however future psychometric studies should be conducted to ensure the achievement of other validity and reliability criteria of this measure in Brazil.

**Key words:** Cohesion, Adaptation, Content Validity, Sport, Psychology, Children.

## Adaptación Cultural y Validación de Contenido del Cuestionario de Cohesión en lo Deporte Infantil

*Rodrigo de Vasconcellos Pieri,  
 Pedro Pires, Alberto Filgueiras,  
 Ângela Donato Oliva*

### Resumen

En el contexto deportivo cohesión puede influir en el rendimiento, la comunicación y casos de abandono. En los deportes de los niños las relaciones de cohesión son críticas para promover placer y satisfacción. El presente estudio tiene como objetivo presentar el proceso de adaptación a la cultura brasileña y evaluación de la validez del contenido del *Child Sport Cohesion Questionnaire*. La versión final, denominada en portugués brasileño de Questionário de Coesão no Esporte Infantil se produce a partir de la siguiente estructura metodológica: traducción, síntesis, traducción reversa y la evaluación del contenido a partir de dos criterios: relevancia y la claridad semántica. Se utilizó el análisis del Coeficiente de Validez de Contenido para medir la evaluación de los dos criterios. La dificultad en la adaptación del instrumento fue discutido a la luz de las teorías de cohesión y de la dinámica de grupos. Se concluyó que la versión brasileña del cuestionario era adecuado para su uso en la población objetivo, pero los estudios psicométricos deben ser conducidos en el futuro para garantizar otros criterios de validez y fiabilidad de esta medida en Brasil.

**PALABRAS-CLAVE:** Cohesión, Adaptación, Validez de Contenido, Deporte, Psicología, Niño.

## Introdução

As ajudas mútuas e os favores recíprocos, assim como as alianças e as associações na história humana, permitiram, e permitem até hoje, que a nossa espécie realize tarefas em grupos que uma pessoa sozinha não seria capaz de fazer (Ricard, 2015). Carron e Brawley (2012) apontam que para compreender a natureza dos grupos é importante compreender a natureza da coesão grupal; isto é, se há grupo, ele é coeso em algum sentido e esta coesão se reflete diretamente na estrutura e na história do próprio grupo. Entende-se, aqui, como coesão um processo dinâmico que se reflete na tendência dos membros de um grupo estar juntos e permanecerem unidos em busca de um objetivo comum e pela satisfação afetiva (Carron, Brawley & Widmeyer, 1998; Martin, Carron, Eys & Loughhead, 2013).

A coesão é um constructo que já vem sendo pesquisado em grupos de diferentes contextos há algumas décadas (Drescher, Burlingame, & Fuhrman, 1985; Gully, Devine, & Whitney, 1995; Leo, Gonzalez-Ponce, Sanchez-Oliva, Pulido & Garcia-Calvo, 2015; Yalom & Leszcz, 2005). No que se refere aos estudos no cenário esportivo, desde a década de 1990, a coesão tem ocupado papel central nas pesquisas que buscam compreender as dinâmicas existentes em equipes de variadas idades e modalidades (Carron & Hausenblas 1998; Donkers, Martin, Paradis, & Anderson, 2015; Filho, Dobersek, Gershgoren, Becker & Tenenbaum, 2014; Leo *et al.*, 2015; Ohlert, Kleinknecht, & Kleinert, 2015; Pescosolido & Saavedra, 2012; Whittton & Fletcher, 2014). Isto se dá no esporte, porque a percepção de pertencimento está relacionada à satisfação quanto às relações sociais presentes no grupo (Allen, 2006).

Neste cenário o modelo apresentado por Carron *et al.* (1998), costuma ser o mais utilizado pois leva em consideração as perspectivas individuais - atrações individuais quanto aos objetivos e as relações afetivas do grupo - e a perspectiva quanto ao grupo - percepção dos integrantes quanto a integração grupal em prol dos objetivos coletivos e dos relacionamentos intersociais. Sugere-se, assim, que o que faz um grupo permanecer unido é a percepção, individual e coletiva do todo (Martin *et al.*, 2013), isto é, a atração tanto do grupo como de cada componente.

Carron e Brawley (2012) apresentam quatro características centrais na coesão de uma equipe esportiva: a multidimensionalidade, que refere-se aos diversos fatores que podem motivar a união do time; o aspecto dinâmico, que diz respeito à variação do tempo de duração da coesão; a necessidade de um propósito, ou seja, o motivo para se formar um time e para que este permaneça unido; e a afetividade, isto é, para se ter uma boa coesão é necessário haver uma relação afetiva positiva. Influenciados por esta teoria Ohlert *et al.* (2015) afirmam que a coesão grupal é formada por uma combinação de cognições sociais - percepções individuais quanto aos relacionamentos intergrupais e percepções individuais quanto a automotivação em permanecer no grupo (Carron, Wheeler & Stevens, 2002) -, crenças e percepções de um grupo e que pode, inclusive, influenciar no próprio desempenho. Eys *et al.* (2015) fazem eco a essa teoria e apontam que no que diz respeito a relação existente entre coesão e desempenho de um time há uma correlação bidirecional, ou seja, assim como uma equipe coesa costuma apresentar melhores desempenhos, a melhora de desempenho de uma equipe tende a aumentar sua coesão.

A coesão tende a ser um excelente indicador para o aprimoramento da performance esportiva inclusive no esporte infantil, onde, segundo

Bernardes, Yamaji, e Guedes (2015) o ingresso à prática correlaciona-se à necessidade de aceitação e de pertencimento. Estes autores encontraram que para atletas com até quatorze anos a diversão, a afiliação e o reconhecimento social eram significativamente mais importante do que os resultados em si (Bernardes *et al.*, 2015). Conclui-se que os fatores que motivam a prática desportiva em jovens-atletas dependem, principalmente, de indicadores sociais e ambientais. Indicativos fundamentais para o desenvolvimento da coesão em um grupo (Carron & Brawley, 2012).

Erickson e Côté (2016), também se dedicaram a estudar o esporte infantil e focaram seus esforços na compreensão da importância do ambiente de treinamento. Seus estudos demonstraram que quando atletas infanto-juvenil pertencem a equipes coesas costumam apresentar maior desejo de retornar na temporada seguinte (Erickson & Côté, 2016). Leo *et al.* (2015), por sua vez, retornam a proposta apresentada por Carron *et al.* (1998) e apontam que para haver uma equipe infantil coesa é necessária a presença do prazer fraterno de pertencimento, além da capacidade de trabalhar coletivamente em busca de um objetivo em comum.

#### **Avaliação da Coesão no Esporte**

Pescosolido e Saavedra (2012) afirmam que nas equipes esportivas, em comparação com outros grupos, a coesão costuma influenciá-las de forma mais nítida e, assim, concluem que, enquanto que a coesão é um constructo de grande valia no cenário esportivo, o mesmo não pode ser dito para outros tipos de grupos, visto que há ambivalências e falta de clareza. Talvez seja este o motivo de, no cenário esportivo, haver quatro instrumentos internacionalmente conhecidos que avaliam a coesão em atletas de diferentes idades: *Group Environment Questionnaire* (GEQ) (Carron, Widmeyer & Brawley, 1985); *Child Sport Cohesion Questionnaire* (CSCQ) (Martin *et al.*, 2013); *Youth Sport Environment Questionnaire* (YSEQ) (Eys, Loughhead, Bray, & Carron, 2009); e *Physical Activity Group Environment Questionnaire* (PAGEQ) (Estabrooks & Carron, 2000).

O presente trabalho se dedicou à adaptação transcultural e análise da validade de conteúdo do *Child Sport Cohesion Questionnaire* (CSCQ) (Martin *et al.*, 2013) para o contexto cultural brasileiro. Esse instrumento é canadense de origem e avalia a coesão em equipes de crianças entre 09 e 12 anos. O desenvolvimento do CSCQ partiu da hipótese que ao perceber uma maior coesão, tanto de tarefa, quanto social, em seus times, crianças também expressam uma maior satisfação em sua experiência esportiva (Martin *et al.*, 2013). A medida contém 16 itens que medem a percepção de coesão em uma escala tipo *Likert* de 5 pontos, onde o 1 corresponde a "discordo completamente" e o 5 a "concordo completamente". Destaca-se que o instrumento contém sete perguntas referente a coesão de tarefa (1; 3; 5; 8; 10; 15 e 16), outras sete referente a coesão social (2; 4; 7; 9; 11; 13 e 14) e duas (6 e 12) com conotação negativa que auxilia na avaliação da desejabilidade social do sujeito, em outras palavras, se o avaliando está respondendo as questões querendo agradar o avaliador ou sendo tendencioso na sua resposta.

No processo de validação do instrumento original 290 crianças (131 do sexo masculino e 159 feminino), com a idade entre 09 e 12 anos, e pertencentes a uma equipe esportiva há mais de três meses, participaram de

forma voluntária do estudo (Martin *et al.*, 2013). Os resultados da validação do instrumento demonstraram boa validade convergente do CSCQ com escalas de autoeficácia e ansiedade; boa qualidade na validade discriminante mostrando que as duas dimensões da escala: coesão social e coesão de tarefa, se correlacionavam em níveis diferentes com autoeficácia; e boa validade de critério mostrando diferenças significativas entre grupos juntos havia mais de um ano e menos de um ano. A análise fatorial confirmatória sugeriu a existência de dois fatores conforme a divisão teórica de coesão social e coesão de tarefa. O instrumento mostrou-se válido entre crianças de 09 a 12 anos de idade em diversos critérios no estudo original (Martin *et al.*, 2013). O objetivo do presente manuscrito é conduzir a adaptação transcultural e o estudo da validade de conteúdo da versão brasileira do CSCQ.

## Métodos Participantes

O presente estudo contou com a participação de 5 juízes para atender os objetivos da pesquisa de traduzir, adaptar e validar o conteúdo do Questionário de Coesão no Esporte Infantil – QCEI - para a língua portuguesa e cultura brasileira. Todos os participantes são profissionais da psicologia do esporte com longa experiência de atuação com atletas de idades entre 09 e 12 anos em diferentes modalidades esportivas: Futebol, Vôlei, Basquete e Ginástica Rítmica. Além da experiência no campo, todos os juízes tinham, no mínimo título de especialista em Psicologia do Esporte, certificado pelo Conselho Federal de Psicologia e dois deles estudavam o tema em sua tese de Doutorado.

### Procedimentos

Para o processo de adaptação transcultural do Questionário de Coesão no Esporte Infantil (QCEI) optou-se por utilizar como modelo metodológico os passos propostos por Borsa, Damásio e Bandeira (2012): (1) tradução do instrumento do idioma de origem para o idioma-alvo, (2) síntese das versões traduzidas, (3) avaliação da síntese por juízes *experts*, (4) avaliação do instrumento pelo público-alvo, (5) tradução reversa, e (6) estudo-piloto. Do modelo proposto, até o momento já se realizou as etapas 1, 2, 3 e 5, sendo que com objetivo de oferecer a oportunidade do autor original também participar da avaliação da síntese uma primeira tradução reversa do instrumento foi realizada entre os passos (2) e (3).

A versão original foi traduzida por dois psicólogos com domínio da língua inglesa comprovada. Em reunião com demais psicólogos (mestrandos e doutorandos) do grupo de pesquisa da Pós Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, todos com domínio da língua inglesa, procedeu-se a síntese das traduções. Realizou-se um debate sobre a adequação da versão em português, principalmente sobre equivalências semânticas, idiomáticas, culturais e conceituais, em relação ao instrumento original. Neste grupo dois dedicavam suas pesquisas à psicologia esportiva.

Após vasta discussão e revisão da tradução de todos os itens, o instrumento foi enviado para a retro-tradução. Esta realizada por um nativo do Reino Unido, professor universitário da área de pedagogia no Estado do Rio de Janeiro desde a década de 1980 e sem experiência profissional

em ciências desportivas, conhecimentos sobre os conceitos explorados pelo instrumento e, também, não conhecia a versão original do instrumento. Antes de ser enviada para a análise do autor do instrumento original a equipe de pesquisa realizou uma nova avaliação, na ocasião as três versões foram comparadas (versão original, tradução e retro-tradução). Com o consenso sobre a equivalência das três versões a retro-tradução foi finalmente encaminhada para autor original através de correio eletrônico. Este concordou com o material recebido e fez apenas uma ressalva quanto a tradução do termo "season".

Inicialmente o termo "season" foi traduzido como "campeonato", pois até então entendia-se que esta seria a melhor adaptação cultural para prática esportiva brasileira. Como tal palavra, na versão de retro-tradução, foi traduzida como "championship" gerou questionamentos no autor original e por este motivo tal item foi posto em análise novamente. A gestão 2015-2017 da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP), composta por especialistas, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores na área da ciência esportiva em diferentes Estados do Brasil, aceitou o desafio e após longo debate, via ferramenta de comunicação virtual, mesmo compreendendo a dúvida inicial quanto a adaptação cultural do termo, chegou-se à conclusão que de fato a melhor forma de adaptar "season" seria traduzindo ao pé da letra, sendo assim: "temporada". Os demais itens foram acatados e a partir daí foram coletados os dados dos juízes.

Os juízes, via correio eletrônico, receberam o modelo traduzido do CSCQ e analisaram a clareza e a pertinência de cada um dos 16 itens. A análise se deu em uma escala do tipo *Likert* de 5 pontos, onde 1 referia-se a Pouquíssima pertinência/clareza e 5 a Muitíssima pertinência/clareza, seguindo o mesmo padrão utilizado no processo de tradução e adaptação para a língua portuguesa do instrumento de avaliação de coesão para o esporte adulto (Nascimento Junior, Vieira, Rosado, & Serpa, 2012). Após a coleta dos dados dos participantes, a validade de conteúdo foi realizada utilizando o Coeficiente de Validade de Conteúdo (Filgueiras *et al.*, 2015).

### Análise dos Dados

Os escores dos juízes foram tabulados em planilha do *software* Microsoft Excel e o algoritmo do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) foi utilizado conforme descrito por Filgueiras *et al.* (2015). Trata-se de um índice estatístico utilizado quando o objetivo é quantificar e interpretar o julgamento dos juízes, especialistas, convocados para analisar o instrumento a ser adaptado (Filgueiras *et al.*, 2015). Foram avaliados dois aspectos da Validade de Conteúdo: Pertinência e Clareza. Pertinência se refere à capacidade de um item avaliar o construto proposto na visão do juiz, portanto trata-se de saber se o item está adequado à valência psicológica mensurada. Clareza se refere à facilidade com que o conteúdo semântico do item é transmitido para a população-alvo; no caso do QCEI crianças entre 09 e 12 anos de idade precisam compreendê-los e respondê-los de acordo com os construtos avaliados, destarte, o juiz tinha de ter em mente a experiência com atletas dessa idade para responder acerca desse aspecto da validade.

Além do CVC para Pertinência e Clareza, a média do CVC dos juízes para todos os itens e o CVC global da escala como um conjunto uniforme também são calculados, respeitando a polarização (tendência de resposta)

dos avaliadores. A literatura sugere 0,80 como ponto de corte para o CVC (Filgueiras *et al.*, 2015), logo, se o CVC global ficar acima de 0,80 a escala pode ser considerada válida do ponto de vista de seu conteúdo. Do mesmo modo, busca-se CVC superior a 0,80 para Pertinência e Clareza como um todo e para cada item em separado. As análises foram conduzidas no Microsoft Excel.

## Resultados

A versão final avaliada pelos juízes obteve um CVC global de 0,902. O CVC específico para pertinência do item em face do construto que pretende avaliar mostrou um valor de 0,902, mesmo resultado do CVC para a clareza do item, isto é, se ele é de fácil entendimento para a população que será avaliada pelo instrumento. Apesar da média do CVC para os juízes ter sido de 0,903, a ponderação em função do número de juízes ( $n=5$ ) foi de 0,001, o que comprometeu muito pouco o resultado da escala.

A tabela 1 apresenta a versão final de cada um dos itens do QCEI, o CVC da adequação do item ao construto (CVC Pertinência) e o CVC acerca da facilidade de compreensão do item pela população-alvo (CVC Clareza). Dentre os itens que obtiveram valores abaixo do ponto de corte de 0,80 que podem ser, portanto, questionados em relação ao seu processo de adaptação e/ou validade de conteúdo são: item 3 "Nós todos temos as mesmas crenças" que obteve CVC Pertinência de 0,72 e CVC Clareza de 0,76; e o item 7 "Nós nos reunimos bastante" que obteve CVC Clareza de 0,76, mas ficou dentro do ponto de corte para o CVC Pertinência apresentando resultado de 0,80. Os demais itens da escala permaneceram dentro do critério estabelecido pela literatura.

**Tabela 1.** Itens do QCEI adaptados para a cultura brasileira e valores dos resultados para o CVC Pertinência e CVC Clareza.

Perguntas	CVC Pertinência	CVC Clareza
1. (T) Todos os membros de nossa equipe compartilham dos mesmos objetivos.	0.84	0.88
2. (S) Eu convido meus colegas de equipe para fazer coisas comigo.	0.96	0.96
3. (T) Nós todos temos as mesmas crenças.	0.72	0.76
4. (S) Alguns dos meus melhores amigos estão nesta equipe.	0.96	0.96
5. (T) Eu gosto da maneira pela qual trabalhamos juntos como uma equipe.	0.88	0.88
6. Nossa equipe não trabalha bem junto.	0.96	0.96
7. (S) Nós nos reunimos bastante.	0.80	0.76
8. (T) Como uma equipe, nós somos unidos.	0.96	0.96
9. (S) Eu telefono ou mando mensagem muitas vezes para os meus colegas de equipe.	0.80	0.92
10. (T) Minha equipe me dá a oportunidade de melhorar minhas habilidades.	0.92	0.92
11. (S) Eu gosto de passar tempo com meus companheiros de equipe.	0.96	0.96

Continua

Perguntas	Continuação	
	CVC Pertinência	CVC Clareza
12. Eu não me dou bem com meus companheiros de equipe.	1.00	1.00
13. (S) Quando a temporada acabar, eu continuarei em contato com meus companheiros de equipe.	0.92	0.88
14. (S) Nós permanecemos unidos mesmo quando não estamos jogando.	0.88	0.80
15. (T) Nós gostamos da maneira pela qual trabalhamos juntos como uma equipe.	0.92	0.88
16. (T) Durante os jogos, todos nós nos entendemos bem.	0.96	0.96

**Nota:** As letras entre parênteses antes de cada item representam o fator ou dimensão ao que o item supostamente pertence: (S) coesão social; (T) coesão da tarefa; e sem letras são os itens que avaliam desejabilidade social.

## Discussão

No processo de tradução e validação transcultural de um instrumento ou de testes psicométricos deve haver a preocupação de verificar se este está compatível com o original (Hambleton, 2005). Os resultados, aqui apresentados, apontaram para qualidade dentro do padrão segundo o critério adotado no processo de adaptação cultural para o Brasil do QCEI em face de sua validade de conteúdo (Filgueiras *et al.*, 2015). Borsa *et al.* (2012) alertam para os riscos futuros de instrumentos mal adaptados e recomendam uma série de procedimentos para que o instrumento não seja somente traduzido, mas esteja de acordo com as particularidades da cultura em que se pretende utilizar o instrumento. Essas recomendações foram exaustivamente estudadas em diferentes pesquisas de adaptação transcultural e contribuem no sentido de permitir a comparação e identificação de potencialidades de um mesmo construto em diferentes países.

Caso a medida fosse única e específica de uma dada cultura, a inferência dos resultados ficaria comprometida do ponto de vista científico, uma vez que o construto psicológico que *a priori* é um fenômeno humano deixaria de sê-lo para se tornar um fenômeno unicamente cultural. Nesse sentido, diversos estudos mostram que a coesão é importante em diferentes contextos culturais com resultados relativamente semelhantes. Em um estudo que comparou grupos de estadunidenses e russos no ambiente corporativo os resultados sugeriram que, independente da origem cultural do grupo, a coesão é um fator preponderante na performance (Matveev & Nelson, 2004). Do mesmo modo, há evidências que apontam que o desempenho de grupos etnicamente heterogêneos depende muito mais da coesão entre os participantes do que do nível de proximidade ou semelhança entre as culturas das etnias dos integrantes (Mach & Baruch, 2015). Portanto, desenvolver um instrumento que avalia coesão grupal no esporte entre crianças adaptado culturalmente, mas respeitando o construto original parece uma empreitada que o presente estudo buscou atingir em face dos resultados obtidos (Filgueiras *et al.*, 2015) e baseado nos procedimentos adotados (Borsa *et al.*, 2012).

Contudo, apesar do resultado global da escala ter mostrado valores acima do ponto de corte, dois itens se apresentaram comprometidos em relação à sua validade de conteúdo: item 3 "Nós todos temos as mesmas crenças" e o item 7 "Nós nos reunimos bastante". Os itens apresentaram problemas no CVC, mas podem estar apresentando problemas em ques-

tões que vão além da validade de conteúdo. Um exame mais profundo será necessário em cada item para levantar hipóteses acerca das causas que possam ter originado o comprometimento no índice estatístico escolhido.

Em relação ao item 3 "Nós todos temos as mesmas crenças", o conceito de crença parece ser a questão central para os juízes. Um destes, em suas observações sugeriu a utilização de uma expressão contendo o verbo "acreditar" por entender que crianças entre 09 e 12 anos teriam dificuldades em avaliar questões referentes a "crenças". Outro se preocupou com a falta de familiaridade que as crianças poderiam ter com o termo.

Mesmo que o item tenha apresentado valores abaixo do ponto de corte, esse fenômeno não comprometeu o valor do CVC global que se manteve dentro dos padrões. Nesse caso, optou-se por retornar ao autor do instrumento original. Segundo Heuza e Fontayne (2002), quando há ambiguidade na tradução de um item deve-se buscar a versão original. Via correio eletrônico foi apresentado o impasse e questionado o sentido do termo, que no original encontra-se como "*beliefs*". Este respondeu que o objetivo essencial era verificar se possuem os/as mesmas/os "*values*", "*opinions*" ou "*attitudes*"; isto é: valores, opiniões ou atitudes. Deste modo optou-se pelo termo opiniões e o item ficou com a seguinte construção: "Nós todos temos as mesmas opiniões".

Em relação ao item 7 "Nós nos reunimos bastante", o movimento inicial se repetiu e as avaliações dos juízes foram revisitados. Porém, desta vez, nenhuma observação foi encontrada e por este motivo um novo contato via correio eletrônico foi realizado. Neste havia uma explicação quanto ao valor de CVC encontrado e uma solicitação quanto a sugestão para o mesmo. A partir das respostas percebeu-se que mais uma vez o impasse se encontrava no uso cultural da linguagem. Foi apontado que devido ao uso informal do termo "*get together*" na língua inglesa, a sugestão seria trocar o verbo "reunimos" por "encontramos". A partir então da análise dos próprios juízes a construção final do item ficou "Nós nos encontramos bastante".

### **Limitações do Estudo e Futuras Direções**

Apesar dos resultados sugerirem que a adaptação transcultural foi adequada e a validade de conteúdo está assegurada, o presente artigo não apresenta resultados psicométricos. A coleta de dados em amostra de pelo menos 160 participantes, respeitando a proporção de 10 vezes o número de itens recomendado pela literatura técnico-científica (Filgueiras *et al.*, 2015) é necessária para análise da validade convergente, divergente, discriminante e de critério, bem como estudos de análise fatorial exploratórias e confirmatórias. Os próximos passos, portanto, são as investigações de validade, de estrutura fatorial e de fidedignidade a partir de indicadores recomendados pela Psicometria com base na Teoria Clássica dos Testes.

## Referências

- Allen, J. B. (2006). The perceived belonging in sport scale: Examining validity. *Psychology of Sport and Exercise*, 7, 387-405. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2005.09.004>.
- Bernardes, A. G., Yamaji, B. H. S., e Guedes, D. P. (2015). Motivos para prática de esporte em idades jovens: Um estudo de revisão. *Motricidade*, 11 (2), 163-173. doi: <http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.3066>.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., e Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos entre Culturas: Algumas Considerações. *Paidéia*, 22 (53), 423-432. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201314>.
- Carron, A. V., Widmeyer, W. N., & Brawley, L. R. (1985). The development of an instrument to assess cohesion in sport teams: The Group Environment Questionnaire. *Journal of Sport Psychology*, 7, 244-266.
- Carron, A. V., Brawley, L. R., & Widmeyer, W. N. (1998). The measurement of cohesiveness in sport groups. In: J. L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 213-226). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.
- Carron, A. V., & Hausenblas, H. A. (1998). *Group dynamics in sport*. (2nd ed.). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.
- Carron A. V., Colman M. M., Wheeler, J., & Stevens D. (2002) Cohesion and performance in sport: a meta-analysis. *Journal of Sport and Exercise Psychology* 24,168-188
- Carron A. V., & Brawley L. R. (2012). Cohesion Conceptual and Measurement Issues. *Small Group Research*, 43 (6), 726-743. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1046496412468072>.
- Drescher, S., Burlingame, G., & Fuhrman, A. (1985). Cohesion: An odyssey in empirical understanding. *Small Group Research*, 16, 3-30. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/104649648501600101>.
- Donkers, A. L., Martin, L. J., Paradis, K. F., & Anderson, S. (2015). The social environment in children's sport Cohesion, social acceptance, commitment, and enjoyment. *International Journal of Sport Psychology*, 45, 1-18. doi: <http://dx.doi.org/10.7352/IJSP>.
- Erickson, K., & Côté, J. (2016). A season-long examination of the intervention tone of coach-athlete interactions and athlete development in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 22, 264 - 272. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychsport.2015.08.006>.
- Estabrooks, P. A. & Carron, A. V. (2000). The Physical Activity Group Environment Questionnaire: An instrument for the assessment of cohesion in exercise classes. *Group Dynamics: Theory, Research and Practice*, 4, 230-243. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/1089-2699.4.3.230>.
- Eys, M. A., Loughead, T. M., Bray, S. R., & Carron, A. (2009). Development of cohesion questionnaire for youth: The Youth Sport Environment Questionnaire. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 31, 390-408.

Eys, M. A., Martin, L. J., Ohlert, J., Wolf, S. A., Van Bussel, M., & Steins, C. (2015). Cohesion and Performance for Female and Male Sport Teams. *The Sport Psychologist*, 29, 97-109. doi: <http://dx.doi.org/10.1123/tsp.2014-0027>.

Filgueiras, A., Galvão, B. de O., Pires, P., Fioravanti-Bastos, A. C. M., Hora, G. P. R., Santana, C. M. T., & Landeira-Fernandez, J. (2015). Tradução e adaptação semântica do Questionário de Controle Atencional para o Contexto Brasileiro. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32 (2), 173-185. doi: <http://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200003>.

Filho, E., Dobersek, U., Gershgoren, L., Becker, B., & Tenenbaum, G. (2014). The cohesion-performance relationship in sport: a 10-year retrospective meta-analysis. *Sport Science Health*, 10, 165-177. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s11332-014-0188-7>.

Gully, S. M., Devine, D. J., & Whitney, D. J. (1995). A meta-analysis of cohesion and performance: Effects of level of analysis and task interdependence. *Small Group Research*, 26, 497-521. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1046496495264003>.

Hambleton, R. K., Merenda, P., & Spielberger, C. (2005). *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment*. Hillsdale, NJ: Lawrence S. Erlbaum Publishers.

Heuze, J. P. & Fontayne, P. (2002). Questionnaire sur l'Ambiance du Groupe: A French- Language Instrument for Measuring Group Cohesion. *Journal of sport & exercise psychology*, 24, 42-67.

Leo, F. M., Gonzalez-Ponce, I., Sanchez-Oliva, D., Pulido, J. J., & Garcia-Calvo, T. (2015). Adaptation and validation in Spanish of the Group Environment Questionnaire (GEQ) with professional football players. *Psicothema*, 27 (3), 261-268. doi: <http://dx.doi.org/10.7334/psicothema2014.247>.

Mach, M., & Baruch, Y. (2015). Team performance in cross cultural project teams: The moderated mediation role of consensus, heterogeneity, faultlines and trust. *Cross Cultural Management: An International Journal*, 22 (3), 464-486. doi: <http://dx.doi.org/10.1108/CCM-10-2014-0114>.

Martin, L. J., Carron, A. V., Eys, M. A., & Loughhead, T. M. (2012). Development of a cohesion inventory for children's sport teams. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 16, 68-79. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0024691>.

Martin, L. J., Carron, A. V., Eys, M. A., & Loughhead, T. M. (2013). Validation of the Child Sport Cohesion Questionnaire. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 17, 105-119. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/1091367X.2013.761023>.

Matveev, A. V., & Nelson, P. E. (2004). Cross Cultural Communication Competence and Multicultural Team Performance Perceptions of American and Russian Managers. *International Journal of Cross Cultural Management*, 4 (2), 253-270. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1470595804044752>.

Nascimento Jr, J. R. A., Vieira, L. F., Rosado, A. F. B., & Serpa, S. (2012). Validação do questionário de ambiente de grupo (GEQ) para a língua portuguesa. *Motriz*, 18, 770-782. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-65742012000400015>.

Ohlert, J., Kleinknecht, C., & Kleinert, J. (2015). Group cohesion reworded: measuring group cohesion perceptions in sport. *Sportwiss.* 45, 116–126. doi:<http://dx.doi.org/10.1007/s12662-015-0364-1>.

Pescosolido, A. T. & Saavedra, R. (2012). Cohesion and Sports Teams: A Review. *Small Group Research*, 43 (6), 744–758. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1046496412465020>.

Ricard, M. (2015). *A revolução do altruísmo*. São Paulo, SP: Palas Atena.

Yalom, I. D. & Leszcz, W. M. (2005). *The theory and practice of group psychotherapy*. (5th ed.) New York: Basic Books.

Whitton, S. M. & Fletcher, R. B. (2014). The Group Environment Questionnaire: A Multilevel Confirmatory Factor Analysis. *Small Group Research*, 45, 68–88. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1046496413511121>.